

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Área de concentração: Processos Psicossociais

Raquel Mieco Minini

**CORPO QUE SE MARCA PELO FOGO: Implicações subjetivas**

Belo Horizonte  
2020

Raquel Mieco Minini

**CORPO QUE SE MARCA PELO FOGO: Implicações subjetivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilka Franco Ferrari

Área de concentração: Processos Psicossociais

Belo Horizonte

2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M665c Minini, Raquel Mieco  
Corpo que se marca pelo fogo: implicações subjetivas / Raquel Mieco  
Minini. Belo Horizonte, 2020.  
127 f.

Orientadora: Ilka Franco Ferrari  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Atuação (Psicologia). 2. Marcas corporais. 3. Queimadura - Complicações e sequelas. 4. Corpo humano - Aspectos simbólicos. 5. Fogo - Aspectos psicológicos. 6. Imagem corporal. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Raquel Mieco Minini

**CORPO QUE SE MARCA PELO FOGO: Implicações subjetivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais

---

Profª. Dra. Ilka Franco Ferrari – PUC Minas (Orientadora)

---

Profª. Dra. Cristina Moreira Marcos – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Profª. Dra. Renata Damiano Riguini – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 24 de março de 2020.

*Para Rafael*

## AGRADECIMENTOS

*A CAPES, pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a realização deste trabalho.*

*À minha orientadora, professora Dra. Ilka Franco Ferrari, pelas orientações precisas, considerações e pelo aprendizado ao longo desse caminho.*

*Às professoras Cristina Moreira Marcos e Renata Damiano Riguini, por aceitarem compor as bancas da minha qualificação e da minha defesa e pelas valiosas considerações e sugestões.*

*À professora Jacqueline de Oliveira Moreira, por aceitar ser suplente na banca da minha defesa.*

*À professora Aline Aguiar Mendes Vilela, por ter me acolhido no estágio em docência e pela generosidade em seu ensino.*

*A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas, por compartilharem os seus saberes.*

*Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas, em especial ao Diego Eduardo e ao Marcelo, pelo carinho e por todo o auxílio prestado.*

*Aos alunos e colegas do curso de mestrado e doutorado, pelas ricas discussões compartilhadas, em especial à Luciene Aparecida Silva, Erilda Jovanina da Silva e Alexandra Oliveira Martins, pelas parcerias que surgiram durante o curso e que espero que se estendam pela vida.*

*À Lídia Elias, coordenadora da Unidade de Apoio ao Paciente, pela ajuda e pelo incentivo concedido para que eu pudesse me capacitar.*

*Ao Rafael, minha inspiração, pelo carinho, dedicação, incentivo e companheirismo.*

*Aos meus pais, Helena e Osvaldo, por sempre acreditarem em minha capacidade.*

*Às amigas “do coração”, Mariana Melo, Luciene Lopes e, em especial, Luciana Almeida Santos e Fernanda de Assis Andery.*

*Às amigas Luciana Marino Pena Santos e Juliana Aparecida Correa Nunes Feitosa, por trazerem mais leveza aos meus dias durante essa jornada.*

*À Mônica Martins de Godoy Fonseca, que, com sua escuta, me ajuda a sustentar meu desejo.*

*Aos sujeitos que aceitaram participar dessa pesquisa.*

## RESUMO

Esta dissertação tem como tema possíveis implicações subjetivas que marcas de queimaduras, provocadas pelo próprio sujeito, podem acarretar em sua vida. Estabeleceu-se, como objetivo geral, pesquisar implicações subjetivas, ou seja, consequências psicológicas, advindas das marcas que o sujeito carrega em seu corpo por ter lhe ateadado fogo. Os objetivos específicos delimitados visaram articular, a partir das falas dos sujeitos, os recursos teóricos necessários que possibilitassem a compreensão de consequências psicológicas relativas às marcas que o sujeito carrega em seu corpo por ter lhe ateadado fogo, com especial atenção ao fato de ser um ato que, posteriormente, resulta em marcas e cicatrizes; circunscrever a concepção de ato, dentro da teoria psicanalítica, para compreender possíveis desdobramentos do ato de atear fogo no próprio corpo; e circunscrever a noção de corpo, a partir de formalizações psicanalíticas. O campo teórico / prático que sustentou as discussões e o método norteador do trabalho é a psicanálise. Foram entrevistados cinco sujeitos, ex-pacientes atendidos pela pesquisadora no hospital em que trabalha, moradores da Região Metropolitana de Belo Horizonte. As entrevistas foram realizadas individualmente, nos moldes de entrevista semiestruturada, que permitiu a livre associação dos entrevistados e o relançar de novas questões, favorecendo esclarecimentos. Diante das informações obtidas, buscou-se, com base em certo princípio de classificação, extrair categorias, cuja abrangência supõe certo universal, com o cuidado de preservar a atenção para o particular e o singular de cada caso. As categorias, extraídas das falas dos entrevistados, orientaram a discussão teórica. São elas: transformações subjetivas, marcas invisíveis e marcas disponíveis ao olhar. Cada capítulo desenvolveu um dos objetivos específicos. Os resultados mostraram que o ato de provocar as queimaduras atinge o corpo do sujeito, recriando bordas e limites, e isso implica que sujeito e Outro também sejam transformados, recriados. Observou-se que, ao atingir a carne, as queimaduras trazem à luz do olhar o que está por trás do véu da imagem constituída pela fantasia, o horror do objeto. Nesse sentido, concluiu-se que as queimaduras são as marcas que se inscreveram no real do corpo do sujeito, e são também as marcas do real nesse corpo.

**Palavras-chave:** Queimaduras. Passagem ao ato. *Acting out*. Corpo. Marcas corporais.

## ABSTRACT

This dissertation has as its theme possible subjective implications that marks of burns, caused by the subject himself, can have on his life. It was established, as a general objective, to research subjective implications, that is, psychological consequences, arising from the marks that the subject carries in his body for having set him on fire. The specific objectives defined aimed to articulate, from the subjects' speeches, the necessary theoretical resources that would enable the understanding of psychological consequences related to the marks that the subject carries on his body for having set him on fire, with special attention to the fact that it is an act which subsequently results in marks and scars; circumscribe the concept of the act, within psychoanalytic theory, to understand possible consequences of the act of setting fire on his own body; and circumscribe the notion of body, based on psychoanalytic formalizations. The theoretical / practical field that supported the discussions and the guiding method of the work is psychoanalysis. Five subjects were interviewed, ex-patients attended by the researcher at the hospital where she works, residents of the Metropolitan Region of Belo Horizonte. The interviews were conducted individually, along the lines of a semi-structured interview, which allowed the free association of the interviewees and the relaunch of new questions, favoring clarifications. In view of the information obtained, it was sought, based on a certain principle of classification, to extract categories, the scope of which assumes a certain universal, with care to preserve attention to the particular and singular of each case. The categories, extracted from the interviewees' statements, guided the theoretical discussion. They are: subjective transformations, invisible marks and marks available to the eye. Each chapter developed one of the specific objectives. The results showed that the act of causing the burns affects the subject's body, recreating borders and limits, and this implies that the subject and the Other are also transformed, recreated. It was observed that, upon reaching the flesh, the burns bring to light the look of what is behind the veil of the image constituted by fantasy, the horror of the object. In this sense, it was concluded that burns are the marks that are inscribed in the real of the subject's body, and are also the marks of the real in that body.

**Keywords:** Burns. Passing to the act. *Acting out*. Body. Body marks.

## **LISTA DE SIGLAS**

FHEMIG - Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PUC MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SIGH - Sistema Integrado de Gestão Hospitalar

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>1 CONTEXTO</b> .....	<b>29</b>
1.1 <i>O que se pode dizer dos sujeitos da pesquisa</i> .....	30
1.1.1 Entrevistada 2013 .....	31
1.1.2 Entrevistado 2015 .....	33
1.1.3 Entrevistado 2016 .....	35
1.1.4 Entrevistada 2017 .....	38
1.1.5 Entrevistado 2018 .....	39
1.2 <i>As queimaduras</i> .....	42
1.3 <i>O que se pode dizer sobre o fogo, a partir da teoria psicanalítica</i> .....	45
1.3.1 O fogo e o sexual .....	50
<b>2 TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS: O QUE SE PODE DIZER SOBRE O ATO</b> <b>59</b>	
2.1 <i>Acting out</i> .....	67
2.2 <i>Passagem ao ato</i> .....	70
2.2.1 Passagem ao ato na psicose .....	75
<b>3 CORPOS MARCADOS PELO FOGO</b> .....	<b>79</b>
3.1 <i>Organismo e corpo</i> .....	80
3.2 <i>Imagem e Corpo</i> .....	84
3.2.1 O estágio do espelho como formador da função do eu .....	86
3.3 <i>Corpo marcado pelo significante: o corpo simbólico</i> .....	90
3.4 <i>O corpo no registro do Real</i> .....	93
3.4.1 O corpo que goza .....	95
3.5 <i>O corpo como superfície de escrita</i> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema possíveis implicações subjetivas que marcas de queimaduras, provocadas pelo próprio sujeito, podem acarretar em sua vida. Trata-se de pesquisa qualitativa, que se caracteriza como uma metodologia cujo objetivo é atingir uma análise detalhada sobre as investigações realizadas, dando atenção ao conteúdo psicossocial dos dados obtidos, conforme esclarecem Lakatos e Marconi (2006). Em linguagem própria do campo psicanalítico, ela é uma pesquisa em psicanálise.

A prática clínica, realizada pela pesquisadora há sete anos, em uma unidade hospitalar de referência ao atendimento a grandes e médias queimaduras, tem ensinado que, nesses casos, ademais dos fatores que implicam o organismo e a saúde pública, é preciso levar em conta as implicações subjetivas que entram em jogo. Nos atendimentos psicológicos aos pacientes e suas famílias, e também nos atendimentos e orientações psicológicas à equipe multiprofissional, quando necessário; somados à participação em discussões multidisciplinares, que são cruciais no caso do paciente queimado, isto tem sido cada vez mais evidenciado.

No trabalho da pesquisadora com pessoas que sofreram queimaduras, foi possível observar diferentes modos de o sujeito lidar com elas, com suas causas e com as cicatrizes e sequelas resultantes das mesmas. Ao considerar ser possível que a intenção de morte nem sempre guia o sujeito no momento de seu ato, não se pode ignorar que, no ato de atear fogo no corpo, neste aceno para a busca da morte, sem concretizá-la, há outra dimensão que pode ser lida. Essas observações fizeram surgir a pergunta norteadora desta dissertação: o que se pode dizer acerca de implicações subjetivas, ou seja, das consequências psicológicas, advindas das marcas que o sujeito carrega em seu corpo por ter lhe ateadado fogo?

O objetivo geral deste trabalho foi, portanto, pesquisar implicações subjetivas, ou seja, consequências psicológicas, para o sujeito, advindas das marcas que ele carrega em seu corpo por ter lhe ateadado fogo. Os objetivos específicos foram delimitados no sentido de articular, a partir das falas dos sujeitos entrevistados, os recursos teóricos necessários que possibilitassem a compreensão de consequências psicológicas, para o sujeito, relativas às marcas que ele carrega em seu corpo por ter lhe ateadado fogo, com especial atenção ao fato de ser um ato que, posteriormente, resulta em marcas e cicatrizes; circunscrever a concepção de ato, dentro da teoria psicanalítica, para compreender possíveis desdobramentos do ato de atear fogo no próprio corpo;

e circunscrever a noção de corpo, a partir de formalizações psicanalíticas lacanianas, servindo-se de contribuições de Freud a respeito da temática.

O campo teórico / prático que sustenta as discussões e o método norteador do trabalho é a psicanálise. Freud (1923 [1922] /1996)<sup>1</sup>, nos *Dois verbetes de enciclopédia* afirma:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1996, p. 253).

Freud (1996) deixa claro que a psicanálise tem, em suas raízes, indissociavelmente a vocação para a produção científica e que, portanto, a prática e a produção da teoria caminham juntas, uma exercendo poder de transformação sobre a outra. O nexo entre prática clínica e investigação também é evocado por Gallo (2012), dentre outros autores, ao considerar que a psicanálise não pode ser reduzida a uma terapêutica nem a formalizações puramente teóricas, pois se trata de uma conjunção dinâmica dos dois aspectos, o que faz dela uma disciplina em movimento. No campo da pesquisa a palavra “método” evoca rota a percorrer, ou, nas palavras do autor, caminho que deve ser desenhado de antemão para que se possa alcançar um fim. Dessa maneira, para ele, no campo da pesquisa qualitativa, assim como no campo da investigação em psicanálise, o sujeito se configura como o ponto de partida dessa rota a ser traçada: sujeito singular, do inconsciente, em que a divisão não é contingente, mas, constituinte.

Com base em suas leituras lacanianas e millerianas, Gallo (2012) ensina que a posição, tanto do psicanalista clínico, como a do investigador em psicanálise deve ser a da douta ignorância, de forma a dar espaço ao que de novo pode surgir. Isso não exclui a necessidade de o investigador realizar um trabalho prévio, de forma a verificar o estado da questão em que se localiza o tema a ser pesquisado e a evidenciar o problema da pesquisa, desde que mantendo uma postura ética de não saber, ou, em suas palavras, um semblante de ignorância. O conhecimento acumulado serve como bússola para levar à orientação de algo que possa ser novo, visto que ele comporta em si uma dimensão de vazio de saber, para a qual a totalidade e a unidade são apenas ilusões:

[...] em uma investigação na qual a posição teórica e metodológica é regida pela psicanálise, uma dialética deve ser mantida entre a vertente do acumulado – estado da

---

<sup>1</sup> A data entre colchetes indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes será registrada apenas a data da edição consultada pela autora.

questão - e a do novo – desenvolvimento do trabalho [...] O estilo que se propõe como predominante em psicanálise, do ponto de vista da pesquisa, é um estilo *problematizador* e de mobilidade, não de repetição. (GALLO, 2012, p. 79-80, grifo do autor, tradução nossa).<sup>2</sup>

Nesta pesquisa procedeu-se desta forma, considerando ser crucial ouvir as falas dos entrevistados como privilegiadas na direção do novo. Gallo (2012) alerta que a precisão na pesquisa psicanalítica não está relacionada com a quantificação, com objetos já dados ou substâncias e matérias, nem com a crença em uma verdade objetiva passível de conhecimento e definida por fatos, uma vez que seu objeto é o sujeito falante. Assim, “[...] deve-se buscar a precisão no campo da linguagem e ordenar o campo dos fenômenos a partir de uma hipótese, por exemplo, que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, ou, que não há relação sexual.” (GALLO, 2012, p. 87, tradução nossa).<sup>3</sup>

A precisão em psicanálise, portanto, diz respeito a uma perspectiva ética do bem dizer, que busca excluir a imprecisão na palavra e na argumentação, e que, dessa forma, se orienta mais pelo detalhe do que pelo geral, mais pelo singular do que pelo universal. Ela é guiada pela lógica do discurso do sujeito e, portanto, a palavra pode ser tomada como um dado: “Aqui, o mais importante não são os fatos, mas o que o sujeito consegue nomear desses fatos, sejam reais ou fantasiados, e a formalização rigorosa da questão.” (GALLO, 2012, p. 91, tradução nossa)<sup>4</sup>.

A psicanálise, desde o seu início, interessa-se pelas questões subjetivas, levando em consideração a sua relação com a cultura e com o laço social. Lacan [1953] / (1986) chegou a alertar que deve renunciar à prática da psicanálise aquele que não alcançar em seu horizonte a subjetividade da época, o que revela a atenção com o contexto social e político com que se trabalha, e, se não torna de mais fácil compreensão as transformações que sua teoria vai sofrendo, ao longo das décadas, deixa claro que Lacan não é um autor que pode ser compreendido de forma estagnada: “Na mesma página dos Escritos ou na mesma lição de um Seminário, sempre existem

<sup>2</sup> [...] en una investigación donde la postura teórica y metodológica se rige por el psicoanálisis, hay que mantener una dialéctica entre la vertiente de lo acumulado - estado de la cuestión - y la de lo nuevo - desarrollo del trabajo [...] El estilo que se propone como predominante en el psicoanálisis, desde el punto de vista investigativo, es un estilo *problematizador* y de movilidad, no de repetición.

<sup>3</sup> [...] hay que buscar la precisión en el terreno del lenguaje y ordenar el campo de los fenómenos a partir de una hipótesis, por ejemplo, que el inconsciente está estructurado como un lenguaje, o que no hay relación sexual.

<sup>4</sup> Aquí lo más importante no son los hechos sino lo que el sujeto logra nombrar de esos hechos, sean reales o fantaseados, y la formalización rigurosa de la pregunta.

pequenos deslocamentos que já traduzem o esboço da espiral.” (MILLER, 1999, p. 39-40).

Nesta dissertação, portanto, não se trata de admitir, *a priori*, consequências psicológicas de marcas ocasionadas pelo ato de atear fogo ao corpo, nem a pressuposição de construtos ou de representações previamente estabelecidos. Interessa a dinâmica psíquica implicada nos possíveis desdobramentos do ato de atear fogo no corpo, que resultam em marcas visíveis para o sujeito.

Assim, assumindo o não saber que se apresentava, em posição de douda ignorância, foram escutados cinco sujeitos, valorizando as falas em suas singularidades (tais como seleção lexical, pausas no discurso, esquecimentos, atos falhos, etc.), já que a palavra permite localizar a posição subjetiva dos sujeitos e, assim, à realidade psíquica dos que são escutados, naquilo que lhes era possível dizer, naquele momento. O excepcional, o detalhe e aquilo que é menos típico foram tomados como indícios da presença do sujeito.

A seleção dos sujeitos foi realizada através de critério de conveniência, neste caso, ex-pacientes atendidos pela pesquisadora no hospital em que trabalha, moradores da Região Metropolitana de Belo Horizonte, como forma de favorecer o acesso a eles. Seus contatos foram retirados do Sistema Integrado de Gestão Hospitalar (SIGH) com o consentimento da diretoria do hospital, após submissão e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). Diante da seleção dos que cumpriam este critério de base, os nomes foram selecionados, aleatoriamente, tendo como recortes a idade igual ou superior a 18 anos e que tenham sido hospitalizados em razão de queimaduras provocadas por eles próprios, no período de 2012 a 2018, período em que a pesquisadora atua no hospital.

Dentre os ex-pacientes atendidos pela pesquisadora, foram selecionados seis referentes ao ano de 2012; sete ex-pacientes no ano de 2013; cinco ex-pacientes do ano de 2014; cinco ex-pacientes referentes ao ano de 2015; oito ex-pacientes no ano de 2016; dezessete ex-pacientes no ano de 2017 e quatro ex-pacientes no ano de 2018. Após esse refinamento, foi selecionado um sujeito por ano do período de recorte para estudo, de forma aleatória. Esse recorte da população pode ser considerado suficiente para o almejado neste trabalho, uma vez que se trata de um estudo qualitativo, ou seja, não se trata de projetar, generalizar dados nem resultados a respeito de uma população, mas, de construir informações possíveis de transferibilidade para situações semelhantes, o que é próprio de uma pesquisa qualitativa, a partir da escuta da singularidade de

cada um. Além disso, por se tratar de uma pesquisa em psicanálise, não se trata aqui de identificar e verificar todos os possíveis tipos de representações e de simbolismos ligados ao ato de provocar queimaduras, de forma a esgotar o tema. Isso seria da ordem da impossibilidade, ao considerar a história particular e a singularidade de cada sujeito.

Os sujeitos foram contatados primeiramente por telefone e foram convidados a participar, de forma voluntária, da pesquisa, quando foram informados a respeito de sua temática e de seus objetivos. Quando o ex-paciente selecionado não pôde ser localizado com os dados colhidos do SIGH, foi feita uma nova seleção dentre os ex-pacientes referentes ao mesmo ano de hospitalização e atendimento pela pesquisadora e feito o contato.

Dos seis ex-pacientes referentes ao ano de 2012, apenas uma foi encontrada. Inicialmente, a ex-paciente manifestou interesse em participar da pesquisa e foram agendados quatro encontros presenciais, todos posteriormente desmarcados por ela. Na última ocasião em que ela desmarcou o encontro lhe foi oferecida a oportunidade de entrar em contato quando houvesse disponibilidade, para reagendar a entrevista, o que não aconteceu, inviabilizando a sua participação na pesquisa.

Dos cinco ex-pacientes do ano de 2014, três não foram encontrados e os outros dois haviam falecido, o que impossibilitou a realização de entrevista referente a esse período. Dessa maneira, participaram da pesquisa cinco sujeitos, duas mulheres, identificadas nesta dissertação como entrevistada 2013 e entrevistada 2017, e três homens, identificados como entrevistado 2015, entrevistado 2016 e entrevistado 2018, em referência ao ano de hospitalização de cada um deles e de forma a preservar o sigilo de suas identidades. Os entrevistados têm idades entre 20 e 61 anos.

Foram agendados encontros presenciais, em local previamente definido, ocasião em que novamente esclareceu-se a pesquisa e, em concordância, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permanecendo uma cópia com a pesquisadora e outra com o sujeito da pesquisa. Duas entrevistas foram realizadas no hospital em que trabalha a pesquisadora, duas aconteceram na residência dos sujeitos e uma foi realizada em uma unidade de saúde do município de residência da participante, a pedido dela.

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas com a anuência dos participantes, nos moldes de “entrevista semiestruturada” de acordo com Flick (2009), já que elas permitem a livre associação dos entrevistados e o relançar de novas questões, pertinentes à

história de cada qual, favorecendo esclarecimentos. Conforme explica Ramírez (2012), em uma pesquisa em psicanálise, não se trata de mera transposição do método utilizado na clínica, mas sim de proceder à semelhança dele, buscando o sintoma ou aqueles significantes que o sujeito utiliza para dizer de seu sofrimento. Nas perguntas feitas aos ex-pacientes houve o cuidado de escutar a história de vida de cada sujeito, contada da forma como lhe parecesse melhor, o que aconteceu para que ele se internasse em razão das queimaduras, como estava o tratamento das queimaduras naquele momento, seus cuidados ou tratamento das marcas das queimaduras no momento, o que ele poderia dizer acerca das marcas das queimaduras que ficaram em seu corpo, e seu funcionamento na vida atual, deixando sempre espaço para que se pudessem acrescentar informações.

Buscaram-se também informações nos prontuários clínicos, armazenados no SIGH, nos quais são encontrados registros de toda a equipe multiprofissional, como medida para incorporar significantes significativos na história dos sujeitos, suas marcas singulares, dentro do universal de queimados que atearam fogo no corpo. Cuidou-se para neles escutar não um saber referencial que ali poderia estar presente, mas o saber textual que expressava o particular e singular de cada qual, já que não havia a preocupação de construção de tipologia.

É necessário esclarecer, por exemplo, que nos prontuários clínicos pesquisados, as queimaduras provocadas pelos próprios indivíduos podem aparecer descritas como acidentes, sendo a natureza das queimaduras posteriormente revelada como provocadas por eles próprios, ou também com a motivação denominada “tentativa de autoextermínio”. De acordo com Botega (2015), a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu, no final da década de 1960, o comportamento suicida como todo ato pelo qual um indivíduo causa lesão a si mesmo, independente do grau de intenção letal e do verdadeiro motivo desse ato, compreendendo-o ao longo de um *continuum* (que passa por pensamentos de morte, ameaças, atitudes e tentativas, bem como o próprio suicídio) e considerando-o um fenômeno multifatorial, multideterminado e transacional. É uma temática extremamente relevante no que diz respeito à área da saúde pública e mais pesquisas devem ser produzidas abarcando o assunto, entretanto, ao ter como necessário um recorte para estudo, este trabalho aborda implicações subjetivas das marcas resultantes do ato lesivo de se atear fogo, que pode ser ou não uma tentativa de suicídio.

A análise das informações obtidas respeita a proposta de Ramirez (2012), ao falar sobre o método clínico psicanalítico aplicado à pesquisa de fenômenos sociais, comparando o meticuloso

trabalho realizado por Freud na análise de seus casos clínicos: na pesquisa em psicanálise as entrevistas devem priorizar um momento de escuta e, em seguida, um momento de escrita e elaboração, em que se dedica a ler e a pensar, para depois produzir algum material. De forma precisa considera: “De modo análogo, procedemos à análise clínica das entrevistas de pesquisa, das quais não eliminamos, em sua transcrição, nada do discurso falado: lapsos, repetições, reiterações, vícios de linguagem, frases entrecortadas, etc.” (RAMÍREZ, 2012, p. 132, tradução nossa).<sup>5</sup> Assim, nesta dissertação, as entrevistas gravadas foram transcritas pela pesquisadora, preservando a singularidade e a totalidade do discurso e das formas de expressão dos entrevistados.

À semelhança do que Freud buscava assinalar, com notas e sublinhados nos manuscritos de seus casos clínicos, nesse trabalho buscou-se chegar ao que Ramírez (2012) descreve como “categorias emergentes” em pesquisa qualitativa, categorias que não são propriamente psicanalíticas, mas que podem ser pensadas psicanaliticamente, pois podem ser relacionadas e confrontadas, *a posteriori*, com conceitos e formalizações da teoria, trazendo contribuições. Assim, diante das informações obtidas por meio das entrevistas, foi realizada a análise preliminar de cada uma das perguntas, por entrevistado, identificando e agrupando pontos-chave do discurso dos sujeitos, tais como elementos recorrentes das respostas, semelhanças, diferenças, seleção lexical (os significantes escolhidos por eles para dizerem de si), assim como estratos significativos de suas falas.

Procedeu-se, portanto, construindo categorias, buscando certo princípio de classificação, tal como explicado por Miller (2001). Para o autor, uma categoria advém de uma qualidade que, atribuída a um objeto, pode ser convertida em uma classe. Nessa classe, podem ser colocados outros objetos, da mesma natureza, fazendo dela um princípio de classificação. Ele menciona como categorias lacanianas, a exemplo, o real, simbólico, imaginário, e o semblante. Nessa abrangência que supõe certo universal, presente nas repetições evidentes, em todos os casos, cuidou-se, vale repetir, do particular e do singular de cada qual.

A escuta dos sujeitos deixa clara a impossibilidade de se estabelecer tipologias quando se trata do sujeito. As categorias que foram extraídas das falas dos entrevistados orientaram a

---

<sup>5</sup> De modo análogo hemos procedido en el análisis clínico de las entrevistas investigativas, de las que no hemos eliminado en su transcripción nada del discurso hablado: lapsus, repeticiones, reiteraciones, muletillas, frases entrecortadas, etc.

discussão teórica. São elas: transformações subjetivas, marcas invisíveis e marcas disponíveis ao olhar.

A relevância deste trabalho pode ser compreendida a partir das contribuições que ele pode trazer para o campo científico, para o campo das políticas públicas e para os próprios sujeitos da pesquisa. Em revisão de literatura realizada nas bases de dados Google Acadêmico, LILACS, SciELO e BVS, Guimarães, Silva e Arrais (2012) concluíram que a quantidade de pesquisas é escassa no que diz respeito ao trabalho psicológico desenvolvido no atendimento ao paciente queimado, o que se constatou ao realizar esta dissertação. Esses autores associam esse dado à inserção tardia do psicólogo nas equipes hospitalares, e ressaltam a necessidade de se produzir e divulgar o conhecimento, especialmente aquele de manejo, excelência e responsabilidade estritos do profissional psicólogo, o que evidencia a utilidade deste trabalho no que diz respeito à atuação do psicólogo em equipes multidisciplinares hospitalares, em especial em unidades de atendimento especializado de queimaduras.

Segundo Leite (2014), em sua dissertação de mestrado, à época eram encontrados 24 artigos na base de dados da BVS Psicologia ULAPSI Brasil, sendo apenas 8 de produção nacional, e 4 dissertações de mestrado, das quais apenas duas conduzidas por profissionais psicólogos, o que também evidencia a necessidade de mais estudos a respeito da temática. A autora ressalta ainda que a maior parte desses trabalhos foi desenvolvida a partir do referencial da Medicina e com viés epidemiológico. Essa revisão demonstra que estudos abordando a temática das queimaduras ocasionadas por tentativas de suicídio são raros no Brasil, e que o presente trabalho pode contribuir para a produção de novos conhecimentos sobre o tema.

Considera-se, também, que os resultados podem ser úteis para o estabelecimento e / ou funcionamento de políticas públicas no tocante à prevenção e ao tratamento de queimaduras, situação complexa vivenciada pela população brasileira, que afeta não apenas os indivíduos, mas, também suas famílias, tudo indica, de forma grave e permanente. As informações se abrirão para consulta de profissionais da área de saúde mental e da área da clínica médica, no intuito de contribuir para tratamentos possíveis, podendo beneficiar os sujeitos implicados nessa pesquisa com um tratamento que considera as singularidades e particularidades de cada caso.

A dissertação foi dividida em três capítulos e cada capítulo buscou desenvolver um dos objetivos específicos. O primeiro capítulo, “Contexto”, tem como objetivo situar o leitor com relação ao recorte do qual se trata nesta pesquisa. Nele, são apresentados os sujeitos

entrevistados, e parte-se de suas falas para extrair o caminho da articulação com a teoria, para compreender possíveis implicações subjetivas, para o sujeito, relativas às marcas que carrega em seu corpo, por ter lhe ateadado fogo.

Considerou-se que, uma vez que a pergunta que originou a pesquisa surgiu da prática clínica da pesquisadora, que se dá em um setor de hospitalização, seria pertinente que a articulação teórica se iniciasse a partir da delimitação do campo das queimaduras, de forma a esclarecer sobre sua gravidade e seu tratamento, e assim entender suas possíveis [implicações](#). Dessa forma, são elucidadas questões relacionadas às queimaduras, de forma a esclarecer sobre como transcorre o tratamento desse grave dano à saúde e sobre possíveis consequências para aqueles que se queimam. Pensar sobre as queimaduras provocadas de forma intencional, levou à reflexão sobre possíveis significações que o fogo poderia assumir para esses sujeitos. Assim, o elemento fogo, essencialmente implicado na temática da pesquisa, também foi abordado no primeiro capítulo. Percorreram-se os caminhos teóricos pelos quais ele foi estudado sob a ótica da psicanálise.

No segundo capítulo, as transformações do sujeito são trabalhadas com referência ao que elas podem ensinar sobre o ato, em psicanálise, no sentido de que, se o ato acaba com a indeterminação do sujeito, ele só pode ser reencontrado *a posteriori*, renovado. O ato é estudado a partir das elaborações de Freud e de Lacan e das contribuições de autores contemporâneos. Buscou-se delimitá-lo enquanto ato analítico e, principalmente, em suas vertentes de *acting out* e passagem ao ato. A passagem ao ato na vertente psicótica é também abordada, à parte, em razão das particularidades que apresenta nessa estrutura. Ao analisar o discurso dos entrevistados 2015, 2016 e 2018, assim como o da entrevistada 2017, pode-se sugerir que essas passagens ao ato escutadas nesta pesquisa dizem respeito a esse modo de constituição subjetiva.

A temática da pesquisa, implicações subjetivas de marcas, cicatrizes e, em alguns casos, sequelas físicas, resultantes do ato de atear fogo no corpo, tornou necessário que o corpo fosse colocado em discussão. Assim, no terceiro capítulo da dissertação, buscou-se circunscrever a noção de corpo para a psicanálise, a partir de formalizações psicanalíticas lacanianas, servindo-se das contribuições de Freud. O corpo é abordado conforme se dá sua organização, dentro da teoria dos três registros. A distinção entre organismo e corpo é precisada, e, em seguida, parte-se da ideia de corpo de acordo com o foco atribuído ao registro do imaginário e são exploradas as relações entre corpo e imagem, assim como as elaborações teóricas do estádio do espelho.

Segue-se estudando o corpo conforme o desenvolvimento do registro simbólico na obra lacaniana e, logo após, é trabalhada a ideia de corpo no registro do real, orientação que o trabalho de Lacan ganha a partir de “*O Seminário livro 20, Mais, Ainda*”, nos últimos anos de seu ensino, assim como as implicações entre corpo e gozo. Ao seguir essa seqüência, compreende-se que o corpo sempre pode ser marcado e que, portanto, as queimaduras podem se apresentar com distintas implicações, conforme a singularidade de cada sujeito.

## 1 CONTEXTO

No hospital em que se realiza o trabalho da pesquisadora, são atendidos pacientes de todo o estado de Minas Gerais. Os principais motivos de internação por queimadura são acidentes domésticos, por exemplo, acidentes com churrasqueiras, panelas com gordura ou água fervente, acidentes envolvendo eletricidade; além de acidentes de trabalho, tentativas de suicídio e agressões. O atendimento aos pacientes é realizado através de busca ativa e ocorre individualmente, nos leitos, momento em que o trabalho da Psicologia é apresentado e oferecido ao indivíduo e, também, no qual são avaliados o seu histórico psicológico e a sua demanda para atendimentos. O acompanhamento acontece durante todo o período de hospitalização, e a frequência dos atendimentos varia de acordo com a necessidade de cada caso. É importante pontuar que, no hospital, aquilo que é da ordem do desejo do paciente acaba colocado em segundo plano, em razão do imperativo do tratamento, que inclui horários rígidos, rotinas pouco flexíveis, procedimentos dolorosos e / ou invasivos. Nem sempre é possível adaptar as exigências do tratamento e as regras da instituição às particularidades e aos desejos de cada paciente, o que resulta em certa padronização e despersonalização do sujeito.

No momento da alta hospitalar, quando há a necessidade (ou quando existe demanda da parte do paciente), ele é encaminhado para continuidade do atendimento psicológico na rede pública de saúde mental. O tratamento das queimaduras continua em nível ambulatorial para controle da cicatriz, com retornos no hospital previamente agendados, e o paciente pode ser novamente atendido pelo serviço de Psicologia, quando há demanda pessoal ou caso haja encaminhamento da equipe multiprofissional do ambulatório. Nos atendimentos realizados no ambulatório, é possível perceber algo das possíveis implicações subjetivas das marcas resultantes das queimaduras, uma vez que, raramente as cicatrizes podem ser percebidas durante o período de hospitalização. O tempo de cicatrização das lesões depende de sua profundidade, do percentual de superfície corporal atingida e da forma como se cuida delas, razão pela qual o tratamento não termina quando o paciente recebe alta hospitalar.

O acontecimento de uma queimadura pode marcar uma ruptura na vida das pessoas e de suas famílias, traduzida em um antes e um depois desse evento, e pode se relacionar a vários aspectos da vida do paciente. Uma interrupção brusca em sua rotina, em seus planos; o afastamento de sua família e de pessoas afetivamente importantes em razão da hospitalização; a perda da condição de saúde; alterações em sua imagem corporal. Além disso, por seu

tratamento ser doloroso e de longo prazo, nota-se que as queimaduras podem trazer incertezas com relação ao futuro, fazendo surgir inúmeras questões para o sujeito: ele sobreviverá? Suportará passar pelo tratamento? Como será sua vida daí em diante: trabalhar, interagir com outras pessoas? Será aceito por onde circular? Terá sequelas físicas e / ou funcionais? Como ficará sua aparência física? Essas são algumas perguntas, dentre outras.

A prática clínica tornou possível observar diferentes modos do sujeito e de suas famílias lidarem com as queimaduras, suas causas e com as cicatrizes e sequelas resultantes delas. Para além de fatores que implicam o organismo e a saúde pública, é preciso levar em conta as implicações subjetivas que entram em jogo nesses casos. Assim, mostrou-se fundamental escutar sujeitos que atearam fogo em seus corpos, de forma a compreender quais seriam as possíveis implicações subjetivas das marcas resultantes dessas queimaduras.

### **1.1 O que se pode dizer dos sujeitos da pesquisa**

Em atenção ao que preconiza a Organização Mundial de Saúde (2000) para o atendimento a pessoas vulneráveis, os sujeitos que apresentaram, durante o processo de pesquisa, questões subjetivas com necessidade de acompanhamento, foram abordados no tocante a esse assunto pela pesquisadora, e sensibilizados a retomarem ou iniciarem novo acompanhamento em saúde mental.

O entrevistado 2015 mantém-se em uso de medicação, mas sem acompanhamento regular. Apresentou humor deprimido e risco, no momento, classificado como baixo, de acordo com o proposto pela OMS. Ele recusou o encaminhamento para retomar o tratamento e, como ação da pesquisadora, dentro dos limites possíveis da pesquisa e respeitando o desejo do sujeito, ela se colocou a disposição para que ele entre em contato ou a procure no hospital em que trabalha, caso queira ser encaminhado ou mesmo para atendimento.

A entrevistada 2017 faz uso de medicação, mas de forma irregular, e não estava em acompanhamento psicológico e nem psiquiátrico. Relatou dificuldades financeiras e certa deficiência dos serviços de saúde como justificativas para o tratamento irregular. Ao final da entrevista, manifestou interesse em retomar o acompanhamento psicológico. Ela foi sensibilizada pela pesquisadora a respeito da importância do acompanhamento psicológico e também a respeito de passar por uma avaliação psiquiátrica e aceitou ser encaminhada para serviços de saúde mental da rede pública, bem como aceitou receber informações a respeito de clínicas sociais de Psicologia. A pesquisadora fez contato com o centro de saúde de referência da entrevistada, discutiu o caso com a equipe responsável e ficou acertado o

agendamento de avaliação psicológica e psiquiátrica para ela. A entrevistada foi novamente contatada por telefone pela pesquisadora, que informou as medidas tomadas e fez as orientações pertinentes. Nessa ocasião, também foram informados para a entrevistada o contato de uma clínica multidisciplinar com atendimento social e o contato de uma clínica de Psicologia vinculada a uma universidade.

A entrevistada 2013 e os entrevistados 2016 e 2018 afirmaram continuar em tratamento e acompanhamento e não apresentaram, no momento da entrevista, risco ou vulnerabilidade que necessitassem de intervenção.

### **1.1.1 Entrevistada 2013**

A entrevistada 2013 compareceu ao hospital para a entrevista. Quando foi internada em razão das queimaduras, estava com 25 anos de idade. Antes da hospitalização, já estava em acompanhamento em unidade de saúde mental de seu município. Relatou que, na ocasião em se queimou, teve várias discussões com o ex-marido, que tiveram desdobramentos ao longo do dia: ela saiu andando com a filha, foi para o serviço de saúde mental em que estava sendo acompanhada, foi para a casa de seus pais, retornou para a sua residência. As várias etapas da cena culminaram no ato de atear fogo em seu corpo, que ela nomeia como “autoextermínio”:

Foi autoextermínio, que eu fiz. Eu na época, eu era casada, e, eu bebia bastante, bebia muito, e... teve, uma época que eu tava usando, droga, cocaína. Como eu usava muita droga e, e bebia bastante com meu ex-marido... aí teve, a gente teve uma briga. A gente teve uma discussão. Antes disso, eu já estava fazendo tratamento psicológico. Aí, foi indo, foi indo, aí, muita coisa na cabeça, que a gente... eu ficava muito sobrecarregada. Aí, era briga, entre casal, eu e ele, aí juntou, a bebida, juntou a droga, só que, no dia, do autoextermínio que eu me queimei eu não tinha usado droga... (Entrevistada 2013).<sup>6</sup>

A entrevistada 2013 já havia cometido outros atos autoagressivos, por meio de intoxicação medicamentosa. Associa as brigas com o ex-marido ao uso intenso de álcool e cocaína que fazia na época e relata que os conflitos eram constantes, o que parece estar associado a uma tentativa de aplacar o gozo implicado nesse relacionamento abusivo. Esteve hospitalizada por um mês e doze dias, vinte e seis dias em leito de terapia intensiva. Teve queimaduras de 2º e 3º graus em cerca de 25% da superfície corporal, segundo consta em seu prontuário. Evoluiu com necessidade de intubação e, posteriormente, de traqueostomia, sepse

---

<sup>6</sup> Todas as falas citadas na dissertação correspondem à pesquisa de campo realizada em 2019, com ex-pacientes do hospital em que trabalha a pesquisadora.

cutânea e necrose de extremidades, o que levou à amputação da falange distal do hálux esquerdo. Há relatos de familiares de que ela começou a apresentar comportamento depressivo após o nascimento da filha, que, na época, tinha dois anos de idade. No momento da alta hospitalar, foi encaminhada para dar continuidade ao acompanhamento psicológico e psiquiátrico no serviço em que já estava referenciada. Atualmente, ela está casada novamente e é mãe de uma criança recém-nascida. Ela faz a seguinte elaboração sobre como está seu contexto de vida no momento:

Olha... eu sou uma pessoa assim, eu era, bem, assim, não vou dizer que eu não sou feliz, mas antes da queimadura eu era bem feliz, por que... eu me achava mais bonita... hoje, assim, eu olho assim, as pessoas falam “não, você é bonita”, mas, a gente podendo assim, a gente olha no espelho assim, e fala assim, “não, tá faltando alguma coisa”. Mas, minha história de vida, eu sou bem feliz, graças a Deus, eu... tenho uma família abençoada, filhos abençoados... E, como todo mundo a gente tem os altos e baixos, mas, fora isso, bem feliz. Né, sofri um pouco, sofri bastante, na vida, né, que a gente, né, apanha assim pra aprender mas, tranqüilo, a vida foi me ensinando muita coisa. Muita coisa mesmo. (Entrevistada 2013).

Sobre as marcas e cicatrizes, ela afirma sofrer preconceito e evita tratar desse assunto com pessoas desconhecidas. Diz de um incômodo quando nota que outras pessoas olham para as queimaduras. Em seu discurso, ela parece sinalizar para algo que está além das marcas visíveis e, em distintos momentos, o olhar do Outro se faz presente:

Olha... vamos dizer assim que, por dentro, a gente fica, não é que a gente tá fraca assim, mas, eu olhava assim no espelho antes... era mais vaidosa, era mais bonita. Aí eu olho assim e tem as marcas da queimadura, aí eu paro e penso, meu Deus, por quê? Porque que eu fiz isso, eu era tão bonita... aí eu olho assim mas é caso de aparência. Mas é caso de aparência. Que ficou assim, além das marcas que a gente fica por dentro, a física também, querendo ou não, incomoda porque, existe preconceito. Muito preconceito, não é pouco. (Entrevistada 2013).

Logo após receber alta hospitalar e retornar para sua casa, a entrevistada 2013 vivenciou sua primeira confrontação com o olhar, que parece já ter tocado nas implicações que as queimaduras deixaram em sua vida:

[...] a minha filha, ela sempre falou comigo assim, desde quando, eu cheguei do hospital, porque, quando eu fui vir pra cá, ela tava com cinco, quatro, não, se eu não me engano, ela tava bem novinha, uns três anos, se não me engano, uns três anos. Aí assim, ficou complicado porque, o dia que eu cheguei em casa, ela... eu deitada na cama... ela veio pra perto de mim, ficou me olhando... e... assim, ficou muito complicado... [...] Aí ela parou, ficou me olhando, me olhando, me olhando. Não tava me reconhecendo. Ela não me reconheceu porque, em vista de antes de agora, tá, nossa, mudou muito a aparência, mudou muito mesmo. Mas ela ficou... assim, me olhando... aí eu fiquei triste assim na hora, que ela não me reconheceu [...] Aí ela ficou olhando, isso foi o que me doeu muito, eu, ela ficar me olhando e não me reconhecer... aí isso me doeu bastante... (Entrevistada 2013).

A entrevistada 2013 recebeu alta do tratamento das cicatrizes e mantém cuidados com elas, como o uso de protetor solar e evitar sair no sol. Ela tem expectativa de passar por uma

cirurgia plástica que ajude a reduzir ou atenuar as marcas que restam. Na reconstrução de sua imagem, a maquiagem se mostrou um recurso importante:

Aí eu passei minha maquiagem, assim, vou ver aqui. Aí eu passei minhas maquiagem assim, olha, até que escondeu um pouco... Aí assim, eu, voltei a ser vaidosa. Voltei a ser, comecei a arrumar o meu cabelo de novo. Sabe? Falei assim, não, vou fazer a minha unha, fazer, voltar a fazer as coisa que eu era antes. Eu só ficava de cabelo arrumado, de cabelo pranchado, sabe? Passava maquiagem. E eu não tava, querendo mais nada disso. Eu não vou me entregar assim, eu não posso. [...] quando foi em 2016, 2017, que eu, falei assim, não, eu tenho que voltar a minha vida normal. Bola pra frente. Bola pra frente porque né, a vida continua. A vida continua. Não posso parar. Não posso parar, não posso fraquejar, não posso, nada. (Entrevistada 2013).

Sobre seu ato, a entrevistada 2013 reitera o arrependimento que sente por tê-lo cometido:

Olha... não tem como assim cê, cê olhar, e num ver, a queimadura. Ainda mais a minha que foi de segundo e terceiro grau. E assim, ficou, né? Cê olha no espelho assim, tem a marca da queimadura então, por mais que você olhe assim a marca, da queimadura... também tem a marca da alma também. Eu falo porquê que eu fiz isso? Por quê? [...] Arrependimento. Arrependimento, muito. Muito arrependimento. [...] E assim é, que passa na minha cabeça mesmo é só arrependimento. Arrependimento. Que eu não precisava e não poderia ter feito isso comigo mesma. É o que passa. (Entrevistada 2013).

Ela relata que, atualmente, quando se depara com pessoas que lhe dizem estar cansadas de viver, as aconselha, no sentido de não cometer nenhum ato. Destaca que quando vivenciava frustrações, pensava em tirar a própria vida, já tendo cometido alguns atos nesse sentido antes do episódio que resultou nas queimaduras. Afirma continuar em tratamento psicológico e, quando se sente angustiada, procura o serviço em caráter de urgência. Isso parece sinalizar para uma maior mediação da palavra na subjetividade do sujeito. As falas antes recalçadas agora parecem encontrar meios de serem simbolizadas, revelando uma nova posição do sujeito.

### **1.1.2 Entrevistado 2015**

A entrevista com o ex-paciente do ano de 2015 ocorreu na sua residência. Ele estava com 57 anos de idade quando foi hospitalizado em razão de queimaduras elétricas, provocadas por ele ao encostar deliberadamente em fiação de alta tensão, episódio que também resultou em uma queda de, aproximadamente, seis metros de altura:

É, eu... fui o... eu levantei e... aqui no fundo tinha uma cisterna, e lá ficava com um cadeado. A minha esposa via que eu, que, eu tava querendo pular na cisterna, e ela começou, a ficar me vigiando. Aí ela tirou de mim a chave do cadeado. Aí nesse dia eu levantei desesperado e tudo... [...] Aí eu cheguei ali tinha uma barra de ferro, dessas de laje, um ferro mais ou menos da grossura de um dedo assim, eu fui e fiz

assim, aí eu peguei e fiz, com as duas, aí eu soltei essa mão, fiquei só com essa... aí eu... nada. Jogou eu lá em cima dos tijolo. Eu olhei, falei, mas eu tô vivo, mas não é possível... eu peguei outro ferro e taquei lá de novo. Aí eu falei, agora não tem... e eu tirei o chinelo, porque a gente, se ocê usar alguma coisa, ele fica de isolante, né? Não, eu tirei, eu fui descalço pra... torrar mesmo. Tirei, joguei o chinelo, falei assim, eu quero contato com a terra, o choque ele... ele é mais forte. (Entrevistado 2015).

Segundo dados do prontuário, o entrevistado 2015 foi hospitalizado com queimaduras de 3º grau na mão e punho esquerdos, na região frontoparietal do crânio e no pé direito e não apresentou complicações decorrentes da queda, recebendo alta da Neurocirurgia e da Cirurgia Geral logo no início da internação. Ele relatou que estava em tratamento psiquiátrico para depressão na época e teria cometido uma tentativa de enforcamento anterior ao episódio das queimaduras, quando foi impedido e socorrido por familiares. Durante a entrevista, esse tratamento se revelou de longo prazo: ele já havia apresentado sinais e sintomas anteriormente e já tinha uma história de acompanhamento psiquiátrico. Mencionou ainda uma internação, há vários anos, em um hospital psiquiátrico particular. Por conta das queimaduras, permaneceu internado por um mês e dois dias e foi encaminhado para acompanhamentos psicológico e psiquiátrico particulares no momento da alta hospitalar.

Para o entrevistado 2015, o ato de ter se queimado parece pouco significar frente ao que ele carrega como marca do encontro traumático com o sexual em sua infância. Desde antes do ato que marcou seu corpo com queimaduras, essa questão já o marcava enquanto sujeito:

Bom, lá do, do, do início, lá de... quando eu era pequeno né? Eu, eu, assim, tem uma coisa que, que, eu nunca falei pra ninguém. Há pouco tempo agora eu falei pra minha esposa. Que... quando eu era pequeno eu, tinha assim aqueles negócio na cabeça, tudo, que alguém tinha assim, abusado de mim assim, quando eu era criança... tinha cinco anos mais ou menos, aquilo ficava na minha cabeça, eu não sabia porquê que era. [...] Aí eu, fiquei com isso, isso aí, atrapalhou minha vida todinha, sei nem imaginar o quê que é atrapalhar uma vida de uma pessoa é isso. [...] Então... tô colocando isso, é uma coisa que me afetou minha vida todinha, até, até... até hoje, muitas vezes eu tive vários problemas por causa disso... porque o que afeta, [...] o que afeta a cabeça da gente não é fácil. (Entrevistado 2015).

O discurso do entrevistado 2015 se mostra afetivamente carregado ao dizer de uma lembrança, envolvendo um primo: “Então quando foi chegando uns doze, treze anos, meu primo ia lá em casa e... a gente sentava ali, ele chegava e ficava passando a mão nas minhas pernas, eu falei com ele, ô, me respeita, ué? Ele falou assim, ah, mas cê gosta, sô. Eu gosto de quê?” (Entrevistado 2015). Essa lembrança remete a uma época temporalmente posterior à questão de ter sido abusado, que ele já carregava consigo, mas nela, pode-se notar algo da ordem de uma repetição, de algo que já estava inscrito em seu corpo. Em vários momentos, ele evoca a questão do encontro com o sexual como algo que o afetou, demonstrando efeitos

ao longo de sua vida:

Mas essas coisas, de vez em quando, me afetava. Quando me afetava, aí, me descontrolava... até, até sexualmente com a minha esposa, não ficava com aquele trem... aquele negócio na cabeça e tudo [...] mas aí então isso aí foi levando a minha vida. E essa, essa, essa coisa ficou na minha cabeça, o tempo, foi passando, foi passando, e eu... eu não tinha vontade nem de viver a minha vida de vez em quando, sabe? Eu tive vários problemas, tive que tomar remédio... e aquela coisa... [...] Então uma coisa que afeta, a vida da gente, é, é quando você já é criança [...] mas cê não sabe que aquilo depois vai te afetando. [...] Porque aquilo né, na, a gente, cria um, um negócio na cabeça que atrapalha a gente. E me atrapalha, até hoje. (Entrevistado 2015).

Na época em que se internou em razão das queimaduras, fazia pouco tempo que o entrevistado 2015 havia se aposentado. O emprego parecia trazer certa identificação, que, embora vacilasse, garantia uma amarração psíquica possível:

Então, é, graças a Deus, tenho, recebi, eu tenho um punhado de medalha da companhia, tá vendo? De, de esforço de trabalho, tudo, um monte de medalhas, todas elas é escrito o meu nome. É... de, de... melhorias na companhia. Eu fiz... mexi com futebol, eu sempre, uma coisa eu prestei atenção, eu sempre tive, uma coisa que me, me colocava na frente, assim, tudo que eu fosse fazer. (Entrevistado 2015).

A falta do trabalho parece ter se apresentado como uma perda da ordem do irreparável, que levou algo do sujeito, desestabilizando o precário arranjo subjetivo encontrado:

Ah, depois que eu aposentei... tudo. Antigamente eu tinha os problema né, mas aí eu caí em depressão mesmo. [...] Porque depressão, não tem doença, eu, eu, eu, não tenho medo de nada. Eu não tenho medo de câncer, eu tenho medo de depressão. Depressão acaba com a pessoa. Pessoa fica um, pessoa vira um lixo. [...] Depressão é doença que, que acaba com a pessoa.[...] isso é doença que acaba, acabou comigo. (Entrevistado 2015).

Para o entrevistado 2015, a marca que afeta é de outra ordem e se revela uma ferida subjetiva, que o mortifica. Ele nomeia com o significante “depressão” a doença que o aflige, e se mostra desvitalizado, desinvestido de seu corpo: “Tenho vontade de mais nada não. Eu tô, eu falei que eu tô um morto, eu tô um morto-vivo, sabe?” (Entrevistado 2015). Ele afirmou ter feito o tratamento apenas no período pós-alta hospitalar. No que diz respeito aos cuidados com as cicatrizes, apenas o entrevistado 2015 revelou não tomar nenhuma medida.

### **1.1.3 Entrevistado 2016**

O entrevistado 2016 compareceu ao hospital para participar da pesquisa. Tinha 19 anos de idade quando se queimou e permaneceu dezessete dias internado, com queimaduras de 2º grau superficial e profundo atingindo sua face, pescoço, tronco e membro superior direito e queimaduras de 2º e 3º graus em orelhas e região cervical. Havia iniciado acompanhamento na rede pública de saúde mental pois vinha apresentando isolamento social,

abandono escolar, comportamento persecutório e delírios de cunho erotômano, além de ter apresentado episódio de errância:

[...] eu tinha pressentimentos e ações que me espantavam e me isolava das pessoas, eu tinha mania de perseguição... então, eu... entrei em choque, através de uma rede de... de Internet, o *Facebook*, onde um *fake*, e... que eu achava que era um ídolo meu, eu achava que eu conversava através pelo *Twitter*, e por tudo, tanto que eu cheguei a ir no Rio de Janeiro [...] foi onde eu... fiquei alguns dias na rua [...] (Entrevistado 2016).

As queimaduras do entrevistado 2016 parecem ter acontecido em meio a um surto psicótico. Ele é o único dos sujeitos entrevistados que não apresentou história de ter cometido um ato com intenção de autoagressão antes do episódio das queimaduras. Durante a hospitalização, apresentou agitação psicomotora e fez algumas tentativas de evasão da unidade, principalmente nos primeiros dias. Na entrevista, relatou se recordar de alguns episódios, ao passo que verbalizou “não ter se visto” cometendo algumas das ações. Parece que ele continuou em surto por algum tempo e o sujeito estava ausente. No momento de sua alta hospitalar, foi encaminhado para avaliação e continuidade do acompanhamento em saúde mental em caráter de urgência, sendo transferido diretamente do hospital para o serviço da rede pública de saúde mental em que já era referenciado.

As queimaduras do entrevistado 2016 parecem ter acontecido em meio a um episódio de surto psicótico, que não deixa de apresentar a dimensão de sofrimento e, principalmente, da angústia, presentes no momento do ato. Ele evoca algo da persecutoriedade que se apresentava à época e que permeia sua relação com os familiares:

[...] às vezes você acha que a pessoa é doida, ela não é, é os problemas que ela passa dentro de casa, entendeu? É as coisas que acontecem em volta dela... num dizem que as palavras doem mais do que um tapa? Entendeu? Às vezes tem pessoas assim, perseguindo, não é perseguir de ir atrás, é, de falar pra todo mundo seus problemas, de falar pra todo mundo das suas coisas, de falar pra todo mundo de você, que você nunca vai chegar onde você quer chegar, é, cê entendeu? (Entrevistado 2016).

O modo como o entrevistado 2016 diz do relacionamento com seus familiares indica que essa é uma relação vivenciada por ele de forma conflituosa. Ele evoca o sentimento de rejeição advindo da relação com sua mãe e com seu pai, separados, que parece ter forte incidência em sua constituição psíquica:

[...] então, foi toda uma conturbação que eu tive na cabeça e problemas familiar... como eu posso te falar? É... tem palavra que dói mais do que um tapa... é você querer seguir a vida mas uma pessoa que quer te segurar, quer que cê faz a sua vida do jeito dela, no tempo dela e, pra depois virar pra você e falar pra você, que você não faz parte da família e se, uma pessoa importante pra mim, que me cria, morrer, eu vou parar na sarjeta... então, quando tive essa conturbação, tive uma rejeição, uma rejeição da minha mãe, uma rejeição do meu pai... (Entrevistado 2016)

O olhar do Outro parece assumir conotação invasiva para o entrevistado 2016. As

marcas das queimaduras passaram a compor o aspecto persecutório de sua dinâmica psíquica. A cicatriz que ficou em seu pescoço é fonte de significações, ora provocando sentimentos de raiva e de ódio, ora comportando a dimensão de uma mudança:

[...] e uma coisa que me incomoda pessoalmente são, as pessoas geralmente, na rua, elas andam olhando uma pro rosto da outra, eu não... eu tô andando na rua e as pessoas não reparam no meu, no meu rosto... elas não olham pro meu rosto, elas olham pro meu pescoço [...] (Entrevistado 2016).

Me incomoda muito... ah, também brincadeira sem graça... teve uma vez que eu tava numa praça, e tinha uma menina que não gostava de mim... [...] aí tinha um menino sentado, sozinho, aí eu, fui conversar com ele, normal, aí a gente conversando, conversando, conversando [...] chegou uma menina, aí não sei que, ele, dum canto, conversando com outro, “cuidado que esse aí toma remédio controlado porque já pôs fogo no corpo”. Esse menino esperou uns dois minuto... “foi mal, eu tô atrasado, tenho que ir embora, tchau”. Cê entendeu? Irrita bastante, então, tem gente que dá até vontade de voar no pescoço... (Entrevistado 2016).

Dos participantes da pesquisa, o entrevistado 2016 é o único que continua em tratamento ambulatorial para as marcas das queimaduras, em um serviço público. Ele aguarda o agendamento de uma cirurgia plástica e a maquiagem se mostrou um recurso para lidar com as cicatrizes das queimaduras:

[...] o que me ajudou muito, foi, né, foi aquela coisa de... maquiagem é uma coisa, agora você se maquiagem, você age feito o seu ascendente na alma, que é como você se enxerga na vida, entendeu? [...] Ah, às vezes eu faço a barba, eu quero, tampar, eu passo base, cremes que tampam... passo base, pó, sobancelha... e... ontem mesmo, o meu rosto tava, lindo, né? Tava lindo. Então, ajuda um pouquinho... entendeu? Eu ter feito maquiagem, ter aprendido a maquiagem, entendeu? Então... me fez muito bem... Nossa, cê num tem noção... (Entrevistado 2016).

Ele afirma se interessar por maquiagem desde a infância e faz cursos na área de estética. Utiliza sabonetes, cremes e pomadas, e menciona o desejo de esconder a cicatriz de queimadura no pescoço com uma tatuagem, mas relata dificuldades de encontrar um tatuador para realizá-la, pois, segundo ele, os profissionais teriam receio de tatuar sobre a área queimada.

Sobre transformações subjetivas notadas nos sujeitos da pesquisa após o ato de se queimar, destacam-se as seguintes falas do entrevistado 2016:

[...] eu sou, eu fiquei muito vaidoso, e acho que um pouco dessa vaidade também eu estranhei assim no pescoço... [...] Fiquei... eu fiquei... ah, vou cuidar... o pescoço todo arregaçado, pelo menos ter um rosto bonito, né? Foi assim... não foi assim que eu pensei, mas... eu amei, quando eu entrei, comecei a fazer maquiagem [...] (Entrevistado 2016).

Pode-se observar que o ato cometido pelo entrevistado 2016 provocou questionamentos a respeito da postura que ele vinha adotando em sua vida, o que resultou em transformações subjetivas. Ao responder sobre como está a sua vida atualmente, ele faz uma reflexão, revelando certa moderação com a nova postura adotada:

Ótima... tô conquistando as minhas coisas aos poucos, tô estudando... entendeu? Sempre eu tô ajudando a minha avó ela me ajuda, então, tá perfeito. Hoje em dia... hoje em dia, com o que eu passava antigamente, eu tento, mais ficar na minha, não começar conversa, não, cê entendeu? Eu... tem, eu aprendi que tenho que fazer as coisas pra mim crescer na vida, não para agradar ninguém, porque, nem Jesus agradou todo mundo, porque eu vou ser que vai ter que agradar... num é? Então, se falar alguma coisa pra humilhar, eu fico calado, entendeu?... então hoje em dia eu tô mais *light*. (Entrevistado 2016).

#### 1.1.4 Entrevistada 2017

A entrevistada 2017 solicitou que o encontro com a pesquisadora acontecesse em uma unidade de saúde do município em que reside. Ela tinha 57 anos de idade quando se queimou e ficou apenas dois dias hospitalizada, com queimaduras de 2º grau entre a região do tronco posterior, região cervical e face, somando aproximadamente 6% da superfície corporal. Passou por cirurgia de desbridamento das áreas afetadas e foi encaminhada para acompanhamento ambulatorial das lesões. Ela associa conflitos com os irmãos e o falecimento recente de seu pai como fatores de influência no episódio que resultou em queimaduras. No dia, uma criança colocou filhotes de gato em seu quintal, provocando uma discussão, quando ela ameaçou atear fogo nos animais para que o garoto parasse de colocá-los em sua casa. A briga com a criança resultou em um conflito envolvendo seus vizinhos e sua mãe:

Foi de caso pensado que eu vou ameaçar por fogo nos gatinho que ele corre com ele daqui. [...] Só que, os vizinhos começaram a enfiar no meio. [...] Eu tô com o menino aqui, eu sei o que eu tô fazendo, eu tô, eu sei que eu não vou botar fogo nesses gato, eu quero só que o menino tire esses gato daqui e o meu recurso é este [...] A minha mãe é muito medrosa, ela morre de medo dos vizinhos ficarem com raiva. Quê que ela fez? Foi pro lado dos vizinhos também e começou a falar. Eu me senti tão mal... [...] Puxa vida, já perdi meu pai [...] achei tão cruel da parte deles. E eu fiquei olhando, e eu num, eu lembro que eu pensei assim, eles tão achando que vão, que eu vou enfiar o rabinho entre as pernas? Que me ameaçou? [...] Essa idéia começou a me causar um pânico, assim, gente, eu prefiro, que assim, jogar em mim, se eles calar a boca e parar de me encher a paciência. Eles não paravam. Agora eles vão parar. (Entrevistada 2017).

A entrevistada 2017 relata episódios anteriores com intenção autoagressiva. Ela já fazia acompanhamento psiquiátrico e, no momento de sua alta hospitalar, foi encaminhada imediatamente para avaliação psiquiátrica em serviço da rede pública de saúde mental e para o centro de saúde de referência para acompanhamento psicológico. Ela atribui importância, além da perda recente do pai, ao conflito intensificado com a mãe e os irmãos, após passar por mudanças em sua vida que resultaram em maior proximidade com eles, como fator significativo de sua história de vida:

[...] minha família, principalmente é com a família né? Eu convivo mais com eles. E, agora né, porque eu passei muito tempo mais afastada deles e, não era assim antes, mas agora, eu tá sendo difícil pra mim, convivência né, [...] com os irmãos. [...] é, eu não acho, lugar onde eu sinto bem, que, tem as diferenças. Igual, eu tô ficando meio intolerante. (Entrevistada 2017).

Certo incômodo com o olhar, o próprio e aquele que é recebido se mostra presente em seu discurso: “Eu prefiro não olhar. As pessoas falam, ah, quê que é isso? Ah, queimeei. Eu não dou muito, não dou detalhes, queimeei. Aí pergunta muito [...] não entro em detalhes não.” (Entrevistada 2017). Parece que, se antes do ato, havia algo que não podia ser dito, também não pode ser simbolizado depois dele.

A entrevistada 2017 abandonou o tratamento após algumas consultas no ambulatório de retorno de queimados do hospital em que a pesquisadora trabalha e refere-se de forma vaga sobre uma cirurgia que também não procura. Ela demonstra desinvestimento no que diz respeito ao corpo, sinalizando para uma relação mortificada com ele:

[...] a cicatriz... se der, um dia eu faço uma cirurgia, se num der fica assim mesmo, boto uma blusa tampando...eu não tava agüentando... e outra, eu me esqueço, quando eu fui ver, já passou muito tempo... aí eu... levo, tô desistindo de muita coisa [...] arrumar o cabelo agora não vou mais... é... fazer ginástica, educação física, [...] academia assim, mas eu, sinto um desânimo tão grande... ah não... (Entrevistada 2017).

### **1.1.5 Entrevistado 2018**

O encontro com o entrevistado 2018 aconteceu no município onde ele está cursando a graduação. Ele tinha 19 anos de idade quando se queimou e permaneceu vinte e dois dias hospitalizado, com queimaduras de 2º e 3º graus na face e nas mãos. Ele associa o fato de ter assumido a homossexualidade como ponto crucial dos conflitos que resultaram no ato de atear fogo no corpo. Na época, foi expulso de casa pela mãe e passou a viver com amigos e, posteriormente, na casa de duas outras familiares. Envolveu-se em um relacionamento que qualifica como abusivo, até que o rapaz decidiu mudar de cidade:

Então juntando isso, mais os fatores psicológicos, quando ele foi embora, eu meio que surtei. Eu surtei totalmente e falei cara, não quero mais e, chega, não dá mais pra ficar aqui e... não dá mais pra... pra seguir essa vida que eu tô, sabe? Acho que a minha tentativa de suicídio não foi, não foi pra me matar mas foi pra matar a dor que eu tava sentindo dentro de mim naquele momento. E... eu acho que é isso, véi, basicamente isso, foi, uma, bola de neve que foi... foi rolando, rolando, rolando e acabou virando uma, uma enorme nevasca na minha vida e que se transformou em um mar de fogo. (Entrevistado 2018).

O entrevistado 2018 foi acompanhado em serviços públicos de saúde mental e de assistência social ainda na infância. Há relato desses serviços de que apresentava sintomas

como agressividade, agitação, baixa tolerância à frustração e de que esteve envolvido com atos infracionais. Estava sendo acompanhado por serviços públicos de assistência à população LGBT no ano em que se queimou e frequentava, de forma irregular, o atendimento psicológico prestado. Relatou ter vivenciado processo de automutilação e diversas intoxicações medicamentosas provocadas anteriormente. Retornou para a casa da mãe após a alta hospitalar e foi encaminhado para acompanhamento psicológico e psiquiátrico em serviço público de referência em saúde mental do município. Ele se refere ao episódio em que ateou fogo em seu corpo como tendo sido “a tentativa” de suicídio. Ao ser questionado sobre se havia diferenças desse ato para os outros que já havia cometido, sua resposta sinaliza para a percepção de que seu ato atingia o Outro. Isso pode sinalizar que uma leitura foi feita de seu ato e que, como consequência desse agir, o entrevistado 2018 pode ser inscrito no campo do Outro:

Teve porque as consequências foram maiores. Porque antes eu ia pra UPA e tomava uma lavagem ou, dava alguns pontos no meu braço ou na minha perna. Lá eu, realmente eu vi que, além de poder morrer eu tava ferindo não só a mim, mas a todos aqueles que estavam ao meu redor. Os meus amigos iam me visitar e eu via nos olhos dele o quanto eles tavam sofrendo por me ver naquela situação, então eu vi que, eu não, não feri só a mim, não foi só a mim que eu, não foi só em mim que eu coloquei fogo, foi em todas as pessoas que se importam comigo, foi em todas as pessoas que, de alguma forma, gostam de mim. (Entrevistado 2018).

A partir de sua hospitalização em razão das queimaduras, é possível notar transformações na postura subjetiva do entrevistado 2018, que se mostram em sua relação com o Outro. Algo de seu gozo parece ter se apaziguado, ao encontrar uma nomeação. Ele relata assumir um novo nome em suas relações pessoais, um nome relacionado à religião, ao qual atribui significado e com o qual se identifica mais do que com o nome que lhe foi dado pelos pais:

[...] foi isso, cara, eu acho que, foi que mais me mudou, foi a experiência que mais me mudou. E uma das que mais me tornaram fortes, se eu pudesse voltar no tempo eu faria de novo, sim. [...] O fogo. Porque... me tornou a pessoa que eu sou hoje. Me fez, me tornar a pessoa que eu sou hoje, me fez ver o mundo, da forma que eu vejo hoje. Por meio da dor? Por meio da dor, mas me, me moldou. [...] É isso cara, eu me sinto uma pessoa nova, eu não, não foi, eu não entrei, eu entrei no [hospital<sup>7</sup>] o [nome<sup>8</sup>] e eu saí do [hospital] o [novo nome assumido<sup>9</sup>]. (Entrevistado 2018).

Segundo o entrevistado 2018, o novo nome que ele assumiu tem, na religião cristã, a significação de “mensageiro do caos”, e, nos ritos que ele passou a seguir, o nome significa “portador da luz”. Ele afirma acreditar que o nome combina com ele: “[...] eu decidi adaptar, o meu nome, pra [novo nome assumido], porque eu acho que faz um pouco mais o meu perfil

<sup>7</sup> O nome da instituição foi omitido a fim de preservar o sigilo dos entrevistados.

<sup>8</sup> O nome do entrevistado 2018 foi omitido a fim de preservar sua identidade.

<sup>9</sup> O novo nome assumido pelo entrevistado 2018 foi omitido a fim de preservar sua identidade.

do que [nome]. [...] E é aquela coisa, né, não fui eu que escolhi meu nome, então eu posso, aproveitar que agora eu posso e escolher meu nome.” (Entrevistado 2018).

Sobre o processo de se autoneamar, o entrevistado 2018 evoca em sua fala algo que sinaliza para o lugar ocupado pelo sujeito no desejo do Outro: “E, ah, tô gostando cara, muito bom, é uma experiência boa, de você poder escolher o seu próprio nome. E é um nome com um significado pra mim, diferente do que era, o que é [nome]<sup>10</sup>, que é um nome com significado para os meus pais e não pra mim.” (Entrevistado 2018). Quando questionado sobre o significado o nome que lhe foi dado por seus pais tem para eles, sua resposta é: “Nunca cheguei a perguntar se tinha algum significado, porquê [nome] mas, eu tenho algum, algum problema com esse nome, eu não gosto.” (Entrevistado 2018).

Nesse sentido, a nova nomeação encontrada pelo entrevistado 2018 pode sinalizar para uma transformação em seus modos de gozo, como algo que traz certo apaziguamento e que possibilita o laço social:

Eu sou uma pessoa, hoje em dia eu sou uma pessoa totalmente que, eu não falo que eu sou totalmente sem preconceitos, mas é... o meu orgulho ele baixou um pouco. Não vou falar que eu não sou orgulhoso também, mas, eu não tenho tanto orgulho quando eu tinha, quanto, quando eu tinha antes porque eu vi que, a gente precisa das pessoas. O meu amor próprio ele, cresceu. Hoje eu consigo me olhar no espelho e... ver... uma pessoa, bonita, que pode ser amada e que pode, que consegue provocar amor no outro. É... eu amadureci bastante, durante esse processo, conheci pessoas maravilhosas e, estreitei laços com outras pessoas [...] (Entrevistado 2018).

Ao ser perguntado sobre sua história de vida, o entrevistado 2018 evoca questões relacionadas ao âmbito familiar:

Ah bom, é, vou contar mais ou menos, do, algumas partes que eu lembro. É, eu lembro que meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha cinco, seis anos, eu fui morar, com minha tia, eu passava um final de semana com meu pai a cada quinze dias, aí, aos nove anos, meu pai veio a falecer, aí eu tava morando só com a minha mãe, minha mãe começou a trabalhar. Ela já trabalhava antes mas aí ela... e aí eu ficava mais sozinho ou com a minha irmã, e aí eu criei essa mais, mais independência um pouco, fui forçado a ser um pouco mais independente... E, minha vida escolar sempre assim foi uma bagunça mas eu sempre tirava notas muito boas, nunca me reprovei. (Entrevistado 2018).

Atualmente, o entrevistado 2018 não frequenta o acompanhamento ambulatorial oferecido pelo hospital:

Aí, eu parei, porque, eu conversei com minha T. O. e ela falou que, é, esses negócio mais, altos iam saindo com o tempo, e eu parei de ir no [hospital] que... no hospital que, no hospital que, assim, eu recebi, é um dos melhores tratamentos que eu recebi, eu sei que eu não receberia um tratamento, tão eficaz quanto lá porque tipo, cara isso aqui, nem parece que, que foi queimadura, as pessoas perguntam se é vitiligo, nem,

---

<sup>10</sup> Nome de batismo do entrevistado 2018, omitido a fim de preservar sua identidade.

nem ligam isso a queimadura. E mais, me traz lembranças muito ruins, tipo, muita dor, e a energia de lá é muito carregada... eu sinto isso, e eu não gosto muito de lá, aí juntou isso tudo, aí eu falei, ah, já tá, eu tô mexendo a mão mesmo, já tô, o movimento voltou todo, vou continuar na terapia ocupacional, aí eu parei com o tratamento de lá [...] (Entrevistado 2018).

O entrevistado 2018 faz uso de protetor solar, cremes hidratantes e das malhas de compressão. Evita tomar sol e, nas áreas que mais lhe incomodavam, tatuou uma frase, que se mostra associada ao seu novo nome, bem como à religião que o originou. Ao se referir às suas cicatrizes, sua fala parece desvelar algo que marca a transformação do sujeito após o ato, uma vez que, ao retornar, ele não é mais o mesmo:

Pra mim são, marcas de uma vitória que eu tive. Foi assim... parece meio estranho eu falando assim mas é por que... [...] Porque ninguém considera uma tentativa de suicídio uma vitória. Mas, eu não considero a tentativa de suicídio a vitória, eu considero tudo que eu, todo o ensinamento que eu consegui, através disso e por causa disso, uma grande vitória pra mim. Porque isso me transformou, isso, me, levou a um patamar muito diferente do que eu era antes. Eu não digo que isso me curou porque eu ainda tenho vários problemas psicológicos mas, isso me deu uma força tremenda pra, pra lutar contra eles, sabe? E, tipo assim, eu venci o fogo, cara... é, sabe? [...] E, eu renasci ali, eu considero um processo de renascimento... (Entrevistado 2018).

Para ele, as singularidades referentes às implicações de portar no corpo as marcas das queimaduras parecem ganhar outra dimensão, provocando certa realocação do gozo e possibilitando outra redistribuição:

[...] e, depois de tudo cara, essas cicatrizes são marcas pra mim de uma vitória que eu tive, porque eu poderia ter morrido, e não morri eu tô aqui... são, são, marcas de batalha, sabe? Porque a gente tem várias marcas de batalhas internas, é, essas aqui são algumas externas... né? E algo que vai simbolizar pra mim sempre, a, minha força, minha força de vontade de viver... [...] e é isso cara, são marcas, pra mim são marcas de uma vitória, são... são... marcas de, marcas externas de guerra que eu ostento com... não com orgulho, mas com respeito. Muito respeito a elas. (Entrevistado 2018).

## 1.2 As queimaduras

As queimaduras representam importante problema de saúde pública, pois, cerca de um milhão e meio de pessoas são acometidas por elas a cada ano, segundo o Ministério da Saúde (2017). De acordo com a Sociedade Brasileira de Queimaduras (2015), elas são:

[...] feridas traumáticas causadas, na maioria das vezes, por agentes térmicos, químicos, elétricos ou radioativos. Atuam nos tecidos de revestimento do corpo humano, determinando destruição parcial ou total da pele e seus anexos, podendo atingir camadas mais profundas, como tecido celular subcutâneo, músculos, tendões e ossos. As queimaduras são classificadas de acordo com a sua profundidade e tamanho, sendo geralmente mensuradas pelo percentual da superfície corporal acometida. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUEIMADURAS, 2015).

Com relação à sua profundidade, as queimaduras podem ser classificadas como de primeiro, segundo e / ou terceiro graus. As queimaduras de primeiro grau são aquelas mais superficiais, que lesionam apenas a primeira camada da pele, a epiderme; as de segundo grau podem ser subdivididas em segundo grau superficial ou segundo grau profundo, destroem totalmente a epiderme e atingem parcialmente a derme; e as de terceiro grau, consideradas as mais profundas, destroem totalmente a epiderme e a derme, geralmente necessitando da realização de enxertos (FHEMIG, 2013).

As áreas lesionadas são quantificadas de forma a definir o percentual de superfície corporal queimada, sendo considerado grande queimado o paciente com percentual acima de 25% de queimaduras de segundo grau e / ou 10% de queimaduras de terceiro grau. Mocelin e Andreoli (2008) destacam que a avaliação e a definição precisas da extensão e da profundidade das lesões são cruciais para o prognóstico do paciente queimado, além de serem utilizadas como critérios para definição de necessidade de hospitalização. O tratamento das queimaduras inclui banhos, realizados sob sedação e analgesia, e curativos diários; desbridamentos cirúrgicos de tecidos desvitalizados; enxertias autólogas de pele e atendimento especializado realizado por equipe multidisciplinar (FHEMIG, 2013).

De acordo com o Protocolo de Atendimento ao Queimado, da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais – FHEMIG (2013), no período de 2009 a 2010, 50% das queimaduras aconteceram em ambiente doméstico, sendo que 80% delas ocorreram na cozinha. No que diz respeito à intencionalidade, 79% das queimaduras foram acidentais, 12% foram provocadas pela própria pessoa e 9% foram agressões. Com frequência, elas são provocadas pelo derramamento de líquidos quentes sobre o corpo, configurando, em grande parte, acidentes possivelmente evitáveis. Esses números revelam a importância de que sejam realizadas mais campanhas de prevenção, além da necessidade de criação e desenvolvimento de políticas públicas que possibilitem uma abordagem global com relação a esse agravo à saúde.

Arrunatégui (2011) afirma que a queimadura pode ser considerada uma das formas de traumatismo clínico mais destrutivo que o ser humano pode sofrer, já que causa danos complexos ao organismo, levando a alterações sistêmicas em magnitude maior do que em outras formas de trauma e, dentre elas pode-se especificar: perda de fluidos, proteínas e eletrólitos; queda na imunidade e grande consumo metabólico. Além disso, as queimaduras estão associadas a altas taxas de mortalidade e cuidados hospitalares de longa duração e alto custo.

A dor está associada a atividades rotineiras e específicas do tratamento de queimaduras, como limpeza das feridas e banhos; desbridamentos; enxertos; trocas de

curativos e sessões de fisioterapia. Guimarães, Silva e Arrais (2012) destacam que, nesses momentos, mesmo uma analgesia potente pode não ser suficiente: “A dor pode ainda modificar comportamentos, humores e até traços de personalidade, gerando agressividade, depressão, apatias, desejo de morte, podendo, ainda, ocasionar doenças psicopatológicas” (GUIMARÃES; SILVA; ARRAIS, 2012, p. 130). Assim, além de vivenciar um processo doloroso, durante seu tratamento, a pessoa que sofreu queimaduras passa a ter que conviver com a umidade de seus ferimentos, com a movimentação dificultada, com a intimidade de seu corpo exposta e com incertezas e inseguranças a respeito do futuro.

Sobre isso, Guimarães, Silva e Arrais (2012) sublinham que, após terem a sobrevivência assegurada, as funções físico-funcionais, estéticas e emocionais passam a ser fatores de maior influência para a subsequente qualidade de vida dos pacientes que sofreram queimaduras. Frequentemente, as queimaduras promovem alterações como cicatrizes, contraturas e até mesmo distorção da própria imagem. Apesar dos avanços da cirurgia plástica, a reposição das perdas cutâneas é imperfeita e o resultado estético e funcional é limitado, podendo resultar em uma situação descrita por Machado et al (2011) como “morte social”, quando não acontece a morte física.

O tratamento de queimaduras passou por grandes avanços nas últimas décadas e, atualmente, mesmo pacientes com 80% da área corporal atingida por queimaduras têm chance real de sobreviver, se receberem atendimento especializado. Em 1949, a chance de sobrevivência de um paciente grande queimado com percentual de 40% da superfície corporal queimada era de 50%. A sobrevivência dos pacientes grandes queimados aumentou, assim como a preocupação da comunidade científica a respeito desses pacientes, especialmente no que diz respeito ao impacto psicológico que podem sofrer: diversos fatores presentes no grande queimado favorecem o desenvolvimento de distúrbios psicológicos, dentre eles, o percentual de área queimada e se houve ou não desfiguramento da face, conforme explicam Mocelin e Andreoli (2008).

Pessoas que sofrem ou desenvolvem alguma desfiguração física durante o período de internação, como ocorre com os pacientes queimados, podem vivenciar insegurança com relação ao seu corpo, devido à possibilidade de sequelas e de cicatrizes. Essas alterações podem ser vivenciadas como perdas e suscitar um processo de luto. Podem também surgir incertezas com relação ao outro, especialmente no que diz respeito ao olhar que esse outro dirige para o sujeito. O olhar, o afeto, as falas e os comportamentos têm papel fundamental na constituição psíquica e a forma como o sujeito vai receber e interpretar as mensagens do

Outro pode ser precursora de uma recuperação saudável ou também gerar angústia e sofrimento.

Leite (2014) destaca ainda que as possíveis sequelas estético-funcionais e a perda de funções motoras podem incapacitar para o trabalho e interferir nas relações sociais e familiares. Mocelin e Andreoli (2012) indicam queda na qualidade de vida dos pacientes queimados após a alta hospitalar em razão da necessidade de adaptações e mudanças em suas rotinas de vida e nas de seus familiares, além de diversas dificuldades pós-lesão, dentre elas, dificuldades neuropsicológicas (déficits de atenção e de memória), sexuais e de interação social, em razão do comprometimento da pele.

As queimaduras atingem muito mais do que a pele e o organismo do indivíduo. Elas podem provocar sequelas e limitações físicas, além de alterar a imagem corporal. Suas causas, a dor vivenciada durante o tratamento e as transformações que podem causar na vida das pessoas e de suas famílias geram implicações psíquicas importantes. Pensar sobre pessoas que se queimaram de forma intencional, leva a refletir sobre possíveis significações que o fogo pode assumir para esses sujeitos, pois, em última instância, ele é o elemento que destrói tudo, acaba com qualquer matéria, sem deixar resíduos. Quando não termina com tudo, reduz às cinzas ou deixa seu rastro, no corpo do indivíduo.

### **1.3 O que se pode dizer sobre o fogo, a partir da teoria psicanalítica**

O fogo, elemento fundamental para a sobrevivência do ser humano, encontra diversas associações ao longo da história, nos mitos e nas lendas, nas asserções românticas poéticas, ou mesmo na linguagem cotidiana, sob a forma de ditos populares. Por vezes, é associado àquilo que arde, queima, incendeia, e que remete à paixão, ao amor, ao desejo sexual. É possível encontrá-lo simbolizado também como um elemento mortífero, com poder de destruição, de causar a extinção. Nesse sentido, o fogo transforma aquilo que toca, e, se não reduz às cinzas, marca de forma indelével com suas chamas.

Leite (2014) assinala o significado cultural, político e o impacto que o ato de atear fogo no próprio corpo gera na sociedade. Nesse sentido, ele mostra-se associado a questões étnicas e a algumas passagens históricas relacionadas: o *suttee*, ritual do costume hindu, no qual as viúvas se jogam na pira do funeral de seus esposos; o alto número de suicídios por fogo entre mulheres jovens, casadas, analfabetas e vivendo em condição de miséria, no Irã; e o suicídio de Jan Palach, que ateou fogo no próprio corpo, com gasolina, em um protesto contra a invasão soviética na Tchecoslováquia, em 1969. Pode-se citar, ainda, o episódio de

autoimolação do monge Thích Quang Duc, em meio à Guerra do Vietnã, em 1963, cujas imagens, registradas pelo fotógrafo Malcom Browne, se tornaram mundialmente conhecidas. Na época, iniciativas e decisões do novo governo causavam descontentamento à população do Vietnã, que era majoritariamente budista. A declaração do governo de que o país seria seguidor da Igreja Católica, a realização de uma cerimônia em que diversas cruzes cristãs foram expostas e o banimento da bandeira budista, culminaram em uma série de protestos, que foram violentamente reprimidos. Em resposta aos últimos atos, no dia 11 de junho de 1963, em meio a uma multidão de monges budistas que protestavam em Saigon, Thích Quang Duc sentou-se na posição de lótus e, encharcado de combustível, ateou fogo em si mesmo, após recitar uma prece, queimando até a morte. Seu ato motivou outra série de autoimolações de monges e cidadãos budistas, que ganharam forte conotação e impacto político.

Como uma das possíveis formas encontradas pelo homem para tentar suicídio ou se autoimolar, a utilização do fogo como meio compreendeu 20% das internações por queimaduras em Minas Gerais no período de fevereiro de 2009 a julho de 2010, de acordo com Leão *et al* (2011). Os autores afirmam que esse número é preocupante, pois as queimaduras provocadas pela própria pessoa atingem grandes extensões corporais e, conseqüentemente, apresentam maior gravidade e maior taxa de mortalidade. Nesse sentido, o uso do fogo para tentar suicídio adquire forte caráter simbólico, pois pode ser considerado um dos meios mais letais e dramáticos, segundo Maciel, Castro e Lawrenz (2014). As autoras também encontraram que, quando ele foi utilizado de modo premeditado, foi escolhido por que se acreditava que ele levaria a morte.

Desde a pré-história, o desenvolvimento da espécie humana mostra-se atravessado pela descoberta do fogo e a posterior aquisição de controle sobre ele. Distintas disciplinas se dedicaram a trabalhar as particularidades que podem estar relacionadas ao elemento fogo e, dentre elas, a psicanálise também se pôs a trabalho.

Em “*O mal estar na civilização*”, Freud [1930] / (1996), remontando às origens, afirma que os primeiros atos de civilização da humanidade foram a utilização de instrumentos, o controle do fogo, e a construção de habitações, destacando o caráter extraordinário e sem precedentes do controle do fogo. Em uma nota de rodapé, encontra-se destacada a necessária renúncia pulsional<sup>11</sup> do homem para a aquisição do controle sobre o fogo. Para Freud (1996), quando o homem primitivo entrava em contato com fogo, tinha o hábito de satisfazer um desejo infantil a ele associado, urinando sobre ele para extingui-lo:

---

<sup>11</sup> Na “*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*”, aparece a palavra “instinto” no lugar do termo “pulsão”. Quando não se tratar de citação direta, será feita a substituição no texto.

Extinguir o fogo pela micção [...] era, portanto, uma espécie de ato sexual com um indivíduo do sexo masculino, um gozo da potência sexual numa competição homossexual. A primeira pessoa a renunciar a esse desejo e a poupar o fogo pôde conduzi-lo consigo e submetê-lo a seu próprio uso. Apagando o fogo de sua própria excitação sexual, domará a força natural do outro fogo (FREUD, 1996, p. 97).

O ato de urinar sobre o fogo é associado ao caráter fálico que poderia ser atribuído às chamas pelas lendas, ao dizer de línguas de chama, por exemplo. Assim, urinar sobre as chamas poderia ser considerado uma espécie de ato sexual com um indivíduo do sexo masculino: “[...] um gozo da potência sexual numa competição homossexual” (FREUD, 1996, p. 97). A renúncia pulsional foi recompensada com a conquista do fogo. Sobre isso, Freud (1996) observa o papel de guardião do fogo que teria sido desempenhado pela mulher, uma vez que, em razão de sua anatomia, seria impossível que ela se rendesse ao desejo de urinar sobre o fogo e assim apagá-lo. Ainda nessa mesma nota de rodapé, pode-se encontrar uma referência a frequente conexão, notada na experiência analítica, entre ambição, fogo e o erotismo uretral<sup>12</sup>.

A referência ao erotismo uretral, na obra de Freud, pode ser considerada uma forma de remeter-se ao gozo fálico e, na associação entre gozo fálico e as formações de caráter que levam à ambição e à megalomania, por exemplo, o que está em jogo é a universalização desse tipo de erotismo, segundo Mandil (2014). Para ele, o gozo de apagar o fogo com a urina seria uma resposta do homem ao fogo interpretado como devorador, destrutivo, e, a renúncia a esse gozo acontece a partir de outro posicionamento dos homens, ou seja, outro posicionamento frente à libido:

Freud não o diz, mas podemos inferir que a renúncia ao gozo de apagar o fogo com a urina parte de uma mudança da posição do sujeito diante do fogo, uma verdadeira mudança de interpretação diante do enigma-fogo. Só renuncio à ideia de apagar o fogo se não considero o fogo unicamente como fonte de destruição, em outras palavras, se não interpreto o fogo como “vontade de gozo”. (MANDIL, 2014).

Mandil (2014), ao estudar as respostas freudianas para aquilo que se apresenta como um enigma para o masculino, em especial, o enigma presentificado pelo encontro com o Outro sexo, introduz o leitor, em suas palavras, a uma clínica freudiana do jato de urina. Ele considera que os enigmas do masculino podem ser tomados como efeitos da tentativa de tratar o gozo através da universalização do significante fálico. Nessa perspectiva, a cena freudiana

---

<sup>12</sup> Maiores detalhes sobre a relação entre ambição e erotismo uretral podem ser encontrados em “*Caráter e erotismo anal*” ([1908] /1996), na passagem de “*A interpretação dos sonhos*” em que Freud (1996) menciona o próprio sonho de urinar sobre excrementos, em uma colina que se assemelhava a uma privada ao ar livre, associando o jorro de urina que limpou tudo a um sinal de grandeza e na “*Conferência XXXII, Ansiedade e vida instintual*”, das “*Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*” ([1933] /1996).

do jato de urina do homem primitivo, que busca apagar o fogo, pode ser interpretada como o significante fálico visando à universalização do gozo:

[...] tratar o gozo a partir do significante fálico produz enigmas para o masculino, isola verdadeiros “pedaços de real” diante dos quais o sujeito surgiria como tentativa de significação.

É nesse contexto que podemos ler, nesse gozo de buscar apagar o fogo com um jato de urina, como tentativa de universalização de uma função fálica sobre as brasas da libido (MANDIL, 2014).

Em “*A aquisição e o controle do fogo*”, Freud [1932] / (1996) retoma a hipótese de que o homem adquiriu o controle do fogo ao renunciar ao desejo homossexual de apagá-lo com a urina, associando-a ao mito de Prometeu. Na mitologia grega, o titã Prometeu roubou o fogo dos deuses e entregou-o aos homens, carregando-o escondido em um caule de funcho, portanto, um pau oco, durante sua fuga. Freud (1996) chama a atenção de seu leitor para algumas particularidades: a forma como Prometeu transportou o fogo, as características assumidas por esse ato (um roubo, uma ofensa aos deuses) e a significação do posterior castigo por ele recebido: “Se estivéssemos interpretando um sonho, tenderíamos a considerar esse objeto como um símbolo do pênis, embora o acento incomum que se coloca no fato de ser oco nos faça hesitar. Mas, como podemos correlacionar tal tubo-pênis com a preservação do fogo?” (FREUD, 1996, p. 184).

Para responder a essa questão, Freud (1996) se baseia no mecanismo da inversão, mecanismo que comumente pode ser observado nos sonhos, e no qual ocorre um ocultamento do significado através da inversão da relação que é apresentada. Assim, o que o homem contém em seu tubo-pênis não é o fogo e sim o meio para apagá-lo, a água de seu jato de urina, considerada em conexão com grande quantidade de material analítico, desvelando a associação, frequente, entre fogo e micção. Mandil (2014) enxerga nessa resposta freudiana a imagem de uma nova relação do falo com a libido: “Aqui, podemos dizer, não estamos diante de um falo que busca apagar o gozo Outro, mas diante do falo como um autêntico semblante, do falo como um significante-oco, numa relação de extimidade com o fogo” (MANDIL, 2014).

No que diz respeito às características do ato de Prometeu, é notável o seu caráter criminoso, correlacionado ao aspecto transgressor constante em outras lendas sobre a aquisição de controle do fogo: “Aqui deve estar, por conseguinte, um conteúdo essencial das lembranças distorcidas da humanidade.” (FREUD, 1996, p. 184). Essa observação leva Freud (1996) a refletir sobre os mitos, nos quais aos deuses é garantida a satisfação de todos os desejos aos quais os seres humanos têm de renunciar, como por exemplo, o incesto: “Falando

em termos analíticos, diríamos que a vida instintual – o id – é o deus defraudado quando se renuncia à extinção do fogo: na lenda, o desejo humano transforma-se em privilégio divino” (FREUD, 1996, p. 184-185).

Para analisar o castigo sofrido por Prometeu, que foi acorrentado a uma encosta rochosa, na qual um abutre vinha, todos os dias, comer um pedaço de seu fígado, Freud (1996) assinala que o fígado aparece como um órgão dotado de significação, pois, em épocas anteriores, era considerado a sede das paixões e dos desejos do homem. Dessa maneira, a punição sofrida por Prometeu é a pena que deve acometer os criminosos que cedem às pulsões, ao passo que aos homens, que renunciam a esses desejos, demonstrando que essa renúncia é indispensável aos propósitos da civilização, o que se verifica é o oposto. Assim, para Freud (1996) o mito retrataria o feito de Prometeu como algo merecedor de castigo, como uma forma de apaziguar o ressentimento que poderia ser suscitado nos homens movidos pelo desejo pulsional. Nesse sentido, é possível encontrar uma vinculação entre o desejo e a lei, no mito de Prometeu: “O ‘desejo de fogo’ de Prometeu, se assim podemos dizer, o desejo de ‘tomar posse’ sobre o fogo [...] também está associado a uma transgressão, a um crime contra aqueles a quem é garantida toda a satisfação a que os homens têm que renunciar” (MANDIL, 2014).

A antítese entre água e fogo é analisada por Freud (1996) com base em outro mito grego, o da hidra de Lerna, criatura contra a qual lutou Hércules, remetendo novamente à correlação entre fogo e micção. Diz o mito que a hidra de Lerna, considerada um dragão das águas, possuía diversas cabeças de serpentes, que cresciam novamente conforme Hércules as decepava, sendo uma delas imortal. A hidra só foi vencida após Hércules queimar com fogo a sua cabeça. Assim, para Freud (1996), a hidra é uma fogueira e as cabeças de serpentes, com seu movimento oscilante e o seu eterno ressurgimento, são as chamas, relacionadas à natureza libidinal de ressurgimento, tal como o fígado no mito de Prometeu: “Hércules, portanto, extingue essa fogueira com – água. (A cabeça imortal, sem dúvida, é o próprio falo, e sua destruição significa a castração.)” (FREUD, 1996, p. 187).

Para Mandil (2014), as elaborações de Freud em “*A aquisição e o controle do fogo*” acrescentam uma nova perspectiva para o enigma do masculino frente ao Outro sexo: “À idéia de sobrepujar o respeito pelas mulheres e de aceitar a transgressão simbólica como consultiva do desejo, Freud acrescenta outra condição: a renúncia a esse gozo que visa universalizar o Outro sexo através da significação fálica” (MANDIL, 2014). Assim, diante do fogo, o enigma do masculino se revela uma questão relativa aos fins da psicanálise, pois remete a um novo posicionamento do sujeito:

Dito de outro modo, diante do fogo, atravessar a fantasia de que o que resta é evitar ser destruído por suas chamas; e mais, diante do fogo, reconhecer o falo como um semblante e não como uma mangueira; e, por fim, poder reconhecer nesse fogo, instalado no oco do significante, a causa do próprio desejo (MANDIL, 2014).

### 1.3.1 *O fogo e o sexual*

Na segunda parte de *“A interpretação dos sonhos”*, Freud ([1900-1901] /1996) descreve os sonhos típicos da vida psíquica do ser humano e assinala uma conexão entre a enurese e os sonhos com fogo. Para ele, os sonhos com fogo justificam a proibição de brincar com fogo, feita às crianças, para que não molhem a cama à noite. Sobre isso, Mandil (2014), em releitura do texto freudiano e já aludindo ao caráter fálico que esses sonhos desvelam, argumenta que a interdição das brincadeiras com fogo, feita às crianças, decorreria de um saber sobre a relação entre o gozo fálico e o gozo Outro: “Sonhando com fogo, outro modo de evocar a excitação sexual, as crianças tentarão apagá-la com a urina, eis, para Freud, o sentido da enurese noturna e de seu caráter autoerótico” (MANDIL, 2014).

Na obra freudiana, outras associações entre fogo, micção e enurese são também encontradas na segunda parte de *“Fragmento da análise de um caso de histeria”* [1905] / (1996), em que se pode verificar o trabalho analítico realizado a partir do primeiro sonho levado por Dora, e em *“História de uma neurose infantil”* [1918] / (1996), em uma passagem da análise do caso do Homem dos Lobos.

O Homem dos Lobos conta a Freud ter ficado impressionado ao ouvir a história de John Huss, pensador tcheco que foi queimado na fogueira por fazer críticas à igreja católica, e que, na ocasião, sua atenção se fixou nos feixes de lenha amontoados. Isso leva Freud (1996) a uma correlação da qual ele suspeitava, entre fogo e enurese, e que ele já havia observado em outros pacientes: “Huss pereceu pelo fogo e (como outros que possuem a mesma qualificação) torna-se o herói de pessoas que já sofreram de enurese.” (FREUD, 1996, p. 100). O paciente associa os feixes de lenha usados na fogueira à vassoura de sua ama, composta por galhos, na ocasião em que ele, ainda criança, urinou na sala quando a viu varrendo o chão:

Para ele, a moça transformou-se em sua mãe, foi presa de excitação devido à ativação dessa imagem; e, como o pai (cuja ação ele só pode ter considerado, na ocasião, como a de urinar), comportou-se de modo masculino em relação a ela. Seu ato de urinar no chão foi, na realidade, uma tentativa de sedução, e a moça respondeu a esse ato com uma ameaça de castração, exatamente como se tivesse compreendido o que ele queria dizer (FREUD, 1996, p. 100).

Para Freud (1996), o Homem dos Lobos urina ao ficar excitado frente à cena de sua ama varrendo o chão e a incontinência da bexiga pode ser considerada um ato carregado de

vergonha, justamente por essa conotação sexual, relacionada às teorias sexuais infantis. Dessa maneira, ele reafirma a correlação entre a enurese e o fogo, verificada pela regularidade com que tais conteúdos se acham conectados na experiência psicanalítica. Essa conexão aparece também na análise do sonho de Dora, um sonho recorrente e que ela relata da seguinte maneira:

Uma casa estava em chamas. Papai estava do lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de jóias, mas papai disse: “Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de jóias”. Descemos as escadas às pressas e, logo que me vi do lado de fora, acordei (FREUD, 1996, p. 67).

Esse sonho mostrou-se relacionado a duas falas do pai de Dora. Uma delas, em um evento recente, quando Dora presenciou uma discussão dele com a esposa, porque não queria que ela deixasse a sala de jantar trancada, já que isso inviabilizava a passagem para o quarto do irmão de Dora, que não possuía entrada independente. Nessa ocasião, ele menciona que fechar a saída do quarto não era bom porque poderia acontecer alguma coisa à noite que tornasse necessário sair. A outra fala ocorre quando eles estão na casa do lago do Sr. K.: ao chegar ao local, em meio a uma tempestade, o pai de Dora manifesta preocupação com a possibilidade de um incêndio, pois a casa de madeira não possuía para-raios. É na ocasião dessa mesma viagem que acontece a cena no lago com o Sr. K., quando, em uma caminhada seguinte a um passeio de barco, ele a surpreende com uma proposta amorosa: “O Sr. K. fizera uma introdução razoavelmente séria, mas ela não o deixara terminar. Mal compreendeu do que se tratava, deu-lhe uma bofetada no rosto e se afastou às pressas.” (FREUD, 1996, p. 97). Dora afirmou não se lembrar das palavras exatas que ele lhe dirigiu, apenas que “não tinha nada com sua mulher”. Ela foge e deseja retornar para a cidade a pé, mas, ao obter a informação de que levaria duas horas e meia, decide pegar o barco, onde reencontra o Sr. K.. Ele lhe pede desculpas e solicita que ela não mencione os acontecimentos, porém, não recebe resposta alguma. Depois desse incidente, Dora declara que não permanecerá na casa e regressa com seu pai. É essa cena que leva Freud (1996) a elucidar algumas associações entre os distintos elementos presentes nesse sonho.

No que diz respeito ao fogo, Freud (1996), considerando as palavras ambíguas do pai de Dora, ao dizer que poderia acontecer alguma coisa à noite, questiona a paciente acerca da crença popular que diz que as crianças não devem brincar com fogo para não molhar a cama à noite. Dora não conhecia esse dito popular e ele esclarece que a antítese entre água e fogo pode estar na base dessa crença, pois talvez as crianças molhem a cama ao sonhar com fogo,

para tentar apagá-lo. Interpretando os demais elementos do sonho, ele faz a seguinte observação:

Mas vejo que a oposição entre água e fogo no sonho presta a você extraordinários serviços. Sua mãe queria salvar a caixa de jóias para que ela não fosse *queimada*; nos pensamentos do sonho, em contrapartida, trata-se de que a “caixa de jóias” não fique *molhada* (FREUD, 1996, p. 73, grifos do autor).

No dia seguinte, Dora revela que, quando teve esse sonho, ao acordar, sentiu cheiro de fumaça, que ela associa ao fato de seu pai e do Sr. K. serem fumantes. Freud (1996) considera que o cheiro de fumaça se relaciona a algum conteúdo obscuro, recalcado, associado à tentação de se mostrar disposta a ceder ao Sr. K. Ele evoca, de um lado, a associação encontrada entre o fogo como representação do amor e da paixão, sentido simbólico por meio do qual se pode chegar aos pensamentos amorosos de um lado, e, por outro, a associação com a água, da qual ele também afirma ser possível chegar a uma conexão com o amor, visto que “[...] também este deixa as coisas molhadas [...]” (FREUD, 1996, p. 74). Ele aborda, junto a Dora, a possibilidade de que a fala de seu pai, de que poderia acontecer alguma desgraça durante a noite, remetesse à desgraça infantil de molhar a cama, e, após hesitar por um momento, ela se lembra de ter tido episódios de enurese, época em que um médico chegou a ser consultado por esse motivo.

A psicanálise ensina que a enurese desempenha papel significativo na história primitiva dos neuróticos e, no caso de Dora, não havia persistido além da época considerada como normal, mas reapareceu em momento tardio de seu desenvolvimento, o que levou Freud (1996) a considerar a masturbação como sua causa provável, visto que o sonho apareceu em um momento de sua análise que conduzia à admissão da masturbação infantil<sup>13</sup>.

Flanzer (2007) destaca as correlações feitas por Freud entre o fogo e a excitação sexual masculina, e entre a água e a micção. Para a autora, a conexão entre o fisiológico e o psíquico, no que diz respeito às duas funções do pênis, a micção e a ejaculação, é a mesma que pode ser encontrada no cerne da análise freudiana do primeiro sonho de Dora e na passagem do caso clínico do Homem dos Lobos. Ela evoca a dupla função do pênis, já descrita da seguinte maneira na obra freudiana:

Serve para o esvaziamento da bexiga e realiza o ato de amor que satisfaz o desejo da libido genital. A criança ainda acredita que pode unir as duas funções [...] Entretanto, o adulto sabe que, na realidade, esses atos são mutuamente inconciliáveis – como são incompatíveis o fogo e a água. [...] A antítese entre as duas funções

---

<sup>13</sup> A conexão entre enurese e masturbação também pode ser encontrada em outros trabalhos de Freud, dentre os quais se pode destacar: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905] /1996); *Algumas observações gerais sobre os ataques histéricos* ([1909] /1996); *A dissolução do complexo de Édipo* ([1924] /1996); e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* ([1925] /1996).

poderia levar-nos a dizer que o homem apaga o seu próprio fogo com sua própria água (FREUD, 1996, p. 188).

Segundo Flanzer (2007) o pênis, ao servir tanto para o esvaziamento da bexiga quanto para realizar o ato de amor que satisfaz a libido genital, remeteria então ao elemento da disparidade, pois são funções mutuamente incompatíveis, tais como são o fogo e a água. Essa disparidade seria encontrada no contexto fálico da sexualidade, no sentido de que onde o sujeito ama, não deseja, e onde ele deseja, não pode amar. E tornaria possível evocar uma conexão entre fogo e amor, tal como Freud (1996) retoma ainda em *“A aquisição e o controle do fogo”*:

[...] o homem primitivo estava fadado a considerar o fogo como algo análogo à paixão do amor – ou, conforme diríamos nós, um símbolo da libido. O calor que se irradia do fogo evoca a mesma sensação que acompanha um estado de excitação sexual, e a forma e os movimentos de uma chama sugerem um falo em atividade (FREUD, 1996, p. 185).

Assim, Freud (1996) relembra que a humanidade não se distancia do homem primitivo na associação entre fogo e amor, quando fala em “fogo devorador do amor” e em “chamas que lambem”. Para ele, isso confere especial destaque à escolha do fígado, enquanto sede das paixões, como órgão padecedor do castigo no mito de Prometeu: “[...] o caso de ser diariamente devorado e renovado dá um quadro apropriado do comportamento dos desejos eróticos que, embora satisfeitos todos os dias, também revivem todos os dias. A ave que se alimenta do fígado teria, pois, a significação de pênis [...]” (FREUD, 1996, p. 186). Isso o leva a traçar uma correlação entre a lenda da fênix, ave que, consumida pelo fogo, ressurgue das chamas, e o pênis, que surge revivescido depois de haver relaxado, novamente aludindo ao falo, à libido, e ao fogo, evocando a indestrutibilidade do desejo.

Flanzer (2007) afirma que Freud reconhece o renascimento dos desejos após sua extinção pela saciedade, tanto no mito de Prometeu como na lenda da Fênix, revelando a associação possível entre fogo e amor e entre fogo e libido:

Há uma incompatibilidade no terreno do amor, tal como são incompatíveis o fogo e a água: onde um pode brotar, o outro já se demoveu. A fim de realizar um paralelo entre o fogo e o amor, devemos conservar a idéia de que, para além das escolhas amorosas (implicando em que o sujeito perca necessariamente algo), a incompatibilidade é inerente ao próprio estatuto fálico. Pênis versátil, mas incompleto; fênix que renasce das cinzas a cada vez, anunciando que qualquer volúpia decorrente do desejo só pode se fazer valer por estar marcada pela morte, pelo incêndio que propriamente a constitui (FLANZER, 2007, p. 134).

A conotação sexual que pode ser observada nos sonhos com fogo citados por Freud sinaliza que há algo da libido e do gozo implicado na associação ao fogo. A pulsão busca a

sua satisfação, de forma incessante, o que remete à indestrutibilidade desse desejo, que aparece na lenda da fênix, associada ao órgão sexual masculino, por exemplo. Contudo, por não encontrar representação, a pulsão também pode acabar por levar o sujeito a um caminho mortífero, destrutivo, tal como o é o ato de atear fogo no corpo. O ato de provocar as próprias queimaduras pode estar associado a uma tentativa que, se não é a de mortificar o desejo (que pode já se encontrar mortificado, totalmente alienado ao Outro, como revela o entrevistado 2015 ao dizer de sua “depressão”, ou a entrevistada 2017, em sua posição de desinvestimento do corpo), pode ser compreendida como a necessidade de se fazer alguma coisa para acabar com a insistência do gozo que não cessa de não se inscrever no corpo.

Flanzer (2007) recolhe fragmentos do que a psicanálise tem a dizer sobre a possível associação entre fogo e amor, para dizer do campo do amor para o ser humano. Ela sublinha a incompatibilidade no que diz respeito ao amor e a incompletude estrutural do sujeito, que faz com que o encontro com o outro nunca se realize de forma completa. Assim, há algo que não se articula, algo que não se apaga, com relação à dinâmica na qual o sujeito está inserido nas relações amorosas, e que pode ser associado ao encontro faltoso com o real, que, parafraseando Lacan, é onde pega fogo:

É nesta direção que articulo que *o amor é fogo*: fundamentalmente no sentido de que há um real em jogo, nas entrelinhas das relações promovidas pelo amor. Algo não se apaga, algo insiste, seja por não encontrar conciliação possível no Outro, seja por asseverar que, no cerne da estruturação do sujeito há um antagonismo inerente, que revela, vez por outra, seu caráter ardoroso. Há algo, portanto, que estruturalmente teima e queima, estando para além do falo e de suas possíveis representações (FLANZER, 2007, p. 135, grifo da autora).

Segundo Lacan [1957-1958] / (1999), o falo é um tipo especial de objeto, o objeto metonímico do desejo da mãe, ele representa o desejo do Outro para o sujeito. É um significante submetido à lei paterna sendo, portanto, o significante da falta:

[...] o falo não é uma fantasia, nem uma imagem, nem um objeto, mesmo que parcial, mesmo que interno, mas é um significante. Ser ele um significante é a única coisa que nos permite conceber e articular as diversas funções que ele assume nos diferentes níveis do encontro intersexual (LACAN, 1999, p. 386).

O falo se articula inicialmente na dimensão imaginária, para depois, se instaurar na dimensão simbólica, que comporta certa mortificação, trazida pelo significante. Flanzer (2007), a partir de suas leituras lacanianas, explica a articulação entre o falo e aquilo que se situa para além da demanda, considerando a mortificação presente na lógica fálica em sua relação com a feminilidade: “Isto ao que o sujeito se vê defrontado, esta mortificação, não é senão a feminilidade, determinando para o sujeito que, no escopo do desejo, há a presença de uma ausência” (FLANZER, 2007, p. 136). Nesse sentido, o que se localiza para além do falo

e de suas representações, ou seja, o que se encontra, em última instância, na relação do homem com uma mulher, é o real, presentificado sob a forma da pulsão de morte, e que descortina para o sujeito a não relação sexual:

Ao localizar na representação fálica este estatuto demoníaco, Freud levanta o véu que a fantasia do sujeito esforça-se por tentar encobrir, tornando exposto o que há de mais candente no universo dos investimentos amorosos: o desatino de sua incompletude, descortinado na fogueira do amor (FLANZER, 2007, p. 135).

Freud ([1893-1895] /1996) em “*Estudos sobre a Histeria*”, apresenta o caso da paciente *Miss Lucy R.*, à época com 30 anos de idade, e que havia perdido o sentido do olfato mas era perseguida por sensações olfativas subjetivas, vivenciadas de forma bastante aflitiva, tais como um cheiro de pudim queimado. Ao longo da análise da paciente, esse sintoma pode ser associado à paixão que a jovem nutria por seu padrão, e, com a sua interpretação, o cheiro de pudim queimado sentido por *Miss Lucy R.* desaparece. Após descobrir uma cárie, o tratamento dela é interrompido, mas, quando retorna, sua queixa é a de que está sendo importunada por outra sensação olfativa subjetiva: “Quando lhe perguntei mais uma vez sobre o cheiro de pudim queimado, ela me informou que ele havia desaparecido, mas que agora vinha sendo importunada por outro cheiro semelhante, parecido com o de fumaça de charuto” (FREUD, 1996, p. 145). Esse clássico caso se mostra de grande utilidade para aludir ao fogo e ao amor, no sentido de que desvelam para o sujeito aquilo que falta:

Pode-se supor, assim, que o cheiro de queimado é sempre uma consequência vivaz, que declara e ressalta aquilo que na verdade não está propriamente ali. Está oculto, uma vez restringido pela barra do recalque. Ao mesmo tempo, a fumaça é um sinal que avisa e sustenta que haja algo ali [...] a fumaça assinala enfaticamente a presença do amor, e faz alertar ao sujeito que há, na finalidade mesma do sintoma, um chamuscante desejo insatisfeito (FLANZER, 2007, p. 140-141).

Flanzer (2007), considerando a impossibilidade de completude expressa pela não relação sexual, afirma que o amor é uma ilusão, que recoloca em cena para o sujeito a divisão estrutural:

O amor é fogo! “É fogo”, tal como popularmente bradamos, quando aludimos a algo que nos incomoda bastante. O amor é fogo exatamente pelo fato de que, ao aceder ao lugar deseante, o sujeito torna-se apto a perceber que o Outro de maneira alguma constitui um objeto total (capaz de devolver a essa esfera seu estatuto de inteireza) (FLANZER, 2007, p. 138).

Dessa maneira, pode-se associar o amor ao fogo por ambos terem a possibilidade de se apresentar em vertente mortífera, angustiante, para o sujeito, ao denunciar a sua divisão e, correlativamente, a divisão do Outro, fazendo com que a completude desejada não possa ser alcançada.

Ao se colocar fogo, desejo e amor em questão, faz-se necessário destacar o que de incendiário está em jogo nessas configurações. Em “*Observações sobre o amor transferencial*”, Freud [1915] / (1996) destaca as singularidades desse tipo de amor, bem como a necessidade de seu manejo, aludindo, nas entrelinhas de seu texto, ao que se pode considerar como uma espécie de caráter incendiário e explosivo, inerente ao que está em jogo na manifestação da transferência. Sobre a irrupção do amor transferencial na cena analítica, ele afirma: “Há uma completa mudança de cena; é como se uma peça de fingimento houvesse sido interrompida pela súbita irrupção da realidade – como quando, por exemplo, *um grito de incêndio* se erguer durante uma representação teatral.” (FREUD, 1996, p. 179, grifo nosso). No que diz respeito ao manejo do amor transferencial, ele adverte que o psicanalista sabe que está trabalhando com forças altamente explosivas, portanto, passíveis de incendiar, e deve, portanto, avançar com cautela tal como trabalha um químico em seu laboratório.

Lacan [1964] / (2008), ao trabalhar o conceito psicanalítico de repetição, se detém sobre o sonho freudiano do “Pai, não vêes que estou queimando?”, cuja análise encontra-se em “*A interpretação dos sonhos*”. Esse sonho foi contado a Freud por uma paciente, que, por sua vez, tomou conhecimento dele em uma conferência sobre os sonhos. O contexto no qual se desenrola é o de um pai que acabou de perder o filho, que estava doente. Esse pai esteve em vigília por dias, junto ao leito do menino e, após a morte deste, vai para o quarto contíguo para descansar, mas deixa a porta aberta, de forma a poder enxergar o quarto em que jazia o corpo do filho, com velas altas ao redor, e do qual um velho foi encarregado de velar:

Após algumas horas de sono, o pai sonhou que *seu filho estava de pé junto a sua cama, que o tomou pelo braço e lhe sussurrou, em tom de censura: “Pai, não vêes que estou queimando?”*. Ele acordou, notou um clarão no quarto contíguo, correu até lá e constatou que o velho vigia caíra no sono e que a mortalha e um dos braços do cadáver de seu amado filho tinham sido queimados por uma vela acesa que tombara sobre eles (FREUD, 1996, p. 541, grifos do autor).

A paciente relata a Freud a explicação que foi dada pelo conferencista a esse sonho, de que o clarão chegou aos olhos do pai através da porta aberta, levando-o à mesma conclusão que teria se estivesse acordado, de que uma vela havia caído e ateado fogo nas proximidades do corpo. Além disso, a explicação afirma que seria possível que esse pai já tivesse certa preocupação de que o velho não fosse capaz de cumprir a tarefa a ele designada. A essa interpretação, Freud (1996) acrescenta que o conteúdo desse sonho deve ter sido sobredeterminado e destaca que as palavras proferidas pelo filho devem ter sido compostas de expressões que ele mencionou em vida, e relacionadas a acontecimentos importantes para seu pai. A análise desse sonho com fogo difere de outras interpretações freudianas, por seu

conteúdo não estar associado à micção e a enurese, conexão frequentemente encontrada em sua obra. Freud (1996) observa que nele é possível localizar elementos comuns a todos os sonhos, tais como, por exemplo, a realização de um desejo: o pai teria preferido prolongar seu sonho por um momento ao invés de despertar porque, no sonho, o filho comportou-se como vivo, indo até sua cama, tomando-o pelo braço e lhe dirigindo a palavra, de modo que, se acordasse antes, teria abreviado a vida do menino.

Para Lacan (2008), nesse sonho é possível observar uma função aparentemente secundária dos sonhos, que não é a de satisfazer o objetivo de prolongar o sono, e sim, a de desvelar para o sujeito aquilo que o faz despertar desse sono, a realidade faltosa: “A questão que se coloca, e que de resto todas as indicações precedentes de Freud nos permitem produzir agora, é – *O que é que desperta?* Não será, no sonho, uma outra realidade?” (LACAN, 2008, p. 62, grifos do autor).

Lacan (2008) identifica essa outra realidade nas palavras ditas no sonho pelo menino, a realidade faltosa que teria causado a morte da criança. Ele destaca a importância de se pensar o que teria perpetuado para o pai essas palavras e considera que, talvez elas perpetuem seu remorso, por ter colocado o velho para velar o corpo do filho morto, uma vez que ele já poderia ter sinalizado, de alguma forma, que não teria competência para cumprir tal função: “O sonho prosseguido, não é ele, essencialmente, se assim posso dizer, a homenagem à realidade faltosa – a realidade que não pode jamais se dar a não ser repetindo-se infinitamente, num infinitamente jamais atingido ao despertar?” (LACAN, 2008, p. 63). Assim, a visão do filho morto pegando no braço do pai, designa um mais além:

O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto. É no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. Só um rito, um ato sempre repetido, pode comemorar esse encontro imemorable – pois que ninguém pode dizer o que seja a morte de um filho – senão o pai enquanto pai – isto é, nenhum ser consciente (LACAN, 2008, p. 63).

Da mesma forma, Flanzer (2007), em leitura lacaniana, evoca a vela caída no sonho do “Pai, não vês que estou queimando?” e ao que, de fato, encontra-se velado nesse sonho, ou seja, o real que se apresenta escondido, mas que insiste:

No entanto, isso não descansa, e é por isso que o pai acorda em desespero: pois ele desejara, por instantes, repousar. Pode-se considerar que essa cena também denuncia a inerência de uma partição, uma vez que o pai, assim como todo sujeito, na verdade sonha a fim de continuar dormindo. Perspectivando esta cisão, conclui-se que não há mesmo, para o sujeito em pleno exercício pulsional, muito descanso possível (FLANZER, 2007, p. 138).

É nesse sentido que se pode pensar que o fogo pega naquilo que se apresenta como sendo da ordem do acaso, mas que, por trás desse véu, é guiado pelo gozo da repetição. O fogo pega quando aquilo que é da ordem do insuportável emerge e acaba com o véu: o que resta é o horror do inominável. Assim, para Lacan (2008), a frase, dita pelo filho morto no sonho do pai, é como uma tocha que, sozinha, põe fogo onde cai, e sua chama cega seu ouvinte, não permitindo ver que o fogo pega no real:

O real pode ser representado pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando. Mas, por outro lado, essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud (LACAN, 2008, p. 64).

O sonho do “Pai, não vêes que estou queimando?” revela o encontro com o mais além que é o encontro com o real, encontro esse sempre faltoso, e que, portanto, só poderia manifestar-se dessa forma, sob o esconderijo camuflado de um sonho.

É no instante incendiário do encontro com o real do gozo que os sujeitos da entrevista passaram ao ato, como explica a entrevistada 2017:

Puxa vida, já perdi meu pai, me deixaram [...] ...achei tão cruel da parte deles. E eu fiquei olhando, e eu num, eu lembro que eu pensei assim, eles tão achando que vão, que eu vou enfiar o rabinho entre as pernas? Que me ameaçou? Que aí, viu, nós ameaçamos, ela parou. Essa idéia começou a me causar um pânico, assim, gente, eu prefiro, que assim, jogar em mim, se eles calar a boca e parar de me encher a paciência. (Entrevistada 2017).

O fogo destrói o véu da fantasia e, ao atingir a pele, o que aparece por trás é o horror: o organismo, desprovido de seus suportes simbólicos e imaginários. Nesse sentido, pode-se pensar que o fogo irrompe como um real inabalável, algo da ordem de um limite, que provoca uma ruptura na cadeia significante. Isso leva a pensar sobre os sujeitos que se queimaram de forma intencional e sobre qual o sentido desse ato, dessa recusa frente ao Outro. Algo parece sugerir que, no momento em que algo da ordem do impossível de dizer se articulou de forma insidiosa, provocou um encontro faltoso, um vazio daquilo que aparece como impossível, levando o sujeito a agir. Escutar o que os sujeitos têm a dizer desse ato pode possibilitar que eles encontrem novamente um lugar no Outro.

## 2 TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS: O QUE SE PODE DIZER SOBRE O ATO

O trabalho “*Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*” apresenta-se como uma grande contribuição da Psicanálise sobre o ato. Freud faz uma espécie de catálogo, evocando diversos exemplos de esquecimentos, lapsos, equívocos na ação e atos falhos, deixando claro que: “Nessas formações, a lógica das cadeias inconscientes desdobra seus jogos.” (CASTANET; ROUVIÈRE, 2013, p. 34). Na referida obra, Freud [1901] / (1996) dedica especial atenção a situações que, no cotidiano da vida, poderiam ser acatadas como inocentes, desprovidas de sentido, mas que, se forem analisadas detalhada e sistematicamente, revelam intenções inconscientes por trás delas. Com os exemplos discutidos, ele demonstra a presença do inconsciente em pessoas sadias, ao supor um sentido e um propósito para as pequenas perturbações vivenciadas por elas, contribuindo, de certa forma, para suavizar a carga patologizante associada ao termo inconsciente.

Freud (1996) nomeia de equívocos na ação os casos em que um efeito falho, ou seja, de um desvio na intenção consciente, parece ser o elemento central envolvido na ação, e os distingue dos atos sintomáticos e acidentais, que compreendem aquelas situações em que a ação inteira parece equivocada e / ou inoportuna. Os equívocos na ação podem ser descritos como, por exemplo, uma troca de chaves frente a uma porta; movimentos desajeitados aparentemente acidentais, tais como deixar cair e quebrar objetos; cair ou dar um passo em falso; ou mesmo alguns ferimentos aparentemente acidentais: “A impassividade com que aceitamos o dano produzido em todos esses casos pode, sem dúvida, ser tomada como prova de que existe um propósito inconsciente por trás da realização desses atos.” (FREUD, 1996, p. 174).

Os equívocos na ação podem ser compreendidos como os atos falhos, que são regidos por uma intenção e um propósito inconsciente, e podem inclusive servir de satisfação do desejo inconsciente. Sobre isso, Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que se pode deduzir que o ato falho é um ato bem sucedido, pois nele o desejo inconsciente é realizado, por vezes, de forma bastante clara.

Ainda com relação aos atos falhos, Freud (1996) questiona se é possível considerar a existência de intenção inconsciente em erros capazes de resultar em danos graves. Alguns ferimentos, aparentemente acidentais, são, na realidade, lesões autoinfligidas, em razão de tendências autopunitivas:

Acontece que uma tendência à autopunição, que está constantemente à espreita e comumente se expressa na autocensura ou contribui para a formação do sintoma, tira hábil partido de uma situação externa oferecida pelo acaso, ou contribui para sua

criação até que se dê o efeito lesivo desejado. Tais ocorrências de modo algum são raras, inclusive nos casos de gravidade moderada, e denunciam o papel desempenhado pela intenção inconsciente através de uma série de traços particulares [...] (FREUD, 1996, p. 181-182).

É nesse mesmo trabalho que Freud (1996) evoca, então, um importante aspecto relacionado aos ferimentos autoinfligidos, que são incluídos também nessa categoria de atos: “Sabe-se que, nos casos mais graves de psicose, os ferimentos autoinfligidos ocasionalmente aparecem como sintomas patológicos e que, nesses casos, nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico.” (FREUD, 1996, p. 181).

Abre-se a discussão sobre a possibilidade de outra forma de suicídio, para além daquele que é intencional e consciente, e que se manifesta disfarçado sob a forma de um acidente casual. Esses atos, aparentemente acidentais, têm como sua causa intenções autodestrutivas, capazes de explorar de forma hábil as possíveis ameaças à vida, conforme Freud (1996) esclarece, o que torna evidente que o desejo inconsciente encontra vias de se satisfazer, em ato, quando não pode ser simbolizado. Pode-se compreender que os equívocos na ação, ou os atos falhos, são a execução em ato de uma intenção inconsciente, manifesta sob a forma de uma perturbação de outro ato e oculta sob o pretexto de uma casualidade.

Para concluir, Freud (1996) afirma que os atos falhos aparecem como uma perturbação de um ato que se pretende consciente, racional, camuflada sob a justificativa da falta de habilidade. Prosseguindo seu raciocínio, ele vai falar sobre os atos casuais e sintomáticos, que se apresentam como mais discretos e com efeitos supostamente insignificantes:

Os atos “casuais” a serem discutidos agora só diferem das ações “equivocadas” pelo fato de desprezarem o apoio da intenção consciente e, portanto, não terem necessidade de um pretexto. Aparecem por conta própria e são permitidos por não se suspeitar de que haja neles algum objetivo ou intenção. São executados ‘sem que se pense que há alguma coisa neles’, de maneira ‘puramente casual’, ‘só para manter as mãos ocupadas’ [...] (FREUD, 1996, p. 193).

Os atos casuais ou sintomáticos, observados em movimentos ou atitudes casuais, como, por exemplo, tiques ou o hábito de perder coisas, são determinados por motivações e pensamentos inconscientes e Freud (1996) comenta que, esses atos, realizados de maneira inadvertida, podem tornar-se fonte de mal-entendidos: uma vez que seu agente executa o ato sem se dar conta de sua intencionalidade, não se responsabiliza por ele, ao passo que outra pessoa, envolvida na ocasião, pode tirar conclusões sobre intenções e modos de pensar com base nesses atos. Com esse exemplo, Freud revela a seu leitor o desencontro inerente às relações humanas, explorado tempos depois por Lacan em seus ensinamentos.

Ainda sobre o estatuto do ato na obra freudiana, Alberti (1999) recorda a riqueza do pensamento de Freud e o fato de ele não se permitir respostas unívocas a um determinado

assunto, para dizer que isso também se aplica à questão do ato. Assim, é possível localizar uma multiplicidade de termos da língua alemã utilizados por Freud para se referir ao ato, que a autora circunscreve em cinco: *Aktion*, *Handlung*, *Akt*, *Tat* e *Agieren*.

O termo *Aktion* é utilizado por Freud em dois contextos: para se referir à ação específica (*Spezifische Aktion*) e às ações de repetição (*Wiederholungsaktion*). A ação específica seria aquela que implica o organismo em sua relação com o mundo exterior, via aparelho psíquico, a partir de sua necessidade de produzir uma modificação no exterior para manter seu equilíbrio:

A *Aktion* é “essa dupla implicação a serviço do princípio do prazer, que sempre tende a conservar a energia em direção a um mínimo ideal. A partir disso, de um ponto de vista econômico, a ação específica funciona pela descarga de um excesso de energia, cujo *quantum* estava além do mínimo ideal” (ALBERTI, 1999, p. 53).

Assim, a *Aktion* é o ato que coloca em atividade as relações do sujeito com o outro e o Outro. No que diz respeito ao pequeno outro, inicialmente percebido em nível imaginário ou mesmo de maneira alucinatória, é a *Aktion* que implica o sujeito com ele. Com relação ao Outro, é ela que inscreve o sujeito no simbólico.

*Handlung* é o termo utilizado por Freud para se referir à ação paralela à aquisição do mecanismo da ação específica, em que o sujeito começa a distinguir entre necessidade e desejo e também na qual se inaugura a diferença entre o desejo e a vontade, segundo Alberti (1999). A autora explica que, no que diz respeito à vontade, há intencionalidade, ou seja, há o trabalho do princípio da realidade e da faculdade do julgamento: “O princípio da realidade permitirá o teste através do qual o aparelho psíquico adaptará a realidade a seu desejo, invertendo a relação. A *Handlung* é a ação específica desenvolvida em todas essas nuances.” (ALBERTI, 1999, p. 54). Ela afirma que o modelo energético envolvido na *Handlung* é o mesmo da ação específica, porém, na *Handlung*, é necessário que o sujeito armazene energia e prorogue sua descarga motora, dirigindo-se a um objetivo, o que, conseqüentemente, exige mais do aparelho psíquico. Com a *Handlung*: “[...] a psicanálise freudiana revela a perda da autonomia de um sujeito que acreditava se conhecer. Ela assinala uma sobredeterminação: toda ação é consciente e volitiva porém é determinada a priori por vários movimentos que escapam à consciência.” (ALBERTI, 1999, p. 56).

Nas palavras de Alberti (1999), há, a partir desse momento, uma genealogia inconsciente do pensamento, submetida às leis do princípio do prazer, mas também inscrita no princípio da realidade, o que teria levado Freud a teorizar sobre a possibilidade de o pensamento, articulado à vontade, tornar-se ação. Nesse sentido, a *Handlung* não é o ato, por estar subordinada ao princípio da realidade, que faz parte do sistema pré-consciente: “O ato é

um significante, nos diz Lacan; a ação, ao contrário, é mais ou menos verbalizada ou verbalizável [...]” (ALBERTI, 1999, p. 56). Para ela, o autor da *Handlung* é o sujeito da ciência, sujeito que se acredita não dividido.

Outro termo encontrado por Alberti (1999) em Freud é *Akt*, que se refere ao ato sexual, ao coito, e assinala: “[...] há também o caráter único da repetição no *Akt* inscrevendo o prazer na relação ao Outro materno, que retorna ao sujeito em vias de se estruturar.” (ALBERTI, 1999, p. 57). O termo *Akt* ganha nova conotação em 1920, quando Freud publica o texto “*Além do princípio do prazer*”, e o ato sexual passa a ser associado ao ato que coloca o sujeito em relação direta com seu gozo, que seria onde ele atinge o maior prazer que um homem é capaz de sentir. Nesse mesmo trabalho, surgem as elaborações sobre o *fort-da* e sua associação com a repetição, fundando o ato sobre seu mecanismo. Costa (2010), em sua dissertação de mestrado, afirma que essa nova aplicação que Freud encontra para o termo *Akt* permite uma associação do *akt* freudiano com o *akt* lacaniano, pois nele a repetição aparece vinculada ao ato como algo que a transforma em eternização do desejo.

Sobre o termo *Tat*, Alberti (1999) afirma que ele é utilizado na obra freudiana em referência ao assassinato do pai primevo no mito de “*Totem e tabu*”, e é o ato que não deveria ser repetido. Ela esclarece que, para o homem primitivo, ainda não submetido às leis da cultura, o *Tat* equivale ao pensamento, articulado sob a cena da realidade e não ao desejo inconsciente. Nesse sentido, o *Tat* é o ato para o qual não há objeto causa de desejo, pois é ele que cria o objeto. Ele não surge em uma repetição, pois é exatamente o ato que a funda.

O *Agieren* é utilizado nos textos freudianos no contexto das neuroses, geralmente associado à repetição. No que diz respeito a esse termo, podem ser encontradas semelhanças com o que é descrito nos ensinamentos lacanianos como *acting out*:

No momento em que o sujeito age, ele não está lá; somente o Outro está presente, o Outro inconsciente. Dessa maneira, no momento do *Agieren*, precisamente por não haver sujeito, não há nenhuma escolha, como no caso do *acting out*, no qual a escolha está excluída. (ALBERTI, 1999, p. 63).

Alberti (1999) conclui que, na obra freudiana, é possível encontrar os distintos termos descritos acima de modo indiferente. De acordo com a autora, não se trata de questão simples localizar o *Agieren* dos escritos freudianos como uma passagem ao ato ou um *acting out*, pois, nos trabalhos técnicos e clínicos de Freud, não haveria uma preocupação conceitual a respeito do ato. Guerra (2010) também nota que Freud não levanta esse tipo de questão em sua obra e destaca a distinção, no que diz respeito às manifestações do ato, formalizada por Lacan.

Em “*O seminário livro 15, O ato analítico*”, Lacan (1967-1968) dedica-se a buscar a compreensão do estatuto do ato na psicanálise. Ele afirma que o ato está presente no início de

uma análise, pois, do lado do sujeito, é um ato decidir começar uma psicanálise, com tudo o que ela comporta. Do lado do analista, pode-se destacar, desde o início, o ato que instaura o psicanalista, um ato com efeitos de nomeação, distinção e de inscrição daquele que assim se nomeia. Dessa forma, o ato compreende decisão e engajamento.

Lacan (1967-1968) questiona o que poderia ser considerado o ato em psicanálise e relembra o ato sintomático freudiano, que pode ser situado mais na dimensão do agir do que na do ato propriamente. Ao revisar tais concepções teóricas, ele chama a atenção para a ambiguidade deixada pela psicanálise entre ato e motricidade e lembra que é bastante natural que se chegue ao campo do ato ao trabalhar os equívocos na ação, os atos falhos, portanto. O autor critica o paradigma do arco reflexo e de descarga de tensão, frequentemente abordado pelas teorias empiristas e biologistas para conceber a ação, e que serviram de suporte para alguns desenvolvimentos psicanalíticos, e conclui que, no que diz respeito à psicanálise, o ato não se situa em nenhum desses modelos, pois não é mera resposta do organismo:

A dimensão que se exprime em uma certa forma de conceber a resposta como uma descarga de tensão, termo que é igualmente corrente também na energética psicanalítica, nos apresentaria então a ação como nada mais que uma consequência, até uma fuga consecutiva a uma sensação mais ou menos intolerável, digamos no sentido mais amplo de estímulo [...]

Estamos então seguramente em uma postura de não podermos situar o ato nesta referência, nem à motricidade nem à descarga. (LACAN, 1967-1968, p.7).

Miller (2014) destaca que é possível observar uma antinomia entre pensamento e ato, pois o pensamento, quando tomado a partir do inconsciente, tem como essência a dúvida, a indeterminação. Dessa maneira, o que pode ser compreendido como o estatuto do ato para a psicanálise é o do ato falho: “O estatuto do ato na experiência analítica, o estatuto eminente do ato, é o ato falho e não o ato bem-sucedido. O que é o ato falho, senão o pensamento inconsciente que emerge no pensamento consciente, na fala, no corpo, e desloca o ato, faz com que diga outra coisa?” (MILLER, 2014, p. 8). O autor lança luz sobre o ato, que não deve ser confundido com a ação e, muito menos, com a agitação, pois obtém da linguagem as suas coordenadas e, pode-se acrescentar, não está na dimensão da repetição.

Guimarães (2009) destaca cinco teses fundamentais sobre o ato, seguindo a linha de raciocínio delineada nas obras de Lacan. Ela toma como referência para sua argumentação os conceitos de objeto *a* e de angústia e propõe que, entre a angústia e o ato, há um objeto a ser considerado e uma relação de causa a ser investigada. O primeiro ponto esclarecido pela autora é “Todo ato implica um correlato significante” e é justamente a distinção do ato com relação à ação que serve de base para essa afirmação, pois o que confere qualidade de ato a um ato é o seu caráter simbólico. Dessa maneira, o ato não toma seu valor em relação ao

inconsciente porque se apresenta como um ato, e sim porque, exatamente ao contrário, nele, o inconsciente está em atividade, ensina Lacan (1967-1968):

Ele está lá, como atividade, mais que apagado e, como diz o interessado, atividade para obturar um buraco que só está lá se não se pensa nele, na medida em que não se importe com ele, que só está onde se exprime, por toda uma parte de suas atividades, para ocupar as mãos supostamente distraídas de toda relação mental. Ou bem, ainda, este ato vai colocar seu sentido precisamente no que se trata de atacar, de abalar, seu sentido ao abrigo da inabilidade, da falha. (LACAN, 1967-1968, p. 28).

No ato, o inconsciente está em atividade, logo, há nele um dizer, do qual pode-se localizar o que ele comunica: “[...] não se tratará jamais senão desta dimensão que nós colocamos como constitutiva de todo ato, a saber: a sua dimensão significante; nada é introduzido relativamente ao ato, nesses capítulos, senão isto: que ele é colocado como significante” (LACAN, 1967-1968, p. 27). Assim, o ato pode ser compreendido conforme seu valor significante, em sua dimensão de linguagem. Contudo, de maneira diferente do que acontece com o significante, que ao se inscrever deixa margem para que significados e sentidos possam ser refeitos, com o ato não se pode voltar atrás: “Uma vez que um gesto é executado ou uma fala é proferida, é estruturalmente impossível, por mais que se tente, eliminar o registro do que ali surgiu como ato, seja ele falho ou não” (GUIMARÃES, 2009, p. 294). Nesse sentido, há algo do ato que resta inapreensível pela dimensão simbólica, e que pode ser compreendido como aquilo que Lacan nomeia de face de ato, aquilo que diz respeito à sua qualidade de ato enquanto tal:

O que é para o psicanalista um ato? Será suficiente, creio, para me fazer entender neste nível, que eu articule, que eu lembre o que todos e cada um de vocês sabem (ninguém o ignora em nosso tempo), ou seja, o que chama o “ato sintomático”, tão particularmente caracterizado pelo lapso da palavra ou ainda por este nível que, de modo geral, pode ser classificado no registro da ação cotidiana [...] para o que, propriamente dizendo, tem seu centro em que se trate sempre, e mesmo quando se trata do lapso da palavra, de sua face de ato (LACAN, 1967-1968, p. 27).

“O Outro está no horizonte do ato” é a segunda tese apresentada por Guimarães (2009), explicitando que é necessariamente no campo do Outro que pode se desenrolar a dimensão significante do ato, uma vez que o Outro é o lugar do simbólico. Miller (2014) esclarece que é necessária a apresentação no campo do Outro para que seja ato: “[...] é o que justifica a definição de Lacan, de que o ato tem sempre o lugar de um dizer. Isto quer dizer que não basta um fazer para que haja um ato; não basta que haja movimento, ação, é preciso que haja também um dizer que enquadre e fixe esse ato” (MILLER, 2014, p. 9-10). Para que o ato obtenha seu sentido, é preciso que ele seja testemunhado e recebido pelo Outro, tal como

na transposição do rio Rubicão por César, passagem citada como exemplo em “*O seminário livro 15, O ato analítico*”:

Ultrapassar o Rubicão não tinha, para César, uma significação militar decisiva. Mas, em compensação, ultrapassá-lo era entrar na terra-mãe. A terra da República, aquela que abordar era violar. Algo foi ultrapassado, no sentido desses atos revolucionários que descubro (não foi sem intenção, claro) ter aproveitado lá atrás. O ato estaria no momento em que Lenin dá tal ordem, ou no momento em que os significantes deixados no mundo dão a um determinado acontecimento numa estratégia, seu sentido de começo já traçado? Algo onde a consequência de uma certa estratégia poderia vir a tomar seu lugar, e nele retomar seu valor de signo... (LACAN, 1967-1968, p. 80-81).

Miller (2014) destaca que o ato adquire seu valor e suas coordenadas em um universo de linguagem. Assim, o que confere à travessia do Rubicão o estatuto de ato é exatamente seu caráter significativo, no sentido de que atravessá-lo significava ultrapassar um limiar estabelecido pela lei. O ultrapassamento das coordenadas simbólicas que pode ser evocado no ato de César desvela outra característica do ato, que é seu caráter transgressor. É justamente a transgressão, o ultrapassamento da lei que permite que haja uma modificação:

Se quisermos, todo ato verdadeiro é delinquente, observamos isso na história, pois não há ato verdadeiro que não comporte uma ultrapassagem, ultrapassagem de quê? De um código, de uma lei, de um conjunto simbólico que ele infringe, e é a infração que permite que esse ato tenha a oportunidade de remanejar essa codificação (MILLER, 2014, p. 5).

O ultrapassamento da lei no ato corresponde a um ultrapassamento do sujeito, no sentido de que ele será também transformado após sua ocorrência; e, conseqüentemente, haverá uma transformação no Outro, uma vez que, enquanto lugar da lei, lugar em que o sujeito se constitui, o Outro não se ausenta do horizonte do ato, em sua dimensão significativa: “Digamos, primeiro: o ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito” (LACAN, [1967-1968] /2003, p. 371). Embora não seja possível evidenciar quais efeitos o ato produzirá sobre o Outro, pode-se destacar que, ao produzir uma ruptura, “[...] a alteridade que o Outro representa está sujeita a se transformar, assim como o próprio sujeito” (GUIMARÃES, 2009, p. 295).

A terceira lição que Guimarães (2009) recolhe dos ensinamentos de Lacan sobre o ato, “No instante do ato, não há sujeito nem Outro”, à primeira vista, pode parecer paradoxal, entretanto, mostra-se pertinente ao se tomar como referência a questão da temporalidade:

Um ato se realiza num instante. Esse é o seu tempo lógico de ação. A temporalidade do ato encontra-se no corte que ele instaura, na surpresa de seu acontecimento, no efeito de novidade que ele produz. Se o ato entra na repetição, seu caráter de ato desaparece, pois nada se opõe mais a ele do que a temporalidade de duração (GUIMARÃES, 2009, p. 295).

Assim, é precisamente naquilo que o ato evoca de corte, de ruptura, no instante em que ocorre, que sujeito e Outro estão ausentes. O que se tem, no momento do ato, é a presença do objeto *a*, que implica o apagamento do sujeito e do desejo: “Sujeito e objeto *a* estabelecem, entre si, uma relação de alternância: quando um está presente, o outro se ausenta. Isso porque o objeto *a* só é causa de desejo através da falta que sua ausência instaura” (GUIMARÃES, 2009, p. 296). Uma vez que sujeito e Outro se constituem por meio da falta, a presença do objeto *a* os exclui da cena. Sobre isso, Miller (2014) recorda que, na clínica da passagem ao ato, a inscrição temporal do ato, inevitável, acontece sob a forma da urgência e escapa a qualquer ideal de ação calculada, o que faz pensar sobre a urgência de aplacar a angústia que transborda no momento a qualquer preço, mesmo que seja sob formas autodestrutivas como são algumas manifestações do ato.

A presença do objeto *a* na cena causa angústia, afeto de onde o ato se impulsiona: “[...] talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia” (LACAN, 2005, p. 88). É somente após o ato que o sujeito pode reaparecer, renovado, e o Outro, presente no horizonte do ato, surge transformado, o que leva à quarta tese sobre o ato, descrita por Guimarães (2009): “O sujeito reencontra, após o ato, sua presença renovada”.

Guimarães (2009) esclarece que o ato pode ser compreendido como um novo começo essencialmente naquilo que começar traz de novidade, de marca inaugural. Se o ato constitui um novo começo, especialmente naquilo que traz de marca inaugural, à semelhança do traço unário, seria possível refletir sobre as marcas que resultam do ato de atear fogo no corpo a partir dessa noção? Nesse sentido, poder-se-ia pensar que o ato possibilita um *reset* no desejo do sujeito, pois, se no momento do ato, o sujeito está ausente, é justamente aquilo de ruptura que o ato acarreta que pode trazê-lo de volta à cena: “Um ato é ligado à determinação do começo, e muito especialmente, ali onde há a necessidade de fazer um, precisamente porque não existe” (LACAN, 1967-1968, p. 78).

Guimarães (2009) sublinha que o ato tem a função de remanejar o desejo do sujeito ao estabelecer um corte. Nesse percurso, a autora destaca que o objeto *a* incide em quatro tempos: primeiro, surge a angústia, desprovida de causa, mas não de objeto; em seguida, a certeza que é produzida pela presença do objeto da angústia, o objeto *a*, impulsiona ao ato; o ato, com seus efeitos de remanejar e transferir a angústia, a aplaca, e reativa o desejo, pois aparece novamente a dimensão da falta; e, por fim, com a falta novamente instaurada, torna-se possível que a função de causa volte a se exercer, suscitando um novo desejo:

Logo, a tese aqui em questão nos faz crer que o ato produz o efeito de resgatar a

presença do sujeito do desejo – anulada no instante do ato – mas depois dele, necessariamente renovada. O que caracteriza e define um ato, como já vimos, é a transformação e a renovação que ele produz no sujeito a partir do corte que ele instaura. Essas características são essenciais, portanto, para que um ato – seja ele passagem ao ato ou não – seja qualificado enquanto tal .  
Nem todo ato é passagem ao ato, mas toda passagem ao ato tem a estrutura do ato. (GUIMARÃES, 2009, p. 298).

A quinta e última tese sobre o ato é: “Todo ato, exceto o suicídio, é falho”. Nesse sentido, se o ato efetua uma ruptura, o suicídio é o único ato sem falha, porque efetua uma ruptura total, um corte do qual o sujeito não pode retornar, e que também elimina o Outro de seu horizonte. Todo ato é falho porque não é possível efetuar uma ruptura absoluta sem ser no sem retorno do suicídio. Exatamente no instante em que o corte é efetuado, ocorre um remanejamento do sujeito e ele encontra-se novamente inscrito no Outro:

Pode-se afirmar que o ato é sempre fracassado pelo simples fato de ele não poder realizar uma ruptura absoluta. No momento em que ele enceta a ruptura, de imediato, ele é reinscrito no Outro. Podemos dizer que ao corte produzido pelo ato segue uma costura no Outro. Todo ato encontra, inevitavelmente, uma inscrição no Outro, o que faz com que a própria ideia de corte absoluto fracasse. (GUIMARÃES, 2009, p. 299).

O significante não pode assegurar uma suposta verdade última do ato, pois, mesmo que produza um efeito de corte, logo ele se agrega a outros significantes, fazendo surgir novos sentidos, fazendo fracassar a ideia de um corte derradeiro, sem falha, prossegue Guimarães (2009). Sobre isso, pode-se encontrar a seguinte referência na obra lacaniana:

[...] todo o ato, mesmo quando não porta esse pequeno indicio de malogro, dito de outra forma, quando se dá uma boa nota quanto à intenção, não deixará de cair exatamente sob o mesmo domínio; ou seja, pode ser levantada a questão de uma outra verdade que não a desta intenção (LACAN, 1967-1968, p. 64).

Assim, mesmo que o ato se apresente como bem sucedido, sua verdade não está assegurada da falha: “Não há qualquer garantia, do lado do significante, de que um ato, ainda que considerado bem sucedido, não comporte uma intenção diferente ou mesmo oposta à que o moveu” (GUIMARÃES, 2009, p. 298).

## 2.1 *Acting out*

É possível abordar o ato na teoria freudiana por outros caminhos, como a partir de suas formalizações sobre o *acting out*. Em “*Recordar, repetir e elaborar*”, Freud [1914] / (1996) situa o *acting out* em relação ao mecanismo da transferência, articulando-o à compulsão à repetição, evocada de forma inaugural nesse escrito. O *acting out* é considerado uma forma de

atuação do paciente, que repete em ações aquilo que está recalçado<sup>14</sup>: “[...] o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-*o* (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1996, p. 165, grifos do autor).

Freud (1996) afirma que a transferência se manifesta como um fragmento da repetição do passado esquecido, um *acting out* em relação à figura do psicanalista, mas que também se repete em outros aspectos da vida do sujeito. Assim, pode-se compreender que, aquilo que foi recalçado, quando não pode ser recordado, ou, em outras palavras, quando não pode ser simbolizado, retorna sob a forma de uma atuação que o sujeito, inconscientemente, mantém em repetição. Quanto maior a resistência enfrentada pelo conteúdo recalçado, mais intensa será a atuação que substituirá a recordação. Destaca-se a importância do manejo da transferência pelo psicanalista, de forma a transformar a compulsão à repetição em um motivo para recordar, nas palavras de Freud (1996).

A importância da transferência e de seu manejo pelo psicanalista como fatores terapêuticos durante o tratamento psicanalítico é mencionada, por Freud, ainda antes de “*Recordar, repetir e elaborar*”, em seu posfácio do caso Dora, de 1905. Nele, Freud [1905] / (1996) sublinha como o caráter de repetição expresso no *acting out* pode ser considerado uma forma de resistência ao tratamento, e faz uma autocrítica com relação ao que considera seu erro no atendimento prestado à paciente, por não ter dominado a tempo a transferência. Para ele, Dora “[...] *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento.” (FREUD, 1996, p. 113, grifo do autor).

Laplanche e Pontalis (2010) associam o uso do termo *Agieren* à atuação descrita no *acting out*, fazendo a ressalva de que fenômenos de repetição na transferência e aqueles do *acting out* não teriam sido descritos e distintos com clareza por Freud. Guerra (2010) afirma que Freud trata a questão do *acting out* em sua ocorrência na neurose, como a marca da emergência do recalçado, que se manifesta em relação à transferência no processo analítico, e, em especial, como a colocação em ato do que o sujeito não recorda que recalçou.

Lacan, seguindo o caminho deixado por Freud, desenvolve teorizações a respeito do estatuto do ato dentro da psicanálise ao longo de seu ensino. De acordo com Guerra (2010), ele se esforça por estabelecer uma distinção entre a passagem ao ato e o *acting out*, marcando, dessa maneira, uma evolução no que diz respeito à noção de ato quando comparada à teoria

---

<sup>14</sup> Na “*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*”, aparece a palavra “repressão” no lugar do termo “recalque”. Quando não se tratar de citação direta, será feita a substituição no texto.

freudiana.

Calazans e Bastos (2010) sublinham que, com a primazia do simbólico no início dos ensinamentos de Lacan, asseverada especialmente em “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*”, de 1953, o *acting out* serviria para demonstrar que o campo da ação é simbólico. Assim, o *acting out* é considerado uma espécie de insurreição do sujeito frente ao analista, que teria saído de seu lugar simbólico, e corresponde a uma demanda endereçada ao Outro. Os autores destacam a guinada que o ensino de Lacan sofre entre 1962 e 1963 com as elaborações teóricas sobre o objeto *a* em “*O seminário livro 10, A angústia*”. Para eles, é a partir desse seminário que os conceitos de *acting out* e passagem ao ato ganham estatuto teórico, não podendo mais ser confundidos:

Lacan define o *acting-out* como um subir à cena do objeto, enquanto a passagem ao ato seria um deixar-se cair ou um sair de cena. A diferença entre os dois “é que no segundo haveria um curto-circuito do objeto com o sujeito, sendo o sujeito” quem cai, enquanto no primeiro haveria uma subida à cena do objeto, mas agora endereçada ao Outro. Desse modo Lacan irá dizer que o *acting-out* é uma transferência selvagem e que cabe ao analista, mediante seu ato, restituir ao objeto o seu lugar de causa de desejo (CALAZANS; BASTOS, 2010, p. 248).

Lacan [1963] / (2005) propõe a distinção entre a passagem ao ato e o *acting out* a partir de dois registros: de um lado o mundo, considerado o lugar onde o real se comprime; e, de outro lado, a cena do Outro, o lugar onde o homem se constitui enquanto sujeito e onde assume um lugar como portador da fala. Nesse momento de seu ensino, ele preocupa-se com a dimensão do agir, independentemente da estrutura clínica, e, nas palavras de Guerra (2010), essa dimensão é concebida em duas vertentes: pela via do significante (ou do Outro), caso em que o agir é tomado a partir do *acting out*; e pela via do objeto, concernindo à passagem ao ato.

Na cena do *acting out* é necessário que haja um espectador, o Outro, diante do qual o sujeito se põe a agir. O sujeito cria uma cena e coloca em prática – em atos – uma representação, algo da ordem de uma pulsão, uma fantasia, um desejo, etc., que não quer ou não suporta verbalizar, conforme demonstra a entrevistada 2013. No encaminhamento da cena que resulta em suas queimaduras, pode-se observar o desenrolar de uma agitação e ansiedade crescentes, após algumas discussões com o ex-marido:

Aí nisso eu peguei minhas coisas, algumas coisas, tava com uma sacolinha, e saí andando. Saí andando com minha filha, pequena. Aí, eu... tava meio... transtornada. Aí uma parente da, da minha ex-sogra tinha me visto, que era pra buscar minha menina, que eu não tava bem. Aí aconteceu, pegou a menina e eu saí andando. Aí, até chegar na casa da, eu tinha chegado onde que eu tinha, faço, faço até hoje, tratamento psiquiátrico. Cheguei lá... aí eu fiquei lá um tempo, aí meu pai, mais meu ex-marido tinha me buscado. Me buscou, aí eu fui pra casa do meu pai. Fiquei na casa do meu pai. Aí eu queria subir pra onde que eu morava, com meu ex-marido.

(Entrevistada 2013).

A entrevistada 2013 conta que “[...] passava muitas coisa, era traições, era agredida, tanto fisicamente quanto, psicologicamente também, aí, eu já tava disposta a querer acabar com a minha vida de tudo quanto é jeito [...] Pensei em nada, nada, nada, nada... mais nada...”. Ela mostra-se localizada em posição de objeto em seu relacionamento, objeto em sua vertente de resto, de descartável pelo Outro. É desse lugar da cena que ela faz o endereçamento de seu ato:

Acho que eles tinha, tava até sentindo alguma coisa, que ia acontecer alguma coisa. Aí eu subi, pra casa, que eu morava com ele. Aí, de algumas coisas assim, mais brigas... aí eu lembro que eu num, pouca coisa assim, o que aconteceu na hora... que ele tava sentado no sofá... [...] aí eu só peguei o álcool que tava em cima da estante, peguei, joguei no meu corpo, e... como eu tava fumando, eu peguei o, isqueiro, aí eu só virei pra ele e falei assim “olha... cê... cê acredita que eu amo você?”. Aí ele começou a falar algumas coisas... aí eu falei assim “eu vou provar pra você que eu te amo”, aí acabou que eu, joguei o álcool e risquei o isqueiro. (Entrevistada 2013).

Assim, o *acting out* é: “[...] em essência, a mostração, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si.” (LACAN, 2005, p.138). Se no *acting out* há um direcionamento para o Outro, um endereçamento, na passagem ao ato a posição que sujeito e Outro ocupam é bem diferente. Nela, não há mais espectador e o sujeito se encaminha para evadir da cena: “É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito -, ele se precipita e despenca fora da cena.” (LACAN, 2005, p. 129).

Miller (2014) recorda que, em razão de sua formação, Lacan tomou da psiquiatria o conceito de passagem ao ato e, com o desenvolvimento de seus estudos, a passagem ao ato passou a desvelar a estrutura fundamental do ato em psicanálise. Nesse sentido, é possível abordar particularidades relacionadas à manifestação da passagem ao ato naquilo que a distingue radicalmente do *acting out* e da dimensão da repetição, a fim de elucidá-la.

## 2.2 Passagem ao ato

Ao traçar o percurso de Lacan com relação ao estatuto do ato na psicanálise, Guerra (2010) relembra que, já em sua tese de doutorado, “*Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*”, de 1932, ele teoriza sobre o ato como uma solução possível para a estabilização na psicose, associado ao mecanismo de autopunição característico do tipo de paranóia estabelecido no caso estudado. A tese de Lacan, que é considerada por Bercherie a última grande obra nosológica da psiquiatria contemporânea, apresenta o caso Aimée.

Aimée é uma paciente paranóica que foi acompanhada por Lacan durante um ano e meio, em seu estágio no Asilo Sainte-Anne. Motivada por ideias delirantes, ela atingiu uma famosa atriz parisiense com um uma facada. Lacan [1932] / (1987) relata que, ao ser presa, ela respondeu corretamente às perguntas sobre sua identidade, mas apresentou falas consideradas incoerentes. Afirmou que a atriz vinha zombando dela, ameaçando-a e estava associada a um célebre escritor da época para persegui-la. De acordo com Aimée, o escritor revelava fatos privados de sua vida em inúmeras passagens de seus livros.

Aimée permaneceu na prisão por dois meses e posteriormente foi transferida para o Asilo Sainte-Anne, com a justificativa de que sofria de delírios persecutórios com conteúdo erotomaniaco e tendências megalomaniacas. Estava com 38 anos de idade à época em que foi internada e, anteriormente, já havia sido afastada de seu trabalho em razão de problemas mentais, quando apresentou idéias delirantes de perseguição e de ciúmes. Era casada, tinha um filho e alegava que, com suas ideias e atitudes, tinha a intenção de proteger a criança, pois queriam matá-la ou tirá-la dela. O início dos sintomas se deu em sua primeira gravidez, quando Aimée teve um bebê natimorto em razão de asfixia pelo cordão umbilical. Tinha duas passagens pela polícia, sendo que em uma delas agrediu violentamente a funcionária de uma editora que lhe comunicou a recusa da publicação de um manuscrito seu.

Vinte dias após o episódio da facada, Aimée apresentou a cessação de seu delírio. Em suas formalizações sobre a paciente, Lacan (1987) afirma que os delírios e as convicções anteriormente apresentados encontravam-se completamente reduzidos. Ela passou a se mostrar orientada, com integridade intelectual e sem alterações do curso do pensamento:

A lembrança dos temas delirantes provoca-lhe uma certa vergonha (a propósito de alguns escritos, grosseiros nos termos, de certas ações repreensíveis), um sentimento de ridículo (a propósito de seus procedimentos erotomaniacos e megalomaniacos), e também sentimentos de remorso... (LACAN, 1987, p. 153).

Em alusão a uma antiga máxima, que diz que a natureza da cura poderia indicar a natureza da doença, Lacan (1987), afirma que algo da agressora se transformou quando ela se viu confinada com outros delinquentes e sentiu a reprovação e o abandono dos seus. Para ele, essa é a punição sofrida por Aimée com seu ato: “O que ela ‘realiza’ ainda é que *atingiu a si mesma* e paradoxalmente é apenas então que ela sente o alívio afetivo (choros) e a queda brusca do delírio que caracterizam a satisfação da obsessão passional.” (LACAN, 1987, p. 251, grifo do autor).

Lacan (1987) conclui que as figuras perseguidoras designadas pela paciente em seu delírio representavam exatamente aquilo que ela desejava se tornar, ou seja, correspondiam ao

seu ideal exteriorizado. Contudo, a mesma imagem que ilustra o ideal é também o seu objeto de ódio e, com o ato empreendido, Aimée realiza sua autopunição, o que confere estabilização a seu quadro:

Aimée atinge, portanto, em sua vítima seu ideal exteriorizado, como a *passional* atinge o objeto único de seu ódio e de seu amor. Mas o objeto que Aimée atinge só tem um valor de puro símbolo, e ela não sente com seu gesto nenhum alívio. Contudo, pelo mesmo golpe que a torna culpada diante da lei, Aimée atinge a si mesma, e, quando ela o compreende, sente então a satisfação do desejo realizado: o delírio, tornado inútil, se desvanece. (LACAN, 1987, p. 254, grifo do autor).

As formalizações teóricas sobre a investigação de Aimée sinalizam o início da trajetória de Lacan na psicanálise e também de seus estudos sobre o ato, que, resultarão, posteriormente, na distinção entre as vertentes do ato: passagem ao ato, *acting out* e ato analítico. De acordo com Guerra (2010), é possível delimitar três momentos ulteriores na obra de Lacan a respeito do tema do ato: a partir do texto “*A direção da cura e os princípios de seu poder*”, de 1958, onde o *acting out* é trabalhado em suas relações com a intervenção analítica; em “*O Seminário livro 10, A angústia*”, de 1962-1963, onde Lacan estabelece uma clínica diferencial entre *acting out* e passagem ao ato, articulando suas formalizações às idéias de angústia e de objeto; e, por fim, em “*O seminário livro 15, O ato analítico*”, de 1967-1968, em que a noção de ato analítico é formalizada.

O encaminhamento do sujeito para evadir da cena é uma característica essencial da passagem ao ato e essa é a sua diferença fundamental com relação ao *acting out*. Lacan (2005) situa a queda do sujeito da cena tomando emprestada uma expressão freudiana, o largar de mão (*laisser tomber*):

Esse largar de mão é o correlato essencial da passagem ao ato. Resta precisar de que lado ele é visto. Ele é visto justamente do lado do sujeito. Se vocês quiserem referir-se à fórmula da fantasia, a passagem ao ato está do lado do sujeito na medida em que este aparece apagado ao máximo pela barra. O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. (LACAN, 2005, p. 129).

O largar de mão tem relação com a função de resto do objeto  $a^{15}$ , conforme Lacan (2005) ensina. Na passagem ao ato, o objeto pode ser localizado do lado do sujeito na fórmula da fantasia. Nesse momento, o sujeito encontra-se então apagado ao máximo pela barra e é, desse lugar da cena, identificado a essa posição de objeto, que ele se precipita para fora dela. Pode-se assemelhar a passagem ao ato a uma fuga, efetuada pelo sujeito quando ele se encontra frente à função de resto do objeto:

---

<sup>15</sup> O objeto  $a$  é o objeto causa de desejo do sujeito, impossível de ser alcançado. Também pode se apresentar em sua vertente de gozo.

A que chamamos fuga, no sujeito que nela se precipita, sempre mais ou menos colocado numa posição infantil, senão a essa saída de cena, à partida errante para o mundo puro, na qual o sujeito sai à procura de algo rejeitado, recusado por toda parte? [...] A partida é justamente a passagem da cena para o mundo (LACAN, 2005, p. 130).

Ocorre então uma passagem da cena, ou seja, do lugar em que o sujeito mantinha a relação intermediada com o Outro, para o mundo, lugar onde o real da angústia se apresenta desvelado, conforme explicam Calazans e Bastos (2010). Assim, quando o objeto se apresenta sem o véu da fantasia para o sujeito, ele cai da cena em direção a um mundo puro, real: “[...] um mundo não mediado pela falta” (CALAZANS; BASTOS, 2010, p.251). Para os autores, a passagem ao ato indica que a cena, a estrutura de ficção velada pela fantasia, não pode mais ser sustentada por haver um curto-circuito entre sujeito e objeto. O sujeito encontra-se identificado ao lugar de resto do objeto e, neste lugar, perde a intermediação com a alteridade do Outro:

A passagem ao ato não situa a quadripartição que permite uma estrutura e um discurso; ao contrário, ela indica que esta estrutura de ficção não se sustenta mais por haver um curto-circuito entre sujeito e o objeto. A passagem ao ato é uma solução a este curto-circuito: uma vez que o sujeito passa a estar não mais em um campo distinto do Outro, mas juntamente no lugar de interseção com o Outro (CALAZANS; BASTOS, 2010, p. 250).

Tal como aconteceu com Aimée, frente à angústia relativa à presença do objeto, o sujeito sente a necessidade de fazer alguma coisa, no sentido de aplacar o afeto, conforme reflete Lacan (1987): “Nos últimos oito meses antes do atentado, a ansiedade está crescendo. Ela sente então cada vez mais a necessidade de uma ação direta.” (LACAN, 1987, p. 168). Na passagem ao ato da entrevistada 2017 pode-se perceber o aumento da angústia, que culmina em suas queimaduras. Em meio à discussão com os vizinhos, a proximidade do objeto na cena faz com que ela atue, num remanejamento da angústia, cujo resultado pode ser observado logo em seguida:

Essa ideia começou a me causar um pânico, assim, gente, eu prefiro, que assim, jogar em mim, se eles calar a boca e parar de me encher a paciência. Eles não paravam. Agora eles vão parar [...] Eles calaram. Eu senti uma paz tão grande, eu não senti dor nenhuma. Fiquei tranquila. Minha sobrinha chegou e ficou com medo de mim. Fui pro pronto-socorro, tranquila, serena. Todo mundo achou estranho, como que eu estava calma. Finalmente eles calou a boca. Todo mundo sabe que eu não suporto que fica falando muito na minha cabeça. (Entrevistada 2017).

Em “*O seminário livro 15, O ato analítico*”, encontra-se a seguinte afirmação: “A passagem ao ato é aquilo além do que o sujeito reencontrará sua presença como renovada, mas nada mais” (LACAN, 1967-1968, p. 58). É nesse sentido que se pode afirmar que todo ato é um suicídio do sujeito: “Todo ato verdadeiro, no sentido de Lacan, é assim, digamos, um

‘suicídio do sujeito’. Podemos colocar entre aspas para indicar que ele pode renascer disso, mas renasce diferente. É isto que constitui propriamente um ato: o sujeito não é mais o mesmo antes e depois” (MILLER, 2014, p. 5). O autor prossegue:

[...] para que haja ato, é preciso que o sujeito nele seja modificado por esse franqueamento significante. Digamos que é preciso uma escansão significante, uma sanção significante e, ao mesmo tempo – por isso o suicídio é seu paradigma –, o ato é, como tal, indiferente ao seu futuro, ele é fora de sentido, indiferente ao que virá depois. No fundo, um ato é sem depois, ele é em si. (MILLER, 2014, p. 10).

Atento ao exagero que essa concepção pode carregar, Miller (2014) justifica a escolha do termo suicídio esclarecendo a mutação que ocorre no sujeito, após o ato, em razão do ultrapassamento simbólico implicado. Ele demonstra ainda a conformidade do ato com a pulsão de morte, o que leva a uma importante reflexão sobre o gozo, que se encontra no cerne do ato, e sobre o afeto da angústia, que impulsiona a um remanejamento:

A ideia de que todo ato verdadeiro é de fato um suicídio do sujeito, é uma concepção que certamente pode parecer exagerada, mas é preciso ver que ela está em conformidade com Freud. Pelo menos, na medida em que essa concepção combina com a noção de pulsão de morte. E o ato suicida, certamente, ilustra a disjunção total que pode operar: do organismo, dos interesses pelo vivo e pela sobrevivência, por seu bem-estar, por sua homeostase de um lado, e de outra coisa que o habita, que o corrói, e nesse momento o destrói. (MILLER, 2014, p. 5-6).

Dutra (2000) e Guerra (2010) compreendem a passagem ao ato como uma forma de resolução, quando a mediação e a interlocução se tornam impossíveis. Nesse sentido, há uma recusa da mediação simbólica e um movimento no sentido de separar a vida de sua tradução, de sua transposição no Outro. Uma vez que sujeito e Outro são constituídos a partir da falta, na presença do objeto ela deixa de existir e o ato sobrevém com a função de efetuar essa separação do Outro, de acordo com Miller (2014):

Então, o termo “passagem ao ato” parece, nessa perspectiva, perfeitamente adequado. Ele destaca que se abandonam os equívocos do pensamento, da fala e da linguagem pelo ato. No ato, se o pensamos a partir da passagem ao ato, o sujeito se subtrai, digamos, aos equívocos da fala como a toda dialética do reconhecimento; ele coloca o Outro em um impasse, e é por aí que o propósito do ato propriamente dito não é cifrável (MILLER, 2014, p. 7).

O que pode ser encontrado em todo ato é o dizer de um “não”, proferido em direção ao Outro, esclarece Miller (2014) Há, na passagem ao ato, uma causa em jogo, que não se inscreve no campo do simbólico e não pode ser interpretada, por estar relacionada ao objeto em sua vertente de gozo: “Diz respeito ao ponto que Lacan situa como sendo a causa e o efeito da cadeia de significantes, aquilo que provoca seu deslize na busca de sentido e dela cai pela impossibilidade de tudo se reduzir ao campo semântico.” (GUERRA, 2010, p.43-44). Ou seja, diz respeito ao objeto *a*, que não é passível de simbolização.

Dutra (2000) afirma que, a partir das ideias extraídas do seminário de Lacan sobre a angústia, pode-se deixar de vincular a passagem ao ato a apenas determinados quadros diagnósticos, como era corrente em abordagens psiquiátricas que a associavam a atos agressivos e delituosos e a descreviam como característica de certos quadros clínicos, geralmente associados à periculosidade. Se as formalizações teóricas designam que ato e passagem ao ato não são a mesma coisa, Guimarães (2009) preocupa-se em desfazer outro equívoco, esclarecendo que a passagem ao ato não necessariamente porta o caráter negativo e destrutivo que frequentemente é associado a ela, quando é lida fora de contexto. Para a autora, o conjunto do ensino de Lacan não favorece esse tipo de leitura:

[...] o ato se caracteriza, em essência, pela ruptura que ele efetua. Contudo, se essa concepção do ato como corte é tomada de forma isolada, fora do contexto que a sustenta, corre-se o risco de interpretá-la no sentido de que o ato é algo que, necessariamente, tem que aniquilar, ferir, destruir, matar (GUIMARÃES, 2009, p.298).

A partir das descobertas de Lacan, a passagem ao ato passa a ser considerada um fenômeno clínico, com lógica particular, que deve ser investigada na relação do sujeito com o objeto, ressalta Dutra (2000). Sobre isso, Calazans e Bastos (2010) afirmam que tanto o *acting out* quanto a passagem ao ato se apresentam como trans-estruturais<sup>16</sup>, pois não se encontram reduzidos a uma ou outra estrutura clínica. Dessa maneira, os atos, assim como o sintoma, podem ser considerados uma forma de resposta do sujeito frente à angústia, e uma tentativa de solucionar a crueza que significa deparar-se com o objeto, quando este se apresenta sem véu ou sem a sustentação de um discurso, explicam os autores.

### 2.2.1 *Passagem ao ato na psicose*

Ao seguir os caminhos traçados por Lacan, pode-se afirmar que nem toda passagem ao ato ocorre somente na psicose. Contudo, mostra-se importante abordar algumas particularidades que o ato manifesta nessa estrutura, tal como explica Kaufmanner (2018)<sup>17</sup>, em encontro do Núcleo de Psicose da Escola Brasileira de Psicanálise. Ele aborda a incidência das tentativas de suicídio na clínica das psicoses, propondo localizar algumas passagens ao

<sup>16</sup> Sobre a trans-estruturalidade do *acting out* e da passagem ao ato, Calazans e Bastos (2010) fazem a ressalva de que alguns autores hesitam em falar de *acting out* na psicose, pois nela não aconteceu a extração do objeto.

<sup>17</sup> KAUFMANNER, Henri. A incidência das tentativas de suicídio na clínica das psicoses. Transcrição de encontro do Núcleo de Psicose da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, em 2018.

ato suicidas sob a perspectiva do “se deixar cair” do objeto, ao invés da perspectiva da busca da morte, pura e simplesmente. Assim, não se trata de uma questão com a vida e com a morte, mas, de um encontro com o resto, com o corpo que não se deixa significar.

Fazer-se um eu, um corpo, é se constituir à imagem do objeto do desejo do Outro. Se isso não acontece, há o encontro com a dimensão real do objeto, objeto enquanto libra de carne, enquanto resto, corpo despedaçado: encontro com o que é da ordem do não desejo. Isso reitera que, na psicose, a forclusão do Nome-do-Pai não é sem efeitos: o Outro é absoluto, presentificado e invasor. A não extração do objeto *a* na psicose leva a um gozo desmedido, não reorganizado pela pulsão, ou, nas palavras de Guerra (2010), gozo não articulado e contido pela linguagem, que retorna como real em excesso.

É possível observar que algo da ordem da pulsão de morte se apresenta no discurso da entrevistada 2017, trazendo à tona que, quando algo não é simbolizado, se apresenta em ato na vida do sujeito. Antes de se queimar, além das intoxicações medicamentosas, ela revela a tendência autodestrutiva presente em suas ações:

Sempre. Coisa de sempre. Só que eu era muito calma, só chorava... depois de um certo tempo comecei a, ficar agressiva. Mas eu sempre prejudiquei a mim, nunca aos outros. Se eu fico com muita raiva de uma pessoa, quero ir lá fazer, eu num tenho coragem... aí eu viro pra mim, é perder dinheiro, machucar, tudo pra mim... num posso né? Amar primeiro, amar teu próximo como a ti mesmo, então, não tô me amando, ué? (Entrevistada 2017).

O psicótico permanece identificado à posição de gozo do Outro, oferecendo-se como objeto no lugar da falta que não se inscreveu pela castração. Esse excesso na economia libidinal, resultante da não extração do objeto *a* de seu corpo, se não necessita ser barrado, seja por via da extração simbólica ou real, deve ser, ao menos, localizado. Assim, na passagem ao ato na psicose, o sujeito pode estar efetuando uma tentativa de se desvencilhar do objeto *a* e de seu excesso, como se, por meio do ato, realizasse o efeito de separação não operado pelo simbólico em seu corpo: “Podemos mesmo pensar que a mutilação real surge em proporção à falta de eficácia da castração. Quando o objeto não é chamado a complementar a falta fálica, quando é unicamente o duplo especular do sujeito, torna-se sinônimo de morte.” (GUERRA, 2010, p. 45).

Nesse sentido, pode-se compreender a passagem ao ato na psicose como uma tentativa do sujeito de realizar a castração simbólica pelo real. Ao tentar dar uma contenção ao gozo pela via do ato, entretanto, o psicótico efetua uma separação radical do Outro, desfazendo possibilidades de laço social. Guerra (2010) chama a atenção para que essa forma de estabilização não seja encorajada na clínica com a psicose, pois, longe de favorecer um laço

para o psicótico, pode resultar em atos encerrados de agressividade, violência e até mesmo, crime, como ensina o caso de Aimée. Calazans e Bastos (2010) recomendam cautela ao abordar os supostos efeitos pacificadores da passagem ao ato na psicose, pois, segundo eles, ela não porta caráter de invenção nem constitui uma suplência. É inegável, contudo, que, quando acontece uma passagem ao ato, pode-se notar certo apaziguamento como seus efeitos, como traz o entrevistado 2016:

Hoje em dia eu levo as coisas mais com calma, hoje em dia eu... estudo, eu busco ter uma profissão, eu busco... entendeu? [...] então... eu queimei... foi construtivo pra mim porque, foi onde eu abri meu olho, cê não faz por onde também, cê tem que correr atrás, cê tem... então eu voltei, voltei pra escola, é, consegui uma nota boa no Enem... entrei na [faculdade<sup>18</sup>] [...] mudei... entendeu? E... hoje em dia eu busco uma estabilidade financeira boa... pra mim, entendeu? (Entrevistado 2016).

Ao utilizar a noção de reação terapêutica negativa, para dizer de sujeitos que, quanto mais se aproximam do objeto, mais resistem ao tratamento e à cura, Kaufmanner (2018) afirma que isso pode ser reconhecido através das resistências com as quais o analista se depara em sujeitos que se caracterizam por terem sido crianças não desejadas, e que não aceitam essa implicação: “Não querem essa cadeia significativa na qual não foram admitidos por sua mãe, mas à revelia dessa”. Nas palavras do autor, esses sujeitos não consentem em se submeter à cadeia significativa na qual foram admitidos, uma vez que assentir com o desejo do Outro, se inscrever no mundo simbólico, implica em consentir com essa nomeação que lhe é dada, ou seja, aceitar esse lugar que o Outro lhe atribui.

De qualquer maneira, o sujeito, tendo assentido ou não com a cadeia significativa, há um resto por fora dela: um resto que, o sujeito, ao se aproximar dele, se precipita para fora da cadeia, seja neurótico, seja psicótico, o objeto *a*. No caso de sujeitos que se constituíram no campo narcísico, há uma imagem que vela a presença real do objeto. Naqueles que não encontraram essa possibilidade, de se constituir por algum tipo de enlaçamento mesmo que precário ao desejo do Outro, há o encontro com a dimensão real do objeto.

No lugar da fantasia, na psicose, o sujeito encontra-se frente ao real desmedido da castração. O que no neurótico se estabelece como proteção ao mal-estar, não encontra lugar no psicótico: sem o véu da fantasia, ele se depara com o “[...] horror decorrente do objeto que cai como o impossível de significar no complexo de castração, o objeto *a*.” (GUERRA, 2010. p. 44). Nesse sentido, Kaufmaner (2018), afirma que isso cria matizes da passagem ao ato suicida e matizes de outras passagens ao ato, quando a questão se dá no nível fantasmático ou no real do corpo.

---

<sup>18</sup> O nome da faculdade foi omitido a fim de preservar a identidade do sujeito.

O ato de atear fogo no corpo, ao atingir a carne, traz à luz do olhar o que está por trás do véu da imagem constituída pela fantasia, o horror do objeto. Os sujeitos entrevistados na pesquisa, ao atingirem seus corpos com fogo, acabaram por recriar bordas e limites, com as lesões e marcas das queimaduras. Essas transformações implicam que sujeito e Outro também sejam transformados, recriados, como consequência desse ato no corpo.

### 3 CORPOS MARCADOS PELO FOGO

Os registros do Imaginário, do Simbólico e do Real, também conhecidos como a tópica lacaniana, passam por distintas articulações na obra de Lacan. Nesta dissertação, interessa que a noção de corpo, central para a psicanálise, também ganha distintas nuances, conforme recai a ênfase do ensino de Lacan sobre um registro ou outro. Cukiert (2004) e outros autores chamam a atenção para o fato de que, embora os três registros sejam articulados de forma gradativa, eles são inseparáveis e devem ser pensados formando uma estrutura. Lacan [1955] / (1988) faz o lembrete de que os registros são as três ordens necessárias para que se possa compreender o que quer que seja da experiência analítica. Na conferência “*Joyce, o Sintoma*”, já da época de seu último ensino, Lacan ([1976] /2003) relembra a necessidade dos três registros, inclusive para poder afirmar que o homem tem seu corpo: “Ele tem (inclusive seu corpo) por pertencer ao mesmo tempo a três... chamemo-las de ordens.” (LACAN, 2003, p. 561).

Frequentemente, a psicanálise lacaniana é reprovada, acusada de interessar-se apenas por fatos da linguagem e jogos significantes e de abandonar a dimensão “econômica”, nas palavras de Freud, da vida psíquica, deixando de lado em sua teoria os afetos e o corpo, conforme discutem Monribot (2003) e Castanet (2019). De acordo com Castanet (2019), essa crítica, trazida à tona na França especialmente por André Green, só pode ser feita à custa de desconhecimento das contribuições de Lacan. Conforme se pode perceber nos estudos empreendidos neste capítulo, para o leitor familiarizado com a leitura lacaniana, essa crítica é infundada. Castanet (2019) recorda que, longe de serem ausentes, corpo e afetos são constantemente interrogados por Lacan em seus ensinamentos, que, como já mencionado, declinam o corpo como imaginário, simbólico ou vivente, gozante (real).

Monribot (2003), discordando dessas críticas por vezes sofridas pela psicanálise, afirma que o corpo foi uma verdadeira obsessão para Lacan, e comenta ser divertido ler declarações acerca de seu pouco interesse pelo corpo, principalmente tendo em conta seu último ensino, pois ele testemunha o salto ocorrido em seu pensamento: para o autor, Lacan buscava um nó imaginário no real do corpo anatômico e, finalmente, encontra um corpo imaginário no real do nó borromeano.

Bassols (2016) destaca que corpo e linguagem são as duas dimensões que a clínica psicanalítica contemporânea torna presente por meio de suas distintas formas e manifestações do mal-estar, seja a clínica dos acontecimentos de corpo, manifesta nos fenômenos da histeria,

nas somatizações e mesmo na linguagem de órgão da esquizofrenia; seja a clínica dos efeitos do sentido, aquela dos fenômenos característicos do pensamento obsessivo, das compulsões, indo até os fenômenos elementares presentes na paranóia que fornecem seu princípio lógico: “Com efeito, corpo e linguagem continuam sendo os dois fios do nó crucial para prosseguir na investigação clínica de nosso tempo.” (BASSOLS, 2016, p. 8).

O ato de atear fogo no corpo pode ser repleto de significados e significações culturalmente estabelecidos. Entretanto, uma vez que a psicanálise trabalha com a singularidade do sujeito, nesta dissertação, mostrou-se essencial escutar os sujeitos que atearam fogo em seus corpos, para, a partir daí, extrair o que se poderia a respeito de implicações subjetivas das marcas corporais, compreendidas como as cicatrizes e, em alguns casos, sequelas físicas, resultantes desse ato. Posto que o corpo, conforme compreendido pela psicanálise, não é apenas o organismo, é preciso circunscrever essa noção, pois ela diz de uma construção, que enlaça as dimensões do real, do simbólico e do imaginário. Assim, o corpo é também superfície, onde se inscrevem os significantes do sujeito, que comandam sua vida e seus modos de gozar, e, como Freud já havia ensinado, é uma das fontes de sofrimento para o ser humano.

### 3.1 Organismo e corpo

Lacan (2003) marca a distinção entre o corpo e a carne e entre a espécie humana e os outros animais, ao afirmar que o que atribui um corpo ao humano é justamente a linguagem. É ela que possibilita existir o corpo sobre o qual o ser falante se apoia, ao dar-lhe o significante:

Volto primeiro ao corpo do simbólico, que convém entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar (LACAN, 2003, p. 406).

Pode-se considerar que, na origem da vida do ser humano, o que existe é o organismo. O organismo é o corpo biológico, composto por uma série de órgãos, que desempenham funções para as quais estão naturalmente programados. Grases (2005) explica que o organismo é, pois, uma máquina programada, que dispõe de um saber para sobreviver.

Para a Medicina, por exemplo, uma ciência fortemente calcada no pensamento de Descartes, organismo e corpo são a mesma coisa. Lacan [1954-1955] / (2010), em “*O seminário livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” sublinha que a atitude que o médico tem com o corpo é a de alguém desmontando uma máquina. Já no que concerne

à psicanálise, organismo e corpo não apenas são coisas diferentes, como o corpo não existe de antemão. O corpo se dá enquanto uma construção, que conta com os registros do real, simbólico e imaginário, como Grases (2005, tradução nossa) <sup>19</sup> afirma: “Não existe desde o início, não é dado e tampouco há garantia de que vá existir.”

O corpo, como compreendido pela psicanálise, tem a possibilidade de nascer no encontro com a linguagem, encontro esse capaz de produzir efeitos no ser humano. Lacan (2003) destaca que isso não acontece com toda carne, mas somente com as que são marcadas pelo signo, ou seja, com aquelas que consentem com a entrada no universo do simbólico:

Não é o que se dá com toda carne. Somente das que são marcadas pelo signo que as negativiza elevam-se, por se separarem do corpo, as nuvens, águas superiores, de seu gozo, carregadas de raios para redistribuir corpo e carne. (LACAN, 2003, p.407).

Lacan afirma que o homem tem um corpo, asserção trabalhada em sua obra, e que pode ser entendida no sentido de que o homem não é o corpo, não se identifica totalmente a ele. Ter um corpo é característica de um ser que passou por um processo, estrutural, de assimilação da linguagem. Se o ser humano consentir com o tratamento simbólico, ele incorpora o significante, mas isso produz um efeito de desnaturalização de seu organismo. O corpo organismo sofre uma transformação e se converte em corpo pulsional. Grases (2005) afirma que este é propriamente o momento do nascimento do corpo, quando a ação do significante transforma o organismo, o corpo biológico, em corpo pulsional, sexualizado.

A sexualização do corpo é um efeito da linguagem e é a partir do significante que se pode dizer de um sujeito cujas funções orgânicas assumem outra dimensão. Assim, o corpo marcado pelo significante pode ser compreendido como corpo pulsional, erótico, sexual. Nas palavras de Grases (2005), é um corpo desenhado pela pulsão, que recorta suas zonas erógenas – zonas que coincidem com seus buracos e suas áreas de borda, lugares por onde algo do gozo se perdeu, e que põem em curso a atividade pulsional, que vai rondar estes lugares. Passa-se a ter que se haver com a satisfação que demanda um corpo que se abre à dimensão do prazer:

Por exemplo, uma boca que come, mas também que fala. Que canta, morde, sopra... que procura prazer ao beijar, e acalma a fome ao comer. Mas que, e esses são os paradoxos da pulsão, também pode beijar porque está faminta e procurar prazer comendo. (GRASES, 2005, tradução nossa<sup>20</sup>).

---

<sup>19</sup> No existe desde el inicio, no viene dado y ni tan solo hay garantía de que vaya a existir.

<sup>20</sup> Por ejemplo, una boca que come, pero también que habla. Que canta, muerde, sopla... Que se procura placer al besar, y calma el hambre al comer. Pero que, y éstas son las paradojas de la pulsión, también puede besar porque está hambrienta y procurarse placer comiendo.

Dessa forma, para o ser falante, não se trata apenas de satisfazer a necessidade biológica seguindo o caminho a que o instinto sabe recorrer, ou caminhar conforme a tendência da autoconservação do organismo. O corpo simbólico, marcado pelo Outro da linguagem, carrega a mortificação do significante, mas também a sua vivificação, por ter se tornado um corpo pulsional, em que a pulsão circula pelas suas zonas erógenas e busca algo do gozo perdido nos objetos.

A partir da incorporação simbólica, o ser falante terá que lidar com o fantasiar de uma perda, regida por uma disposição pulsional dirigida aos objetos libidinais separados do corpo, tais como o seio, as fezes, o olhar, etc., como explica Ferrari (2008):

É no corpo erógeno que a libido – que se introduz em suas zonas erógenas, nos orifícios por onde algo de gozo se perdeu, favorecendo o fantasiar de uma perda – tem a função específica de recuperar, permanentemente, no exterior, o gozo perdido no interior, evadido do corpo. (FERRARI, 2008, p. 217-218).

Corporização, de acordo com Sánchez (2016), é o verbo que descreve o processo de entrada do significante no corpo, ou seja, a incorporação simbólica, incorporação de um significante na dimensão corporal. Tal como explicado por Lacan (2003), há a necessidade da incorporação do simbólico para que o sujeito constitua um corpo e se situe como sujeito. A corporização então sinaliza a marca deixada pelo significante: “O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes.” (LACAN, 2003, p. 407).

No mesmo escrito, Lacan (2003) afirma ainda: “Mas é incorporada que a estrutura faz o afeto, nem mais nem menos, afeto a ser tomado apenas a partir do que articula do ser, só tendo ali ser de fato, por ser dito de algum lugar.” (LACAN, 2003, p. 406). Sánchez (2016) retoma esse dito lacaniano para esclarecer que, quando ele diz que é incorporada que a estrutura faz o afeto, ele está se referindo à incorporação do simbólico no corpo e ao modo como a entrada do significante o afeta, marcando-o com os acontecimentos discursivos.

Goya (2001) explica que a incorporação simbólica pode ser situada ao nível da operação de alienação, na qual o ser falante se identifica a um significante advindo do Outro, e, ao mesmo tempo, se aliena a ele, que passa a representá-lo frente aos outros significantes. Assim, o sujeito que surge desse primeiro movimento é gerado pela demanda do Outro e por sua identificação a um significante mestre advindo do campo desse Outro, conforme a idéia lacaniana de que o significante é o que representa o sujeito para outro significante. É a partir daí que surgem as identificações primordiais do sujeito, significantes mestres, que o marcam e comandam sua vida sem que ele o saiba.

A operação de alienação é a operação de incorporação do simbólico no real do ser vivo, que implica a perda de gozo. A operação de separação complementa a alienação: nela, o sujeito se separa da cadeia significante e recupera um pouco do gozo perdido, através dos orifícios corporais, fonte das pulsões. De acordo com Lacan (2008), ela surge do recobrimento de duas faltas:

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?* (LACAN, 2008, p. 209, grifo do autor).

Dessa maneira, é nos intervalos do discurso do Outro que poderá surgir o desejo. O sujeito agora constituído irá apreender o desejo do Outro na falta que percebe em seu discurso, ou, conforme Lacan (2008), naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, ou seja, naquilo que se apresenta como um enigma para ele. Para responder a esse enigma, o sujeito se remete à sua própria falta, percebida agora no ponto da falta percebida no Outro. Uma falta recobre a outra e tem início a dialética dos objetos de desejo, que assimila o desejo do sujeito e o desejo do Outro:

[...] para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser acoplando-o, atando-o a isto, o \$, que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal. (LACAN, 2005, p. 33).

Guerra (2017) esclarece que nesse momento, para Lacan, a falta do sujeito aparece desdobrada na dimensão significante, articulada como falta-a-ser e também como falta real. Falta-a-ser porque os significantes do sujeito sempre estarão no campo do Outro e falta real porque o gozo passa a ser somente parcial, em razão da perda ocorrida na incorporação do simbólico. Segundo a autora, mesmo com o primado do significante nesse período, já aparecem indícios de uma dimensão para além dele no ensino de Lacan, com a formalização da estrutura de corte, representada pela banda de Moebius, algo que pode fazer barra ao significante: “Tal qual o real, a banda de Moebius se reduz ao corte, não havendo nada de mensurável a ser retido em sua estrutura.” (GUERRA, 2017, p. 39). Conforme explica a autora, é a partir da constatação do irreduzível na análise, aquilo que do inconsciente não se decifra, que Lacan recorre à topologia borromeana, característica de seu último ensino.

É justamente por ter uma falta instaurada que o sujeito poderá buscar objetos no exterior. O campo do simbólico instaura uma divisão, essa falta estrutural no sujeito, que é sua condição enquanto sujeito desejante. Assim, há a operação de alienação, na qual há uma perda de gozo, essa operação é complementada pela separação, quando o sujeito se separa da

cadeia significativa. Isso permite ao sujeito recuperar um pouco do gozo perdido no exterior, nos objetos *a*. Esse movimento estrutura o sujeito e constitui o seu corpo, se reorganiza por meio de uma redistribuição da libido.

Na incorporação do simbólico, entretanto, resta algo de gozo que não é negativizado, ou, conforme explica Goya (2001), resta vida ativa que impulsiona à satisfação, que se localiza e especifica nas zonas erógenas do corpo e nos objetos pulsionais, que são os objetos *a*. Brousse (2014), em referência esclarecedora dos ensinamentos de Lacan entre 1950 e 1960, afirma que, nessa época, o interesse dele era compreender como se dava o laço entre a experiência orgânica e a imagem do corpo, através da linguagem. Nas palavras da autora, é o conceito de objeto *a* que será apresentado como o “grampo” entre a imagem e o organismo:

Os pontos que grampeiam têm a ver com as experiências de gozo – isto é muito freudiano. À boca, anus, falo, Lacan vai acrescentar os ouvidos e os olhos, todas as zonas que permitem grampear a imagem com o organismo (o que Freud já enfatizara e que Lacan vai retomar), chamando este grampo de *objeto pequeno a*. (BROUSSE, 2014, p.8, grifo da autora) .

Ferrari (2008) chama a atenção para as exceções a esse movimento de estruturação subjetiva, que, no último ensino de Lacan, serão chamados de outros modos de funcionamento: a perversão e a psicose. Na perversão, o corpo é utilizado como instrumento de gozo do Outro, para fazer o Outro gozar. O perverso, ao causar dor ou angústia no outro, goza, subtraindo a divisão estrutural que coloca sobre o Outro e se torna sujeito de puro prazer. Diferentemente, na psicose, não há possibilidade de uma experiência unificadora como a do estágio do espelho neurótico, e o corpo permanece fragmentado. Segundo a autora, o sujeito psicótico não consente com o tratamento significativo do gozo, que invade seu corpo sem possibilidades de reorganização pela pulsão.

Dessa forma, podem-se encontrar acontecimentos de corpo nas distintas estruturas clínicas, mas o rechaço do corpo só pode ser observado na neurose, uma vez que é necessária a existência de um corpo inconscientemente erotizado para que este possa ser rejeitado, conforme Freud constatou ao analisar as pacientes histéricas, explica Grases (2005).

### **3.2 Imagem e Corpo**

A imagem tem, para Lacan, sentido distinto daquele que é apresentado como teoria do imaginário, nos trabalhos de Melanie Klein, Carl Jung ou de outros analistas da época, explica Brousse (2014). Ela afirma que o que interessa a Lacan no imaginário não é a imaginação, ou os contos de fada, e sim seu poder eficaz, com consequências “no real mais

real – neste caso, a reprodução” (BROUSSE, 2014, p. 2). De acordo com a autora, na obra lacaniana, a imagem assume estatuto de real, como se pode verificar no exemplo da pomba, tirado da etologia, e citado por Lacan no texto sobre o estádio do espelho e retomado em outros trabalhos. Lacan [1949] / (1998) esclarece que a pomba, em determinado momento do desenvolvimento, ao ser exposta ao simples visualizar da imagem de outro indivíduo de sua espécie, atinge a maturidade sexual de seu organismo. O mesmo acontece quando a pomba tem contato visual com sua própria imagem refletida no espelho.

O interesse de Lacan pela etologia pode ser explicado justamente em razão do estatuto particular que a imagem assume nessa disciplina. Brousse (2014) esclarece que a etologia renovou a teoria do instinto, nomeando-o *drive*, e demonstrou a importância de períodos críticos no desenvolvimento de cada indivíduo de uma espécie, com ênfase sobre o poder de real da imagem. Essa orientação demonstra a relação entre a imagem e o seu efeito como um efeito real, comprovado e observado.

Brousse (2014) afirma que Lacan retoma estudos da Psicologia a respeito da relação particular da criança com sua imagem refletida, para esclarecer que se trata de experiência semelhante à da pomba, com as mesmas consequências reais que as demonstradas pela etologia para o reino animal. Com isso, ele demonstra que há uma relação forte entre imagem e real e atribui ao imaginário uma base real.

Em 1936, Lacan apresenta a comunicação “*O estádio do espelho*” em um congresso da IPA em Marienbad, que passa por reformulações e é novamente apresentada em 1949, em Zurique, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, com o título “*O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica*”, marcando o início de grandes contribuições ao meio psicanalítico. Também é possível ver desenvolvimentos da teorização do estádio do espelho no texto “*A agressividade em psicanálise*”, de 1948 e em outras contribuições, indo até 1953, ou seja, até “*O Seminário livro I, Os escritos técnicos de Freud*”, de acordo com Dessal (2001).

O rico trabalho sobre o estádio do espelho se tornou paradigmático desse momento dos ensinamentos de Lacan, claramente demarcado pela ênfase no imaginário e pelo interesse atribuído à imagem enquanto unificadora e constituinte do sujeito, revelando que a noção de eu e de corpo imaginário estão associadas.

Brousse (2014) destaca que a teorização de Lacan sobre o estádio do espelho, no período entre 1936 e 1949, teve grande impacto nesse momento, pois se afastava totalmente da orientação do movimento psicanalítico da época. Para a elaboração e o desenvolvimento do estádio do espelho, Lacan tomou como referências a etologia, a psicologia da criança e a

Gestalt, disciplinas que, segundo Brousse (2014), ainda que não fossem desconhecidas dos psicanalistas da época, também não faziam parte daquelas trabalhadas por eles, sendo, portanto, um conceito difícil de transmitir e estranho ao movimento psicanalítico.

Greco (2011) explicita a função da imago no estágio do espelho, destacando a função do olho nesse processo como um primeiro aparelho de coordenação do espaço, que percebe, registra e organiza o espaço em um momento anterior a que o organismo possa fazer o mesmo, e que, por isso mesmo, é o primeiro aparelho de controle, conexão e contato com o mundo exterior.

A imagem do corpo próprio refletido no espelho traz unificação para a criança, mas se revela virtualmente alienante, uma vez que lhe é exterior. Assim, a imagem concebida no cerne do estágio do espelho aparece como algo que simboliza a permanência mental do eu, e que acaba por prefigurar sua destinação alienante, na medida em que só é dada como uma exterioridade. No espelho, o nascimento do eu se confunde com a constituição da imagem do corpo próprio – ao mesmo tempo em que a imagem no espelho é apreendida como objeto, conforme explica Greco (2011).

No estágio do espelho, Lacan (1998) explora a constituição subjetiva, especialmente em seu aspecto relacional, a partir da imagem do outro. A imagem tem valor fundamental neste momento, e é a partir dela que se inaugura certa construção do corpo, que pode ser apreendido aqui como corpo imaginário. Além de fornecer o embasamento teórico do registro imaginário, a elaboração do estágio do espelho traz esclarecimentos no que diz respeito à função do eu (*je*, sujeito do inconsciente) na experiência psicanalítica.

### **3.2.1 O estágio do espelho como formador da função do eu**

Para Lacan (1998), a construção do corpo tem início no *infans*, o filhote do homem, imaturo e que ainda não pode falar. Essa imaturidade resulta, na criança, em fantasias de corpo fragmentado, o que o leva a pensar que o sujeito é marcado em sua experiência pela falta de unidade, chamada por ele de despedaçamento primordial. O corpo se organizará a partir do estágio do espelho, que antecipa para o bebê uma unidade a partir da imagem refletida, e que lhe é confirmada pelo Outro.

Na elaboração do estágio do espelho, Lacan (1998) parte de um fato da psicologia comparada: o filhote do homem, em certo tempo do desenvolvimento, já reconhece como tal sua imagem no espelho – ainda que nessa etapa do desenvolvimento seja superado em inteligência instrumental pelo filhote do chimpanzé. Esse ato, entretanto, diferentemente do

que acontece com o filhote do macaco, não se esgota no controle da inanidade da imagem pelo filhote do homem. Ele repercute em uma série de gestos, em que a criança experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com o seu meio refletido e com o que Lacan (1998) nomeia “complexo virtual”, que é a realidade duplicada por esse espelho, o próprio corpo do bebê e as pessoas – os objetos.

O *infans* vivencia uma experiência alucinatória de júbilo pela assunção de sua imagem especular, ao mesmo tempo em que passa por uma transformação, ao se identificar a essa imagem, quando o eu aparece em uma forma primordial. Lacan (1998) explica que essa forma primordial pode ser compreendida como o eu ideal, fonte do narcisismo primário e que, posteriormente, será ela também a origem das identificações secundárias, que tem a função de normalização libidinal. Nota-se que essa forma primordial situa a instância do eu em um momento anterior de sua determinação social:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p. 97).

Pode-se compreender que, para Lacan (1998), a apreensão do corpo se dá em um momento precoce do desenvolvimento do ser humano e a função do estágio do espelho se revela como um caso particular da função da *imago*, que seria a de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade (do *Innenwelt* com o *Umwelt*). O estágio do espelho é constituinte do sujeito e do corpo, a partir da antecipação de unidade que traz ao *infans*, e marca o sujeito em todo o seu desenvolvimento:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1998, p. 100).

Dessa maneira, com o estágio do espelho, Lacan (1998) revela que, mais do que uma etapa do desenvolvimento da criança, ele contém a matriz na qual se desenvolverão os relacionamentos posteriores do sujeito. A experiência unificatória trazida pela imagem no estágio do espelho se revela como a de uma imagem que possui efeitos formadores sobre o organismo: “[...] a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como Gestalt, isto é, numa exterioridade em que

decerto essa forma é mais constituinte do que constituída [...]” (LACAN, 1998, p. 98).

Cukiert e Prizskulnick (2002) esclarecem que, no estágio do espelho, o *infans* se constitui enquanto sujeito a partir da imagem de um outro, imagem alienante, e salientam a alienação e o desconhecimento como constitutivos do sujeito. É também por meio do estágio do espelho que se pode apreender a ideia de narcisismo, através da identificação que é proporcionada pela imagem à criança. Segundo as autoras, o narcisismo coloca em questão as marcas dos processos de identificação e um jogo de tensões na história do sujeito.

Lacan [1955] / (1988) afirma que a relação do narcisismo com o imaginário é central no que diz respeito à relação inter-humana, marcada pelo caráter erótico e agressivo em razão da ambivalência presente na relação especular:

[...] o eu é desde já por si mesmo um outro, que ele se instaura numa dualidade interna ao sujeito. O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro [...] Se em toda relação, mesmo erótica, com o outro, há algum eco dessa relação de exclusão, *é ele ou eu*, é que, no plano imaginário, o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que sempre é em parte estranho a ele [...] (LACAN, 1988, p. 114, grifo do autor).

Assim, para Lacan (1988), o caráter ambivalente das relações humanas é atribuído ao estágio do espelho. Ele esclarece que é precisamente por isso que todo equilíbrio imaginário como o outro está condenado a uma instabilidade, a certo conflito. Sobre isso, Greco (2011) argumenta:

A experiência do espelho tem um caráter primordial na teoria psicanalítica, se a entendermos, mais do que como uma fase bem delimitada do desenvolvimento da criança, como um modelo que atravessa toda a vida do sujeito, representando a relação libidinal essencial com a imagem corporal, e ilustrando o aspecto de conflito presente na relação dual. (GRECO, 2011, p. 1).

Greco (2011) explica que é justamente por esse motivo que a relação que o sujeito mantém consigo mesmo e com os objetos se dá mediada pelo eixo imaginário. Nesse sentido, é possível retomar Lacan (1998), quando ele afirma que o estágio do espelho deve ser compreendido como uma identificação, como uma transformação produzida no sujeito ao assumir uma imagem, que acaba por fazer emergir uma matriz do eu, sobre a qual se desenrolarão as identificações e as determinações sociais.

Monribot (2003) pondera que, no processo unificador vivenciado no estágio do espelho, existem vantagens e desvantagens. Com relação às vantagens, pode-se pensar que o estágio do espelho concede à criança a permanência mental de um *je* (eu simbólico), que não é exatamente o sujeito, e permite também a constituição de um *moi*, eu imaginário. Com relação às desvantagens, o autor pontua que o corpo já se mostra um conflito, um problema,

pois o Um corporal que se constitui nesse momento, não promove identidade: “Está localizado fora-do-corpo, longe, em frente, na imagem especular do meu semelhante. É apenas uma imagem [...]” (MONRIBOT, 2003, tradução nossa<sup>21</sup>). Disso resulta que só se pode dizer “tenho um corpo” e nunca “sou um corpo”. A relação do sujeito com seu corpo é uma relação de propriedade e não de uma unidade, diferentemente da relação do animal com seu corpo-organismo.

Lacan (1998) assevera a importância da imagem e da presença do Outro nesse processo, afirmando que é esse momento que faz todo o saber humano bascular para a mediação do desejo do Outro. A conclusão do estágio do espelho é que inaugura a dialética que liga o sujeito do inconsciente a situações socialmente elaboradas, por meio da identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial.

A vivência de assunção de uma imagem corporal e de diferenciação com relação à realidade e aos objetos, pode acontecer a partir da idade de seis meses e se repete na história e no desenvolvimento do bebê, conservando, até os dezoito meses de idade, o mesmo sentido. Lacan (1998) destaca que essa atividade comporta a revelação de um dinamismo libidinal e de uma estrutura ontológica do mundo humano, que possibilita reflexões sobre o conhecimento paranóico, expressão que ele utiliza para dizer do caráter especular e ambivalente presente nos fenômenos de transitivismo, que têm em sua base a captação pela imagem do outro.

No processo unificador do estágio do espelho, a imagem vela o real do corpo fragmentado, criando uma imagem global do corpo à qual o sujeito jamais irá se identificar. O organismo permanece caótico, fragmentado, mas a imagem traz unidade. Há uma separação, mas também existe uma relação, necessária, entre a imagem do corpo e o corpo fragmentado. Um rompimento na relação existente entre a imagem do corpo e o corpo fragmentado pode desencadear catástrofes subjetivas muito fortes, segundo Brousse (2014), que cita como exemplo o testemunho de alguns sujeitos psicóticos que, certa manhã, ao acordarem e se olharem no espelho, não se reconheceram, revelando nessa experiência a explosão do laço entre a imagem e o caos. De acordo com a autora, o rompimento do laço entre a imagem e o corpo despedaçado também pode, algumas vezes, ocorrer com os neuróticos, como é o exemplo da experiência descrita por Freud [1919] / (1996), no texto sobre “*O estranho*”, de se deparar com a própria imagem, espontânea e inesperadamente.

Freud (1996) afirma que o tema do estranho relaciona-se com o que é assustador, com

---

<sup>21</sup> Se encuentra de entrada “fuera-del-cuerpo”, lejos, enfrente en la imagen especular de mi semejante. No es sino una imagen [...]

o que provoca medo e horror, e esclarece que, as experiências descritas como estranhas, na verdade, carregam em si o assustador de remeterem a algo já conhecido, familiar, tal como o fenômeno do duplo em psicanálise. Ele relata um episódio próprio, vivenciado quando viajava de trem: um solavanco fez abrir a porta do toalete, anexo entre dois compartimentos, e ele visualizou um senhor de idade, de roupão e boné. Freud presumiu que o homem havia entrado em seu compartimento por engano e, ao se levantar, com a intenção de comunicar-lhe o equívoco, percebe que o intruso era o seu próprio reflexo, no espelho da porta que se abriu. Brousse (2014) destaca ser desagradável esse momento em que a relação entre o corpo fragmentado do sujeito e a imagem que o vela é rompida.

Brousse (2014) destaca que Lacan constrói suas formalizações sobre o estádio do espelho sob influência da etologia, mas com especial interesse por esclarecer como acontece a adequação entre o corpo fragmentado e a imagem do corpo. Nesse sentido, a palavra ganha estatuto fundamental na identificação, no laço que se constrói entre a imagem no espelho e a experiência orgânica do corpo, uma vez que a ilusão de uma imagem integrada, resultante desse processo, só é viável através da linguagem, do Outro.

Bassols (2016), ao esclarecer implicações da clínica do autismo, onde, em suas palavras, o corpo da imagem não se constitui, mas em que a imagem do corpo está presente, porém não reconhecida como tal, recorda que “[...] o corpo começa a ser corpo da imagem [...]” (BASSOLS, 2016, p. 10). Para o autor, no estádio do espelho, não se trata apenas de imagem especular do corpo: há a necessidade de corporização da imagem, ato por meio do qual se produz o enodamento com o registro simbólico, e por meio do qual o corpo ganha sua consistência imaginária.

Nota-se que, na obra lacaniana, mesmo quando a ênfase teórica recai sobre o imaginário, a linguagem revela seu estatuto fundamental, deixando claro, mais uma vez, que os três registros se articulam e devem ser apreendidos como estrutura.

### **3.3 Corpo marcado pelo significante: o corpo simbólico**

A partir dos anos 50, Lacan faz recair a ênfase de seus ensinamentos sobre o registro do simbólico, com o texto *“Função e campo da fala e da linguagem”*, de 1953, marcando o primado da linguagem na teoria psicanalítica. Nesse momento, a teoria lacaniana passa por algumas reformulações, como a definição do inconsciente como discurso do Outro, o inconsciente estruturado como linguagem: “Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.”

(LACAN, [1964] /2008, p. 199). É nesse período ainda que o estruturalismo lacaniano avança com intensidade e que sua clínica é guiada pelo Nome-do-Pai.

Guerra (2017) relembra que esse é o momento em que Lacan está lutando contra desvios operados pela psicologia do ego, para a qual o desejo seria o de adequação do sujeito à realidade. Lacan buscava preservar a ética da psicanálise, defendendo-a de desvios teóricos que poderiam conduzir a uma normatização e a uma regulação do sujeito, deixando de lado sua singularidade: “Daí a importância da metáfora, que tenta abrir, no campo linguístico, o espaço a um nível de experiência subjetiva para além do Imaginário.” (GUERRA, 2017, p. 37). Assim, o desejo que interessa à psicanálise é o desejo articulado à lei simbólica como sua condição.

O registro simbólico ganha destaque no ensino lacaniano e é ele que poderá conferir certo apaziguamento ao imaginário: “Se a imagem desempenha igualmente um papel capital no campo que é o nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica.” (LACAN, 1988, pp. 17-18). Pode-se perceber que, embora o imaginário tenha sido organizado com primazia nos primeiros momentos da obra de Lacan, ele sempre se mostra articulado ao registro simbólico, pois é a linguagem que permite o nascimento do corpo e a constituição subjetiva. A linguagem representa a possibilidade de acessar o campo do Outro, o campo simbólico, ou seja, um mundo organizado por significantes.

É através do Outro que a criança aprenderá a se reconhecer e poderá se constituir enquanto sujeito. Inicialmente, seu desejo, assim como seu corpo, é vivenciado como projetado e alienado no Outro. A criança é aquilo que pode corresponder ao desejo da mãe, seu falo:

Assim, o grande impasse da relação dual imaginária é esse de que não há o reconhecimento de dois desejos, dois sujeitos, mas de um desejo alienado no desejo do outro. A saída para essa alienação é a entrada do Simbólico, pois é por meio dele que há o advento do sujeito, sujeito do próprio desejo, ali onde antes havia apenas o desejo da mãe. (CUKIERT; PRISZKULNICK, 2002, p.147).

O estágio do espelho é então articulado à ordem simbólica, com a introdução do Outro da linguagem e, conforme esclarecem Cukiert e Prizskulnick (2002), a alienação na imagem é agora substituída pela alienação estrutural ao Outro da cadeia significativa, alienação simbólica. A imagem desempenha papel constituinte do sujeito e é ela que possibilita à criança estabelecer uma relação de seu corpo e de seu eu com a realidade (do *Innenwelt* com o *Umwelt*). Cukiert e Prizskulnick (2002) ressaltam que, com a articulação ao simbólico, a assunção da imagem do corpo no espelho possibilita à criança a autentificação e o reconhecimento dessa imagem como a de um sujeito, que é constituído submetido ao campo

do Outro: “Portanto, para se constituir, é preciso que a criança seja objeto do olhar e tenha um lugar no campo do Outro, cujo reconhecimento, na medida em que a nomeia, permite sua entrada no registro Simbólico.” (CUKIERT; PRISZKULNICK, 2002, p.147).

Nesse momento, há a distinção de dois campos, o do sujeito e o do Outro.:

Primeiro acentuei a repartição que constitui ao opor, em relação à entrada do inconsciente, os dois campos do sujeito e do Outro. O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão. (LACAN, 2008, p. 200).

O Outro é então o Outro da lei simbólica, onde o sujeito se constitui ao encontrar um lugar em seu desejo. É também esse Outro que fornece os significantes mestres que guiarão o sujeito em toda sua vida. Isso traz consequências no que diz respeito ao corpo dentro da teoria lacaniana, pois a entrada no universo do simbólico é uma operação que negativiza o gozo primeiro, gozo original e real, gozo suposto sem limites no corpo-organismo de antes da linguagem, conforme esclarece Monribot (2003). Ao mesmo tempo em que o simbólico atribui um corpo ao humano, o significante torna esse corpo um deserto de gozo, e é justamente esse esvaziamento que permite à libido se reorganizar e buscar algo do gozo perdido no exterior, nos objetos.

O *infans* nasce já imerso na linguagem, e, mesmo antes de seu nascimento, a criança está inserida na cadeia significante, pois é falada no discurso do Outro. Dessa forma, o significante marca o sujeito desde antes do nascimento e é também o que preserva o seu corpo, após sua morte, pois ele pode ser vivificado através do nome. Em “*Radiofonia*”, escrito que reúne perguntas e respostas à radiodifusão belga, Lacan (2003), deixa claro que a ordem simbólica subsiste ao sujeito, ao afirmar que a linguagem *corpsifica* o corpo habitado pela fala e, que, quanto ao corpo, é secundário que esteja morto ou vivo. Sánchez (2016) destaca o efeito de equívoco trazido por Lacan ao dizer de *corpsificação*: ao referir-se ao termo inglês *corpse*, que significa cadáver, ele remete a cadaverização, mortificação provocada pelo significante no organismo.

Nas palavras de Lacan (2003), é somente na espécie humana que o cadáver pode preservar o corpo, aquilo que caracterizava o ser que vivia, pois após a morte, o ser falante permanece como *corpse*, ele não se transforma em carniça. O corpo que era habitado pela fala permanece *corpsificado*: morto no organismo, mas preservado no simbólico. Em “*Elementos de biologia lacaniana*”, Miller (1999) exemplifica muito bem esse ponto da teoria lacaniana, ao homenagear Jorge Zahar, editor da obra de Lacan, falecido:

A sua ausência faz falta. Uma falta que, para mim, é muito sensível e perceptível. Pelo menos, pronunciando o seu nome, eu o torno presente pelo milagre do significante. Esse nome continua o mesmo, quer esteja vivo ou morto esse que ele designa. (MILLER, 1999, p. 37).

Nota-se clara referência ao que diz Lacan: o homem morre enquanto organismo, mas permanece vivo na ordem simbólica, por meio do significante. Miller (1999), ao pronunciar o nome de Jorge Zahar, o torna presente pelo significante, que continua a designá-lo. O significante continua a designar o sujeito, nomeando-o e vivificando-o, e tanto importa se ele diz de um corpo vivo ou morto. Sobre isso, Tízio (2007), citada por Ferrari (2008), esclarece que, para a psicanálise lacaniana “[...] o corpo é imagem, é carne e será cadáver para ser definitivamente Outro, no culto da memória, ou nada, no esquecimento irrecoverável, sem nome, no anonimato da história [...]” (TIZIO, 2007 apud FERRARI, 2008, p. 216).

As formalizações lacanianas asseguram que a ordem simbólica subsiste ao sujeito, e a linguagem assume papel central no que diz respeito à estruturação subjetiva e à constituição de um corpo. Estudar o corpo à luz da ênfase lacaniana sobre o registro do simbólico implica verificar como se estabelecem as relações entre corpo, significante e linguagem, assim como o que resta dessa articulação, não recoberta pelo significante. Assim, a próxima seção é dedicada ao corpo no registro do real.

### **3.4 O corpo no registro do Real**

Por volta de 1970, os ensinamentos de Lacan começam a ganhar outros contornos, com a orientação para o real. Se a cadeia significante e a ordem simbólica existem para além da vida e da morte do sujeito, o real diz respeito a algo anterior a ele, a algo que existia antes das palavras, e que é impossível de simbolizar, mas resiste, como um resto de real.

De acordo com Cukiert e Prizskulnick (2002), o real poderia ser considerado um momento pré-simbólico, um tempo anterior às palavras, mas que não desaparece por completo quando a linguagem é assimilada. Ele é afetado pelo significante no corpo do ser humano, mas não é totalmente recoberto pela ordem simbólica, restando algo dele quando o simbólico é incorporado. As autoras também observam os remanejamentos provocados na teoria quando Lacan postula o real como substantivo, como o impossível de simbolizar. Tomar o registro do real como determinante leva Lacan a rearticular algumas de suas formalizações, esforçando-se por demonstrar, além das inter-relações entre os três registros, os limites da fala. Nesse sentido, o corpo, além de afetado pela linguagem é também lugar de

gozo.

É nesse momento que Lacan se serve da topologia dos nós borromeanos, partindo da amarração edípica freudiana da realidade psíquica e com o objetivo de mostrar o real determinante na clínica:

[...] vemos na década de 70 um novo movimento epistêmico-clínico brotar em sua transmissão. O uso dos nós dá corpo a este avanço. Certamente, ele reflete um compromisso com a pulsão e o gozo, determinantes no uso do significante e proeminentes em sua última clínica. (GUERRA, 2017, p.41).

O nó borromeano traz a representação dos três registros amarrados de forma que se um dos elos se soltar, os outros também se soltam. Guerra (2017) destaca que o efeito real dessa forma de amarração é introduzido por Lacan como um quarto elemento presente no nó, que seria o responsável pela amarração: o Édipo, ausente nas psicoses, por exemplo. Nesse momento do ensino de Lacan, trata-se de retomar o Édipo e abordar o que há de estrutural nele, ou, nas palavras da autora, de verificar como ele enlaça os três registros, o que traz implicações para a teoria:

O enlaçamento no nó indica que os registros não se relacionam por predominância ou por ordem de importância ou mesmo de plano. Atar-se de uma forma ou de outra é o que faz o essencial para o sujeito, verificado no complexo de Édipo (GUERRA, 2017, p. 37).

A inovação teórica apresentada com o nó borromeano traz a possibilidade de se pensar naquilo que poderia ocupar o lugar vazio deixado pela forclusão do Nome-do-Pai na psicose, e que poderia manter os três registros atados. Surge a ideia das suplências como modo de estabilização na psicose, que Lacan irá trabalhar como os Nomes-do-Pai, bem como novas formalizações em seu ensino, tais como lalíngua e letra, conceitualizações que Guerra (2017) sublinha como consequentes à nova forma de veicular o real na teoria. É também do último ensino lacaniano a expressão *falasser*, outro neologismo por meio do qual Lacan (2003) passa a se referir ao sujeito do inconsciente:

Daí minha expressão *falasser* [*parlêtre*] que virá substituir o ICS de Freud (inconsciente, é assim que se lê): saia daí então, que eu quero ficar aí. Para dizer que o inconsciente, em Freud, quando ele o descobre (...), o inconsciente é um saber enquanto falado, como constitutivo do UOM. A fala, é claro, define-se aí por ser o único lugar em que o ser tem um sentido. (LACAN, 2003, p. 561).

Seguindo a indicação lacaniana: “[...] o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo [...]” (LACAN, 2003, p. 562), Bassols (2016) afirma que a expressão *falasser* poder ser tomada no sentido de “corpo falante”, termo que agrega corpo e linguagem. Linguagem que deve ser compreendida não apenas como o registro dos significantes que evocam conceitos

que subsumem objetos e sim como o registro que comporta termos que são, eles mesmos, a criação de novos objetos, conforme explica o autor: “Então, *falasser* tentaria condensar ‘dizer’ e ‘ser’ de uma só vez para que algo *seja* pelo fato mesmo de *dizer*. Nessa perspectiva, o *falasser* é sempre um ato de criação.” (BASSOLS, 2016, p.9, grifo do autor).

Bassols (2016) esclarece ainda que, ao dizer de um corpo falante, não se deve confundi-lo com uma imagem que fala, nem se trata de acrescentar o adjetivo falante ao substantivo corpo como se ele já estivesse constituído enquanto tal, pois “[...] como o indicava Lacan em diversas ocasiões, esse ser e esse corpo somente o são à medida que o ser é um ser falante [...]” (BASSOLS, 2016, p. 10). Ele retoma então o estádio do espelho para explicar que, na clínica lacaniana do nó borromeano, a corporização da imagem é abordada como o seu enodamento com o registro simbólico da linguagem, e é por isso que o corpo pode ser compreendido como sendo o imaginário:

Se podemos dizer que no último ensino de Lacan o corpo continua sendo o imaginário, é porque o imaginário adquire presença somente em uma imagem corporizada, encarnada de modo que tenha consistência para o ser que fala. Esse é o corpo que o *falasser* tem, sem sê-lo. (BASSOLS, 2016, p. 10).

Para Bassols (2016), a clínica derivada do último ensino de Lacan pode ser compreendida como uma investigação entre os enodamentos e desanodamentos entre corpo e linguagem, com a característica fundamental da psicanálise de não reduzir o sintoma a um transtorno, e sim, de tomar o sintoma como aquilo que instaura uma nova ordem na vida do sujeito, ao fazer da relação que acontece no enlaçamento entre corpo e linguagem experiência de sentido e sem-sentido – pois o paradigma desse momento do trabalho de Lacan é o de que todos deliram, com o corpo ou com a linguagem.

### **3.4.1 O corpo que goza**

No último ensino de Lacan, o gozo é tomado em sua interseção com o real, e o corpo então ocupa duplo lugar: como o corpo que goza e o como o saco mantido em sua forma, conforme esclarece Ferrari (2008). Nas palavras da autora, nesse momento, o real fora do simbólico aponta para a vida, o vivente e o gozo do vivente e o interesse de Lacan se volta para entender como se articulam as relações entre o gozo do corpo vivo e o gozo do ser falante, levando a compreensão de que o campo do real é o campo do vivente: “Apreendemos a vida a partir de um corpo, corpo vivo, condição de gozo, pois há gozo na vida.” (FERRARI, 2008, p. 221). A ênfase no Real guia o pensamento lacaniano ao que se pode tomar como o

resto de real de corpo, aquele que resiste à simbolização, e que diz respeito ao gozo, conforme relembra Ferrari (2008), esclarecendo que, da operação de constituição de um corpo, resta sempre um real não recoberto pelo significante, um resto de real de corpo que não passa pela ação do significante.

É exatamente desse período a citação de Lacan ([1972] /2008) de que “[...] um corpo, isso se goza” (LACAN, 2008, p.29), atribuindo o gozo como a propriedade do ser vivente. Miller (1999) retoma as afirmações de Lacan para dizer que é preciso um corpo para que se possa gozar, e só se pode gozar de um corpo vivo. Lacan (2008) afirma ainda que a experiência psicanalítica pode ser suposta justamente na substância do corpo, definida como aquilo de que se goza: “Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza.” (LACAN, 2008, p. 29).

A consequência dessas evidências é que o corpo não deve ser só pensado como simbolizado, pois o significante mata o corpo, a linguagem *corpsifica*. Para gozar, é necessário o corpo vivo. Retomando essas formulações lacanianas, Miller (1999) afirma que o saber sobre o gozo talvez seja o único saber psicanalítico que se tem sobre a vida e sobre o que é ser vivo. O gozo do corpo vivo é tudo o que se pode saber dele. Ele observa ainda um contraste entre o que se sabe da lógica do significante e o pouco que a psicanálise tem de ordenado com relação à biologia, da qual se tem necessidade para chegar a um saber sobre o gozo.

O saber psicanalítico sobre a vida seria, primeiramente, que há gozo, conforme Miller (1999). Em segundo lugar, esse saber seria de que não há gozo sem vida e, em terceiro, que na experiência analítica, apreende-se a vida a partir de um corpo: “O gozo é uma propriedade do corpo vivo, a única propriedade da qual podemos dizer que temos um saber que é sustentável.” (MILLER, 1999, p. 26). Assim, o autor busca elementos de uma biologia psicanalítica em Lacan, para abordar o gozo como uma propriedade. O primeiro elemento que ele encontra na teoria lacaniana é negativo, que o significante não goza; um sistema significante não goza, ele funciona. Em exemplos da ficção científica, podem-se encontrar sistemas e aparelhos que gozam, ou, que dão a impressão de gozar: no momento em que esses aparelhos deixam de servir ao homem, geram a sensação de que o ser humano se torna alimento de seu gozo, o gozo do Outro do significante.

Miller (1999) nota que, quando a ficção científica tenta mostrar o aparelho do significante como gozante, é preciso que ele tenha um corpo – e para isso, em alguns casos, exhibe-se uma conexão entre o aparelho e o corpo. Ele cita como exemplo o filme *Existenz*, de Cronenberg, em que há um aparelho de videogame atrelado à coluna vertebral e observa que,

nesse momento, já não se sabe mais quem goza, é uma fronteira:

Pode-se dizer que o significante é um aparelho, mas, de todo modo, ele é inanimado, não é uma substância viva. Por conseguinte, a função da fala, o campo da linguagem e a instância da letra não recobrem tudo o que diz respeito ao campo freudiano e à operação analítica. A referência ao corpo vivo é ineliminável da operação analítica. (MILLER, 1999, p. 26-27).

Dessa forma, pode-se concluir que, se a linguagem é a condição do inconsciente, o corpo vivo é a condição do gozo, o que traz consequências para a clínica, uma vez que, na operação analítica, recomenda-se uma abstenção corporal, ao excluir-se a intervenção direta sobre o corpo, esclarece Miller (1999). Isso significa que, em psicanálise, faz-se tudo para não mobilizar os sentidos, não atrair o interesse sensitivo, como, por exemplo, subtrair a visibilidade do corpo, de forma a se privilegiar o sentido do que é dito, “Isto é, sacrificar o sensorial em benefício do semântico [...]” (MILLER, 1999, p 27).

Ainda para dizer dessa abstenção corporal, Miller (1999) evoca uma referência hursseliana, a colocação do corpo entre parênteses, para destacar o que resta do corpo na operação analítica, e que permanece ineliminável: a presença dos corpos. Embora reduzida ao mínimo, a presença dos corpos vivos é uma condição da operação analítica: “[...] o sentido não vale sem a presença” (MILLER, 1999, p. 27). Em suas palavras, o corpo não deve ser compreendido apenas como resíduo de presença, pois o saber não é elaborado inteiramente fora dele, na ordem simbólica, há um saber do corpo que deve ser compreendido como um saber no corpo.

Para a psicanálise, o corpo é necessário, assim como a palavra, por meio da qual é possível tocar o corpo e o sintoma. Cukiert e Prizskulnick (2002) retomam as ideias lacanianas, explicitando que é por meio da palavra que o analista intervém sobre o inconsciente e sobre a história do sujeito, obtendo efeitos no corpo:

[...] pois, quando do atravessamento pela fala, o corpo também é afetado. Em psicanálise, não se pode prescindir nem do corpo, nem da palavra. Mais que isso, na análise, não há como separar corpo e palavra. Se a palavra tem efeitos sobre o corpo, se corpo e palavra se entrelaçam, daí decorre a própria possibilidade do tratamento psicanalítico e sua eficácia. (CUKIERT; PRISZKULNICK, 2002, p. 149).

Dessa maneira, pode-se concluir que, se o período do estágio do espelho revela o enraizamento do corpo na dimensão imaginária, é justamente a ação do significante que atribui um corpo ao humano, enquanto corpo simbólico e aquilo que resta dessa operação, corpo de gozo: “O organismo suporta, então, dois corpos: o corpo do saber, que sabe o necessário para sobreviver, deve ser regulado e tal regulação supõe prazer; o corpo libidinal, corpo de gozo, desregulado, que rechaça a verdade e adocece por causa da verdade que o

habita [...]” (FERRARI, 2008, p. 223).

### 3.5 O corpo como superfície de escrita

O corpo, constituído nas dimensões real, simbólica e imaginária, porta marcas invisíveis, significantes que o recortam e que se inscrevem em sua superfície. Ele também pode portar marcas de outra ordem, cicatrizes visíveis ao olho, que podem ganhar distintos sentidos e implicações para o sujeito que tem a imagem de seu corpo atingida dessa maneira. As falas e o olhar do Outro, fundamentais para a constituição do sujeito, podem receber significações e conotações singulares, relativas à forma como são percebidos pelo sujeito.

O ego, derivado das sensações corporais, se constitui principalmente daquelas que se originam na superfície do corpo: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal: não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” (FREUD, [1923] /1996, p. 39). Lacan (1998) esclarece que, a noção de eu, enquanto superfície e projeção de superfície pode ser compreendida como o sistema nervoso: “Digamos logo que podemos conceber o *Real-Ich* como o sistema nervoso central, no que ele funciona, não como um sistema de relação, mas como um sistema destinado a garantir uma certa homeostase das tensões internas.” (LACAN, 1998, p.173).

É a partir do tratamento imaginário conferido pelo estágio do espelho ao real, a partir da unificação da imagem corporal, que tem início o surgimento do eu:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial [...] (LACAN, 1998, p. 97).

Assim, o corpo ganha consistência a partir do imaginário, que, com seu efeito de fascinação, apreende o sujeito, em uma relação da qual ele não consegue se desvencilhar: “Fascinados com essa explicação de que tal projeção de uma superfície identifica a relação do corpo com o imaginário, às vezes nos contentamos com ela.” (ALBERTI, 2004, p. 88).

Alberti (2004) conclui que o corpo entra na economia do gozo pela via do imaginário, se constituindo como imagem do corpo: “Isso, contudo, não o identifica com o imaginário; o corpo que faz furo no simbólico não é a imagem do corpo, mas o corpo como superfície e projeção de superfície, o que se conclui como sendo o próprio sistema nervoso.” (ALBERTI, 2004, p. 46). O corpo passa de eu real, organismo, determinado pela pulsão de morte, que impele ao inorgânico, a eu prazer, na sua relação com o Outro, que instala nele a pulsão de

vida. Ele é atingido pelo significante, que o mortifica, mas também o vivifica, criando as zonas erógenas:

O corpo é esse campo topológico que Freud já contava em furos quando identificava o corpo, ele mesmo, como zona erógena. Pois bem, se o corpo é furo – zona erógena -, superfície e projeção de superfície, então estudar o corpo na referência à causa freudiana diz respeito ao litoral que se inscreve ali onde o que determina o sujeito no campo da linguagem topa com o indizível que jorra gozo. (ALBERTI, 2011, p. 13).

Alberti (2004) recorda que, no que diz respeito à articulação imaginária do corpo, ele é uma *gestalt* que colmata os furos do real do corpo ao projetar sobre ele certa maturação e, é justamente a ideia daquilo que é enlaçado pela imagem mas que insiste e retorna ao mesmo lugar, que possibilita estabelecer uma relação entre gozo e pulsão, pois esses furos do real do corpo são as zonas erógenas. A partir das zonas erógenas, pode-se pensar o corpo como o primeiro eu do sujeito, o eu pulsional:

Pois bem, se o corpo é furo – zona erógena -, superfície e projeção de superfície, então estudar o corpo na referência à causa freudiana diz respeito à topologia. E aí se descobre algo bastante interessante, porque o termo superfície aparece não somente nesse contexto da obra de Freud, como também no contexto da recepção de estímulos. (ALBERTI, 2004, p. 39).

Sobre isso, Freud (1996) afirma ainda que o ego pode ser considerado uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental. Nesse sentido, pode-se considerar que o ego deriva das sensações originadas na pele, maior órgão do corpo humano, cujas funções, intimamente relacionadas ao sistema nervoso, já deixam entrever sua extensa implicação psíquica, tal como se pode perceber nas afecções dermatológicas e nas psicodermatoses, por exemplo.

Lacan [1971] / (2009) afirma que o sujeito é dividido pela linguagem, contudo, um dos seus registros se satisfaz com a referência à escrita, outro, pela vertente da fala. Assim, existem distinções a serem postas, pois, do lado da fala, encontra-se o significante, aquilo que diz respeito ao universo do simbólico, e do lado da escrita, encontra-se aquilo que registra, marca com a letra, algo que se localiza na ordem do real.

O significante é absoluto, separado, pela barra, do significado. O sistema do fonema é um exemplo disso, e a primeira descoberta da linguística. As pesquisas realizadas por Saussure e pelo Círculo de Praga resultaram em uma linguística diferente daquela apresentada anteriormente por essa disciplina. Ela passa a se instituir por um corte: a barra colocada entre o significante e o significado. Lacan (2003) afirma que, nessa barra, prevalece a diferença pela qual o significante se constitui em termos absolutos e se ordena com autonomia.

Assim, a barra entre significante e significado (S/s) é o que a linguística traz de

inovador e, a consequência é que, para que algum significante tenha efeito no significado, deve-se transpor essa barra. Lacan (2003) deseja que o significado não seja tomado como uma coisa óbvia e afirma que a barra existente entre significante e significado não é apenas uma barra de fração, e sim uma barra do real. Dessa maneira, a partir dessa descoberta da linguística, nenhum significado deve ser tomado como evidente.

Segundo Lacan (2003), o significado será cientificamente pensável dentro de um campo do significante, distinto de outros campos, como qualquer campo físico obtido pela ciência. O campo do significante pode ser pensado como o campo da física, por exemplo, porque existe um material que dá unidade a esse campo, o significante, um objeto sensível. Esse objeto é apreendido pelo ouvido, ele se apreende como voz, um objeto tangível. É por meio desse objeto que se estabelece a comunicação humana: o mal entendido, ou bem entendido. O significante tem efeitos subjetivos, pois o sujeito é o que surge como seu efeito. O sujeito é marcado pela divisão em sua origem, e é daí que a linguística ganha força para revelar-se para além da comunicação. O sujeito dividido demonstra que a linguagem não é um meio de comunicação de massa e sim um meio singular.

Nesse sentido, o sujeito é aquele que não sabe o que diz, porque o que é efetivamente dito é por meio da palavra que lhe falta, ou no ímpar de alguma conduta que ele julga ser sua. Isso faz com que não seja confortável alojá-lo no cérebro. E é isso o que a psicanálise chama de inconsciente e que Lacan (2003) explica, ao dizer que Freud se antecipa à linguística, uma vez que o inconsciente é a condição dela. O inconsciente é que torna possível a dissociação entre significante e significado, fazendo existir a barra – que faz com que o significante possa ter vários significados, conforme a singularidade do sujeito. Em outras palavras, “A significação é, portanto, um fato conceitual produzido exclusivamente pelo verbal.” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 110).

Para introduzir a dimensão do escrito, Lacan (2008) afirma:

Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante. (LACAN, 2008, p. 39).

Há implicações da pulsão na linguagem e, nesse sentido, a cadeia significante remete também ao real da pulsão servindo ao gozo, conforme esclarecem Manso e Caldas (2013). As autoras explicam que dizer que o significante não tem relação com o significado é afirmar a sua face real, enquanto causa de gozo: “O significante não deixa de servir à fala, mas pode também ser elevado à dignidade da letra.” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 111).

É nos domínios da escrita que se pode situar a letra: “A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante.” (LACAN, 2008, p. 35). Quando as interpretações analíticas dizem respeito ao gozo do sujeito, elas dizem de um “ao pé da letra”, pois a letra desenha a borda do furo no saber, fazendo ali um litoral. Litoral tal como Lacan (2009) evoca, ao diferenciá-lo da fronteira, para dizer da relação entre corpo e meio, *Innenwelt* e *Umwelt* :

Porque este é diferente de uma fronteira. Aliás, vocês devem ter observado que essas duas coisas nunca se confundem. O litoral é aquilo que instaura um domínio inteiro como formando uma outra fronteira, se vocês quiserem, mas justamente por eles não terem absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca. (LACAN, 2009, p. 109).

A fronteira serve para separar dois territórios, mas acaba por simbolizar que os dois são a mesma coisa, exceto para aquele que a atravessa, explica Lacan (2009). Em uma fronteira, as paisagens se misturam, a população se mescla e, mesmo as línguas faladas, acabam se confundindo. A distinção que a fronteira estabelece se sustenta simbolicamente. Já no litoral, a diferença é radical:

[...] sobrevoamos um litoral. O quê se vê? As areias da praia, ou as rochas das falésias, os seixos de outra praia... e o mar. Há uma diferença radical que se descortina, oposta ao que se vê em uma fronteira: descontinuidade radical, mar e terra se distinguem em razão de serem feitos de dois estofos que não se misturam. (ALBERTI, 2011, p. 10-11).

Alberti (2011) serve-se das noções de fronteira e litoral, delineadas por Lacan, para esclarecer que, em psicanálise, no que diz respeito ao corpo, parte-se não do exame que se pode fazer do corpo, mas sim daquilo que o sujeito tem a dizer sobre isso: “Se o sujeito em psicanálise é o sujeito da fala, é nessa fala que ele se presentifica; é nessa fala que adquire forma e vida; ele é isso. O corpo é do sujeito que disso fala.” (ALBERTI, 2011, p. 11). Isso implica os significantes e associações que sobrevém nessa fala e o efeito que deles se deposita no corpo: o gozo. Para a autora, o litoral que existe, nesse contexto, é entre o que o sujeito fala e o gozo que não pode ser dito. Nesse sentido, significante e gozo fazem entre si um litoral, são concomitantes, mas não se misturam, não se confundem em meio à paisagem. Falta algo ao corpo para o ser falante, o que torna essa continuidade impossível.

A letra é o suporte material tomado emprestado da linguagem pelo discurso concreto, explica Lacan [1953] / (1998). Ela faz o litoral entre o gozo e o saber e simboliza os efeitos de significante, tais como a metáfora e a metonímia, mas não deve ser confundida com ele:

Ela simboliza facilmente, portanto, todos esses efeitos de significante, mas isso de modo algum impõe que ela, a letra, seja primária nesses mesmos efeitos para os quais me serve de instrumento. Impõe-se menos o exame desse primarismo, que nem sequer deve ser suposto, do que o daquilo que, pela linguagem, convoca o

litoral para o literal. (LACAN, 2009, p. 110).

Segundo Manso e Caldas (2013), a fala pode ser compreendida como uma articulação entre a escrita do inconsciente, que convoca ao trabalho de leitura e decifração, e a escrita de um saber como meio de gozo, que talvez seja possível de se inscrever por meio da fala, num trabalho de cifração: “Tanto cifrar como decifrar são operações que contêm, dão passagem, servem de via ao gozo pulsional.” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 112). Cifrar e decifrar podem ser aproximadas das operações de causação do sujeito, a alienação e a separação:

Ao mesmo tempo em que são operações que permitem uma inscrição, elas também deixam um resto, ou um rasto. Estes rastos são significantes da passagem de algo ou alguém na vida do sujeito e podem ser “lidos” pelo outro, que lhes atribuirá um significado, como pistas para uma análise. (MANSO; CALDAS, 2013, p. 112).

A escrita deixa vestígios da passagem da pulsão, ela deixa marcas em seu caminho, que podem ser lidas. Manso e Caldas (2013) destacam que, para Lacan, a letra possui caráter diferencial, necessitando de um traço distintivo, o que poderia ser encontrado na fala, com os fonemas, e na escrita, com os grafemas. Assim, a letra porta a rasura de um traço, um traço originário, que designa o sujeito, o traço unário: “[...] eu o disse a propósito do traço unário: é pelo apagamento do traço que o sujeito é designado. Isso é marcado em dois tempos. É preciso, portanto, que se distinga aí a rasura.” (LACAN, 2009, p. 113).

Lacan [1971] / (2003) questiona então, se, nos litorais, seria possível a constituição de um discurso que não seja emitido pelo semblante. Diferentemente do semblante, a escrita é o que pode acolher o gozo, pois ela cava o vazio no corpo do sujeito, com a letra. A letra se deposita no corpo do sujeito, marcando-o e fazendo borda entre a dimensão simbólica e a dimensão real: “*Litura, lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura pura* é o literal. Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste.” (LACAN, 2009, p. 113).

Para Alberti (2011), é exatamente no litoral do que se pode saber e daquilo que se goza que a psicanálise pode dar contribuições para abordar o corpo. Ela chama a atenção de seu leitor para a subversão que se apresenta, já representada no trocadilho feito por Lacan em “*litura, lituraterra*”:

Traço, marca, letra que não fazem literatura mas sulcos na superfície [...] Superfícies em que se inscrevem as letras, o que se deposita da linguagem e da língua, deixando marcas que nem sempre são dialetizáveis, mas que nem por isso deixam de secretar, incomodar, arder, coçar... (ALBERTI, 2011, p. 9).

O corpo encontra em sua superfície aquilo que faz limite e delimita, que possibilita ao bebê diferenciar entre um dentro e um fora. A pele é a borda do corpo e ela pode portar

marcas, tanto do significante, quanto do real que irrompe, como no caso de pessoas que sofreram queimaduras. Assadi (2011) relembra ensinamentos lacanianos para dizer dos sujeitos que sofrem de afecções dermatológicas consideradas psicossomáticas: “[...] acontece algo com esses sujeitos que é da ordem do escrito [...]” (ASSADI, 2011, p. 221). É na pele então que pode se situar algo da escrita do sujeito, tal como o entrevistado 2018 ensina. Ele tatuou uma frase por cima de uma área das cicatrizes que o incomodava. A tatuagem é associada ao novo nome que ele assumiu:

Foi, eu falei, ah eu quero, alguma coisa que... me lembre [a cidade onde residia<sup>22</sup>], que me marque, que me marque, tipo, marque essa passagem que eu tive por aqui. E aí eu conversei com um amigo meu e ele falou, “não, vamos fazer uma tatuagem, você quer uma marca vamos fazer uma tatuagem”. Eu falei, ah, pô véio, *bora!* E aqui era a parte que, mais ficava aparente, da cicatriz, tirando essa parte aqui né, porque, e aqui tem o pelo, que cobre, que era a parte que mais ficava aparente e aí tipo assim, a tatuagem chama mais a atenção pra ela e não, não dá pra reparar muito a cicatriz, que era a que mais me incomodava, era essa aqui... a das mãos é mais tranquilo, às vezes até esqueço que tem... (Entrevistado 2018).

Sobre as tatuagens, Costa (2005) destaca seu aspecto de marca, de traço diferencial, mais do que um mero ornamento no corpo. A autora sugere que o ato de tatuar-se remonta mais à necessidade de se marcar o real, produzindo traços nele, à semelhança dos ossos de caça pelo homem primitivo, ou de marcar uma pertença ao corpo próprio. Assim, tatuar-se não é somente se marcar, é também se escarificar, pois a pele é perfurada no ato e, essa marca, afirma a autora, tem dupla função: singularizar e coletivizar. Ao mesmo tempo em que o sujeito que a porta ganha um traço distintivo em seu corpo, ele passa a fazer parte de um grupo que compartilha desse mesmo traço identificatório.

As tatuagens, o *piercing* e as escarificações podem ser considerados formas de constituir uma borda, que, segundo Costa (2005), é toda relação que se situa entre as fronteiras corporais. Ela destaca que, de alguma maneira, ao longo da história da civilização, parece que sempre houve uma necessidade do ser humano de reconstituir, recortar, as bordas do corpo, de forma incessante. A autora afirma que esse ato de recortar o corpo tem a ver com a erotização e sua necessidade de suporte no Outro: “As bordas são o que constituem a nossa relação com o ambiente, com o outro e com a realidade. De bordas se compõe o nosso olhar – são as bordas que fazem com que possamos ver. Ou seja, ter essa imagem que nos vem de fora e que registramos como sendo nossa.” (COSTA, 2005, p. 17). Nasce-se com essa borda e com a capacidade dela funcionar, mas sua atividade não se dá de forma natural: é necessário

---

<sup>22</sup> O nome da cidade foi omitido a fim de preservar a identidade do entrevistado.

que ela seja recortada. Essa necessidade advém da desnaturação do ser humano, de suas determinações imaginárias, simbólicas e reais.

Costa (2005) esclarece que o corpo é heterogêneo, pois o organismo inclui símbolos e imagens em seu funcionamento. Segundo a autora, a imagem do corpo é vital, necessária e não dispensável, e, nessa medida, ela pode ser considerada como fazendo parte do orgânico. Assim, as imagens se apóiam nos orifícios do corpo, tornando-os erogeneizados e, ali onde aparentemente satisfariam uma função biológica, outra entra em cena. Pelos mesmos orifícios também se colocam funções simbólicas. Nesse sentido, as tatuagens e os *piercings* atendem a uma dupla função: fazerem orifício e acrescentarem algo, elementos estranhos, ao organismo como forma de compor o corpo próprio. Essas duas funções constroem um suporte ou *building*, nas palavras da autora, como que reconstituindo a imagem corporal. Assim, há um resgate da imagem corporal através de suas modificações. Isso leva a pensar que a constituição do olhar (ou de um traço) do Outro como exterioridade se dá por meio da inclusão de uma exterioridade no próprio funcionamento do corpo. Isso que vem de fora, esse signo do Outro, está contido no discurso social.

Siqueira (2013) estudou identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais na atualidade. Após isolar elementos subjetivos relevantes referentes à dinâmica das identificações percebidas nos depoimentos, a autora distinguiu dois grupos: um grupo constituído por sujeitos que buscavam, com suas práticas de marcar o corpo, convocar o olhar do Outro, identificados horizontalmente por meio de suas práticas, cujas demandas eram endereçadas ao Outro; e outro grupo, em que o sujeito ancorava seu ser em suas modificações corporais. Nesse segundo grupo, as marcas corporais representavam uma tentativa do sujeito de responder ao excesso de gozo sem ordenamento fálico que o ultrapassava, retornando maciçamente para seu corpo. Nota-se que, para além de práticas de inscrições corporais que buscam atrair o olhar do Outro, com finalidade estética, ou de identificação a um grupo, algumas marcas podem ser percebidas como em outra direção, fazendo do corpo o suporte de um gozo mortífero, que irrompe no real e retorna sobre ele, sob a forma de marcas que não cessam de não se escrever. Essas marcas que revelam outra função dentro da história do sujeito.

Assim como as tatuagens e os *piercings* delimitam novas bordas e reconstróem a imagem do corpo, afetando assim o eu do sujeito, as queimaduras, que não tem função estética, acabam por produzir uma nova pele para o indivíduo que se queimou. As cicatrizes têm texturas e coloração distintas da pele anterior e os enxertos são nada mais do que a pele de outro local do corpo recolocada nas áreas em que a queimadura estava mais profunda,

produzindo assim recortes e novas bordas no corpo do indivíduo.

Quando o ato de se queimar é intencional, pode-se questionar se suas marcas não são uma tentativa de produzir algo da escrita no corpo do sujeito. Seja para dar contenção a um gozo excessivo, invasivo, como no caso do entrevistado 2016, que se queima em meio a um surto psicótico, num remanejamento de angústia, seja uma tentativa de construir bordas e limites no corpo, caso do entrevistado 2015, em que o corpo parece não estar organizado pelo simbólico.

Costa (2005) afirma que a tatuagem dá corpo a algo inapreensível, à semelhança do traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito, conferindo-lhe, ao mesmo tempo, erotismo em seu funcionamento corporal. Nesse sentido, a tatuagem colocaria em cena um aspecto de valor totêmico, que faz com que o corpo e sua representação assumam algo de singular e de coletizável. Singular por remeter a um traço que pode capturar o olhar do outro e coletivo com relação ao lugar que esse olhar pode conferir a seu portador, enquanto uma identidade. Esses elementos podem se tornar veículos de circulação social e dizem respeito à necessidade de que algo se atualize, colocando em ato a impressão primária das marcas corporais:

Essa *impressão* compõe a reunião de heterogêneos, como podem ser o registro corporal de um símbolo (o sem sentido e abstrato traço que o nome próprio traz de enigmático, como primeira impressão simbólica); bem como a impressão como experiência corporal de prazer / desprazer, definida por Freud como necessária à incorporação de alguma representação. (COSTA, 2005, p. 19-20, grifo da autora).

Dessa forma, pode-se aproximar o que tem se trabalhado aqui sobre as marcas de queimaduras à tatuagem, no que diz respeito ao poder de captura do olhar. Ainda nesse sentido, as queimaduras podem revelar a necessidade de atualização das primeiras marcas do sujeito, que, por não terem encontrado leitura, buscam um meio de se inscrever. O que afetou o entrevistado 2015 desde a sua infância pode ser considerado a marca do encontro traumático com o sexual:

Não, não. Não tem mais não. Não tem problema a queimadura não. Só naquela época e depois que eu sai, que eu tinha que voltar de vez em quando, depois, foi, sumiu. [...] Tem marca né? Mas num, não me... isso não me afetou [...] Não... Porque tem coisa pior que me afetou que isso. (Entrevistado 2015).

O real ficou inscrito, mas, por não ter encontrado uma leitura, ali permanece, controlando o sujeito sem que ele o saiba, tal como no apólogo lacaniano:

[...] um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia. (LACAN, [1960] /1998, p. 818).

No ato de se queimar, pode-se pensar que o sujeito poderia estar buscando um endereçamento para os traços invisíveis que carrega em seu corpo, sem saber, resultado do percurso da pulsão. Esses traços buscam o olhar do Outro e a sua decifração, pedem por uma leitura. Pode-se pensar ainda que o ato de se queimar promove também a mudança do sujeito, que passa de uma posição de indeterminação a um lugar de busca por uma leitura de sua escrita.

Nesse sentido, pode-se reafirmar que as queimaduras atingem muito mais do que a pele e o organismo do indivíduo. Elas podem provocar sequelas e limitações físicas, além de alterar a imagem corporal. Suas causas, a dor vivenciada durante o tratamento e as transformações que podem causar na vida das pessoas e de suas famílias geram implicações psíquicas importantes. Pode-se pensar que elas atingem o corpo, recriando bordas e limites, e isso implica que sujeito e Outro também sejam transformados, recriados. Ao atingir a carne, as queimaduras trazem à luz do olhar o que está por trás do véu da imagem constituída pela fantasia, o horror do objeto. As queimaduras são as marcas que se inscreveram no real do corpo do sujeito, e são também as marcas do real nesse corpo. O real evocado pelo fogo, que mortifica o sujeito e seu desejo, mas que, marcando o seu corpo, convoca o Outro para que ele possa renascer com a sua leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar possíveis implicações subjetivas que marcas de queimaduras provocadas pelo próprio sujeito poderiam ter em suas vidas. Assim, mostrou-se fundamental escutar ex-pacientes do hospital em que trabalha a pesquisadora, que atearam fogo em seus corpos, de forma a elucidar pontos que poderiam estar implicados nesse ato que deixa suas marcas no corpo.

A pergunta que originou essa pesquisa surgiu da prática clínica da pesquisadora, que se dá em um hospital, instituição em que ainda impera o modelo biomédico, apesar das atuais ações em saúde pública buscarem atender o ser humano em sua integralidade. Caracterizado pela distinção entre corpo e mente e com o objetivo de restabelecer a saúde, o discurso biomédico prioriza a doença, deixando de lado o sujeito. Nesse sentido, mostrou-se pertinente que a escrita se iniciasse a partir da contextualização e delimitação do campo das queimaduras, para esclarecer sobre sua gravidade e seu tratamento, de forma a compreender as consequências que elas podem ter para aquele que se queimou. A escuta realizada pela pesquisadora nessas circunstâncias deixou claro que algo do sujeito sempre escapava às tentativas de rotulação e padronização dos corpos por parte do modelo praticado no hospital.

Compreendeu-se que as queimaduras podem ser consideradas uma das formas de traumatismo mais destrutivo que o ser humano pode sofrer, pois elas causam danos complexos e sistêmicos ao organismo e estão associadas a altas taxas de mortalidade. Após ter a sobrevivência assegurada, as funções físico-funcionais, estéticas e emocionais passam a ser fatores de maior influência para a qualidade de vida das vítimas de queimaduras. As possíveis sequelas estético-funcionais e a perda de funções motoras podem incapacitar para o trabalho e interferir nas relações sociais e familiares. As causas das queimaduras, a dor vivenciada durante o tratamento e as transformações que elas podem causar na vida das pessoas e de suas famílias podem gerar implicações psíquicas importantes.

O estudo desse cenário possibilitou a compreensão de que cicatrizes e sequelas de queimaduras não afetam apenas o que está em jogo no aspecto biológico e devem ser investigadas a partir do que o sujeito pode dizer delas, pois o corpo implica as três dimensões, real, simbólica e imaginária, e o sujeito que interessa a essa pesquisa é o sujeito do inconsciente, constituído no campo da linguagem.

Dessa forma, partiu-se das orientações psicanalíticas lacanianas e, também freudianas, para desenvolver esse trabalho, que consideram o singular do sujeito. Essa escolha metodológica evitou modelos generalistas e reducionistas para estudar possíveis implicações

das marcas de queimaduras, visto que apenas o sujeito que porta tais marcas pode falar sobre seus afetamentos.

Foi necessário recortar alguns pontos teóricos já presentes no problema que se levantou, tais como a contextualização e delimitação do campo das queimaduras, mas, o verdadeiro norte teórico resultou das falas dos pacientes. Assim, a partir da escuta dos sujeitos e do agrupamento de pontos-chave de seus discursos, buscou-se um princípio de classificação, para orientar a discussão de pontos teóricos que pudessem ajudar a elucidar o problema da pesquisa. Assim, seguindo as elaborações de Miller (2001), foram levantadas as seguintes categorias: transformações subjetivas, marcas invisíveis e marcas disponíveis ao olhar.

Pensar sobre as queimaduras provocadas de forma intencional, levou à reflexão sobre possíveis significações que o fogo poderia assumir para esses sujeitos. Assim, percorreram-se os caminhos teóricos pelos quais o fogo foi estudado sob a ótica da psicanálise. Freud destaca a necessária renúncia pulsional implicada na aquisição e controle do fogo pelo ser humano. Para ele, o homem adquiriu controle sobre o fogo ao renunciar ao gozo de apagá-lo com sua urina. Foram encontradas associações entre o fogo e a enurese, associada à masturbação infantil e ao desejo, assim como correlações entre o fogo, o sexual e o desejo, sugerindo que esses aspectos, constitutivos do sujeito e que permeiam sua relação com o Outro, podem se mostrar imbricados no arder das chamas. Tal como nas lendas sobre o fogo, especialmente aquelas associadas ao órgão sexual masculino, pode-se afirmar que a pulsão busca incessantemente a satisfação, o que remete à indestrutibilidade do desejo. Contudo, ao se escutar os sujeitos desta pesquisa, percebe-se que, por não encontrar representação, a pulsão também pode acabar por levar o sujeito a um caminho mortífero e destrutivo, como o ato de atear fogo no corpo. O entrevistado 2015, ao dizer de sua “depressão”, remete a um desejo totalmente alienado ao Outro, que, por reduzi-lo à posição de dejetivo, o leva a tentativa de mortificá-lo eternamente. É o que mostra também a entrevistada 2017, com o quase total desinvestimento de seu corpo. A necessidade de se fazer alguma coisa para acabar com a insistência do gozo que não cessa de não se inscrever no corpo também remete à indestrutibilidade do desejo, que arde e queima no corpo, como revela a entrevistada 2013, com seu ato endereçado ao Outro.

A ação de atear fogo no corpo foi abordada no sentido de um ato do sujeito, que visa acabar com a sua indeterminação frente ao real, momento em que a angústia excede e o sujeito encontra-se apagado ao máximo pela barra. Conforme estudado, após o remanejamento da angústia por meio do agir, o sujeito, que surge, *a posteriori*, não é o mesmo de antes, e o seu desejo aparece como que renovado. Assim, as transformações

subjetivas que foram observadas nos entrevistados foram abordadas com referência ao que elas puderam ensinar sobre a estrutura do ato em psicanálise. As vertentes do ato foram delimitadas enquanto *acting out*, passagem ao ato e ato analítico.

Compreendeu-se que as dimensões do *acting out* e da passagem ao ato podem ser encontradas nas diferentes estruturas, conforme os atos dos sujeitos entrevistados revelaram. Se para a entrevistada 2013 seu ato é endereçado a um Outro e se encontra na dimensão da repetição do *acting out*, para os outros sujeitos a apreensão do sentido do ato de se queimar parece desvelar a saída da cena, o se deixar cair do objeto, da passagem ao ato. Os efeitos estabilizadores da passagem ao ato na psicose puderam ser observados nas falas do entrevistado 2016 e do entrevistado 2018, sugerindo a inscrição e a circunscrição de algo do gozo desses sujeitos, que possibilitou seu apaziguamento e o novo posicionamento dos sujeitos frente ao Outro. Contudo, sabe-se que a passagem ao ato não deve ser incentivada como solução na psicose, pois, ao buscar a contenção do gozo pela via do ato, o psicótico acaba por efetuar uma separação radical do Outro, desfazendo possibilidades de laço social. Os atos da entrevistada 2017 e do entrevistado 2015 revelam que, em suas tentativas de remanejar a angústia, não houve a contenção do gozo e, com a conotação agressiva de seus atos, a inserção no laço social se mostrou desfavorecida, corroborando com os achados teóricos dos estudos realizados.

A temática da pesquisa, implicações subjetivas de marcas, cicatrizes e, em alguns casos, sequelas físicas, resultantes do ato de atear fogo no corpo, tornou necessário que o corpo fosse colocado em discussão. Buscou-se delimitar a noção de corpo para a psicanálise e estudou-se a sua constituição. Os resultados encontrados nesta pesquisa mostraram que o ato de provocar as queimaduras atinge o corpo do sujeito, recriando bordas e limites, e isso implica que sujeito e Outro também sejam transformados, recriados.

Compreendeu-se que o corpo é superfície, que porta as marcas deixadas pelo significante e que tem suas bordas desenhadas pela pulsão. É também superfície onde algo da escrita do sujeito pode acontecer, esperando encontrar uma leitura do Outro, tal como o fogo deixou rastros na pele dos sujeitos, nas marcas das queimaduras. Escrita, bordas e pulsão sinalizam que as marcas do sujeito encontram-se no limite, no litoral que faz o significante com o real. Isso torna possível retomar ensinamentos e questionamentos deixados por Lacan, para sugerir que é nesse litoral que se pode encontrar uma escrita do gozo do sujeito, uma escrita que faz borda entre a dimensão simbólica e a dimensão real, reconstruindo seus limites. É o que revela o entrevistado 2018, que, a partir de seu ato, circunscreve algo do gozo. Para ele, suas queimaduras são “marcas de batalha”, que lhe possibilitaram a nomeação

de algo de seu gozo com a escrita que produziu e o encontro de um lugar no Outro. Circunscrever algo do gozo por meio da escrita revelou também a possibilidade de alguns sujeitos entrevistados de conferir melhor tratamento ao corpo, como contaram a entrevistada 2013 e os entrevistados dos anos de 2016 e 2018.

As marcas em questão nesta dissertação são aquelas que resultam de queimaduras provocadas pelo próprio sujeito. Ao considerar a gravidade e a dor que se encontram associadas às queimaduras, tais marcas não podem ser consideradas da mesma forma que outras quaisquer, pois, elas são cicatrizes e sequelas gravadas pelo fogo na imagem de seus corpos. Quando não acaba com tudo, o fogo reduz a cinzas ou deixa um rastro de destruição e devastação como resto. Ao atingir a pele dos sujeitos, o fogo e as queimaduras trazem à luz do olhar o que está por trás do véu da imagem constituída pela fantasia, descortinando o horror do objeto, reduzido ao organismo. Nesse sentido, concluiu-se que as queimaduras são as marcas que se inscreveram no real do corpo do sujeito, e são também as marcas do real nesse corpo.

O fogo irrompe como um real inabalável, algo da ordem de um limite, que provoca uma ruptura na cadeia significante. Admitir que o fogo é como o real que atravessa os sujeitos torna possível reconhecer que todos os sujeitos portam marcas desse real em seus corpos e que, nesse sentido, não existe corpo sem marca. Isso leva a refletir sobre qual lugar e função que essas marcas ocupam: teriam sido essas marcas do Outro que, por não terem sido inscritas e simbolizadas, levaram esses sujeitos a reproduzi-las em seus corpos com as queimaduras, buscando assim um endereçamento do olhar e uma possível leitura? Concluir com uma pergunta revela o desejo de continuar e a intenção de que algo da ordem do não saber permaneça no horizonte, de forma que outras perguntas possam ser relançadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Sonia. O ato na psicanálise. *In*: ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999. p. 51-63.

ALBERTI, Sonia. O corpo, uma superfície. *In*: ALBERTI, Sonia; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro Ribeiro (orgs.). **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos; Contra Capa Livraria, 2004. p. 37-46.

ALBERTI, Sonia. Psicanálise e corpo, em pesquisa. *In*: RAMIREZ, Heloísa Helena Aragão e; ASSADI, Tatiana Carvalho; DUNKER, Christian Ingo Lenz (orgs.). **A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise**. São Paulo: Annablume editora, 2011. p. 9-14.

ASSADI, Tatiana Carvalho. a – pelLe. *In*: RAMIREZ, Heloísa Helena Aragão e; ASSADI, Tatiana Carvalho; DUNKER, Christian Ingo Lenz (orgs.). **A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise**. São Paulo: Annablume editora, 2011. p. 221-239.

ARRUNATÉGUI, Gino César Cunha. **Queimaduras com álcool em crianças: realidade brasileira e vulnerabilidades**. 2011. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-06062011-140523/pt-br.php>. Acesso em: 23 set. 2018.

BASSOLS, Miquel. Abertura Scilicet, o corpo falante da AMP. *In*: Escola Brasileira de Psicanálise. **Scilicet, o corpo falante – Sobre o inconsciente no século XXI**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 7-12.

BOTEGA, Neury José. **Crise Suicida: Avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BROUSSE, Marie-Hélène. Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho. **Opção Lacaniana on line nova série**, Belo Horizonte, n. 15, p. 1-17, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_15/Corpos\\_lacanianos.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf). Acesso em: 20 mar. 2019.

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. Passagem ao ato e *acting-out*: duas respostas subjetivas. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 2, p. 245-256, mai-ago, 2010.

CASTANET, Hervé. **Para compreender Lacan**. Tradução Carla de Abreu Machado Derzi e Cristina Moreira Marcos. Ilustrações de Yves Rouvière. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.

CASTANET, Hervé.; ROUVIÈRE, Yves. **Compreender Freud: guia ilustrado**. Tradução Carla de Abreu Machado Derzi. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.

COSTA, Ana. Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. (Clínica Psicanalítica, 21). *E-book*.

COSTA, Daniela Scarpa da Silva. **Ato suicida na infância: do acidental ao ato**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em:

[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia\\_CostaDS\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_CostaDS_1.pdf). Acesso em: 04 dez. 2019.

CUKIERT, Michele. Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 225-241, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a22v1512.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNICK, Léia. Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 143-149, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000100014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 29 ago 2019.

DESSAL, Gustavo. Sobre el Estadio del Espejo em diferentes momentos de la enseñanza de Lacan. *In*: BROUSSE, Marie-Hélène (org). **Seminario de investigación: el cuerpo en psicoanálisis**. Madrid: Espacio de investigación madrileño, 2001. p.43-50.

DUTRA, Maria Cristina Bechelany. As relações entre psicose e periculosidade: contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 3, n. 4, p. 48-58, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v3n4/1415-4714-rlpf-3-4-0048.pdf>. Acesso em 08 set. 2019.

FERRARI, Ilka Franco. No século da biologia: o corpo erógeno. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 40, n.2, p. 213-225, 2008. Disponível em: <http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/01%20TP40.2%20-%20Ilka%20Franco%20Ferrari.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

FLANZER, Sandra Niskier. O amor é fogo!. **Psychê**, São Paulo, n. 21, p.131-144, jul-dez, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n21/v11n21a09.pdf>. Acesso em 23 dez. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2012.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.2.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900-1901). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.5.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. (1901) *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.6.

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.7. p.15-116.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. (1914) *In*: FREUD, Sigmund. **Edição**

**standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.12. 159-171.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. (1915) *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v.12. p.173-190.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil. (1918). *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v. 17. p.13-129.

FREUD, Sigmund. O estranho. (1919) *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v. 17. p. 233-273.

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. (1923) *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v. v.18. 249- 274.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. (1923) *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v. 19. p.13-80.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. (1930). *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v. 21. p.65-153.

FREUD, Sigmund. A aquisição e o controle do fogo. (1932). *In:* FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 v., v. 22. p. 179-188.

GALLO, Héctor. Del método y la investigación psicoanalítica. *In:* RAMÍREZ, Mario Elkin; GALLO, Héctor. **El psicoanálisis y la investigación en la universidad.** Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012. p. 77-103.

GERBASE, Jairo. Comentário de Radiofonia. **Campo psicanalítico: transmissão, pesquisa, clínica,** Salvador, [19--] Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1116/o-campo-do-significante.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2019.

GOYA, Amanda. El cuerpo em la psicosis. *In:* BROUSSE, Marie-Helene (org). **Seminario de investigación: el cuerpo en psicoanálisis.** Madrid: Espacio de investigación madrileño, 2001. p. 67-82.

GRASES, Silvia. Modalidades de rechazo del cuerpo. **NODUS,** Barcelona, v. 14, 2005. Disponível em: <http://www.scb-icf.net/nodus/contingut/arxiupdf.php?idarticle=201&rev=28>. Acesso em: 24 nov. 2018.

GRECO, Musso. Os espelhos de Lacan. **Opção Lacaniana on line nova série,** Belo Horizonte, n. 6, p. 1-13, 2011. Disponível em: [http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Os\\_espelhos\\_de\\_Lacan.pdf](http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf). Acesso em: 24 nov.

2018.

GUERRA, Andréa Máris Campos. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Coleção Passo a passo, 90).

GUERRA, Andréa Máris Campos. Impacto clínico da topologia borromeana no estruturalismo lacaniano. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 35-51, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982017000100035](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000100035). Acesso em: 04 dez. 2019.

GUIMARÃES, Maria Celina Pinheiro. O estatuto renovado da passagem ao ato. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 291-306, 2009.

GUIMARÃES, Marcelo Alves; SILVA, Flávia Bússolo da; ARRAIS, Alessandra. A atuação do psicólogo junto a pacientes na Unidade de Tratamento de Queimados. **Revista Brasileira de Queimaduras**, Goiânia, v.11, n. 3, p. 128-134, 2012. Disponível em: <http://rbqueimaduras.org.br/details/118/pt-BR/a-atuacao-do-psicologo-junto-a-pacientes-na-unidade-de-tratamento-de-queimados>. Acesso em: 24 nov. 2018.

KAUFMANNER, Henri. **A incidência das tentativas de suicídio na clínica das psicoses**. 2018. Trabalho apresentado no encontro do Núcleo de Psicose da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1932-1987.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1949-1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 1, Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1953-1986.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1953-1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 2, O eu na teoria de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1954-2010.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 3, As psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1955-1988.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 5, As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1957-1999.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 10, A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962-2005.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964-2008.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 15, O ato analítico**. Inédito. 1967-1968.

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969-2003, p. 371-379.

LACAN, Jacques. *Lituraterra*. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971-2003, p. 15-25.

LACAN, Jacques. Lição sobre *Lituraterra*. *In*: LACAN, Jacques. **O seminário livro 18, De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971-2009. p. 105-119.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 20, Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972-2008.

LACAN, Jacques. Joyce, o Sintoma. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976-2003, p. 560-566.

LACAN, Jacques. Radiofonia. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979-2003, p. 403- 447.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960-1998. p. 807-842.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teorias, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. São Paulo: Atlas, 2006.

LEÃO, Carlos Eduardo Guimarães *et al.* Epidemiologia das queimaduras no estado de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 573-577, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-51752011000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-51752011000400006). Acesso em: 11 fev. 2020.

LEITE, Darla Moreira Carneiro. **Mulheres com queimadura autoinfligida: considerações psicanalíticas a partir da escuta em hospital geral**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR\\_11f5a9fdd8d29fcfc925fb6f4aba353](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_11f5a9fdd8d29fcfc925fb6f4aba353). Acesso em: 04 dez. 2019.

MACIEL, Karine Viana; CASTRO, Elisa Kern de; LAWRENZ, Priscila. Os motivos da escolha do fogo nas tentativas de suicídio realizadas por mulheres. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n.1, p. 195-206, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n1/v22n1a15.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MACHADO, Tiago Haddad Simões *et al.* Estudo epidemiológico das crianças queimadas de 0-15 anos atendidas no Hospital Geral do Andaraí, durante o período de 1997 a 2007. **Revista Brasileira de Queimaduras**, Goiânia, v.8, n.1, p. 3-8, 2009. Disponível em: [rbqueimaduras.com.br/export-pdf/3/v8n1a03.pdf](http://rbqueimaduras.com.br/export-pdf/3/v8n1a03.pdf). Acesso em: 23 set. 2018.

MANDIL, Ram Avraham. O masculino diante do fogo. **Derivas analíticas**, Belo Horizonte, n. 1, 2014. Belo Horizonte. Disponível em:

<http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/masculino>. Acesso em: 21 dez. 2019.

MANSO, Rita; CALDAS, Heloísa. Escrita no corpo: gozo e laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 16, número especial, p. 109-126, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982013000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000300008). Acesso em: 21 dez. 2019.

MILLER, Jacques-Alain. **Elementos de Biologia Lacaniana**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1999.

MILLER, Jacques-Alain. **La naturaleza de los semblantes**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. **Opção lacaniana online nova série**, Belo Horizonte, ano 5, n. 13, p. 1-13, mar. 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_13/passagem\\_ao\\_ato.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf). Acesso em: 04 dez. 2019.

MINAS GERAIS (Estado). Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais. **Atendimento ao queimado**. Minas Gerais: Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, 2013. Disponível em: [http://www.fhemig.mg.gov.br/index.php/docman/Protocolos\\_Clinicos-1/172-039-atendimento-ao-queimado-07082014/file](http://www.fhemig.mg.gov.br/index.php/docman/Protocolos_Clinicos-1/172-039-atendimento-ao-queimado-07082014/file). Acesso em: 24 nov. 2018.

MOCELIN, Valéria Lucarelli; ANDREOLI, Paola Bruno de Araújo. Abordagem psicológica do paciente vítima de queimaduras. In: KNOBEL, Elias. **Psicologia e Humanização: assistência aos pacientes graves**. São Paulo: Atheneu, 2008. Cap. 5, p. 55-63.

MONRIBOT, Patrick. ¿Qué Curación del cuerpo en análisis?. **Nueva Escuela Lacaniana del Campo Freudiano**, México, 2003. Disponível em: <http://www.nel-mexico.org/articulos/seccion/textosonline/subseccion/Principios-y-finales-de-analisis/474/Que-Curacion-del-cuerpo-en-analisis#notas>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra: OMS, 2000.

RAMÍREZ, Mario Elkin. El método clínico de Freud aplicado a la investigación de fenómenos sociales. In: RAMÍREZ, Mario Elkin; GALLO, Héctor. **El psicoanálisis y la investigación en la universidad**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012. p. 129-161.

SÁNCHEZ, Blanca. Corporização: o mistério do corpo que fala. In: Escola Brasileira de Psicanálise. **Scilicet, o corpo falante – Sobre o inconsciente no século XXI**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 79-81.

SIQUEIRA, Elizabete Regina Almeida de. **Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUEIMADURAS. Queimaduras. Goiânia: SBQ, 2015. Disponível em: <http://sbqueimaduras.org.br/queimaduras-conceito-e-causas/>. Acesso em: 09

set. 2018.

UM milhão de brasileiros sofrem queimaduras por ano: Crianças e pessoas de baixa renda são as maiores vítimas de queimaduras. País possui centros de tratamento especializado. **Governo do Brasil**, Brasil, 23 dez. 2017. Saúde. Disponível em:

<http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2017/06/um-milhao-de-brasileiros-sofrem-queimaduras-por-ano>. Acesso em: 08 set. 2018.

**APÊNDICE A**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Declaro estar ciente que o projeto de pesquisa intitulado **“Corpo que se marca pelo fogo: implicações subjetivas”** será avaliado por Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, bem como conhecer e cumprir a Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a pesquisadora Raquel Mieco Minini e sua orientadora Professora Doutora Ilka Franco Ferrari a realizarem a (s) etapa(s) de sua pesquisa utilizando-se da infraestrutura desta instituição.

---

Diretor do HJXXIII

---

Chefe da Unidade de Apoio ao Paciente / Chefia imediata da Psicologia do HJXXIII

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

**APÊNDICE B**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Fale-me sobre sua história de vida, da forma como lhe pareça melhor.
2. O que aconteceu para que você se internasse em razão das queimaduras?
3. Como está o tratamento de suas queimaduras no momento?
4. Como você cuida / trata das marcas das queimaduras, no momento?
5. O que você pode dizer acerca das marcas das queimaduras que ficaram em seu corpo?
6. Como está sua vida agora?
7. Você gostaria de acrescentar algo mais que não foi perguntado?

OBS: A partir das respostas aqui obtidas, outras questões poderão surgir e, portanto, não podem ser previstas *a priori*.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS  
GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ANEXO A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

N.º Registro CEP: CAAE (colocar o número de registro obtido no CEP PUC Minas)

Título do Projeto: **Corpo que se marca pelo fogo: implicações subjetivas**

Prezado Sr (a),

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de estudar possíveis implicações que marcas de queimaduras, causadas pela própria pessoa, possam ter tido em suas vidas.

Você foi selecionado (a) porque a pesquisadora considerou que você atende aos critérios estabelecidos para que a pesquisa aconteça, ou seja: ser morador da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com idade igual ou superior a 18 anos, ter dado entrada no hospital em que a pesquisadora trabalha por motivo de queimaduras provocadas por si próprio, no período de 2012 a 2018. A sua contribuição para esse estudo consiste em participar de uma entrevista, realizada pesquisadora responsável, em local, data e horário previamente acordados, quando você será convidado a contar um pouco sobre sua história de vida e acerca de possíveis implicações das

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo  
Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Email: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS  
GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ANEXO A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

marcas das queimaduras, em sua vida. A entrevista será gravada e, caso você não concorde com a gravação, suas respostas serão anotadas pela pesquisadora, podendo ser alteradas ou excluídas se esta for a sua vontade. Será realizado, também, um estudo de seu prontuário, resguardando o sigilo de sua identidade. Em princípio, esta pesquisa não apresenta riscos à sua integridade física e / ou moral, mas, caso haja algum desconforto ao participar da mesma, você poderá interromper

ou desistir de sua participação, retirando seu consentimento a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão. Caso ocorra algum desconforto durante ou a partir do processo de entrevista, é importante que ele seja comunicado à pesquisadora, para que juntos possamos decidir o melhor encaminhamento para a situação, de forma ágil e eficaz, de modo a não lhe prejudicar. Caso você desista da entrevista, também não ocorrerá o estudo de seu prontuário.

Sua participação é muito importante e é voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Você não terá nenhum gasto e a despesa com transporte será paga pela pesquisadora, após a entrevista.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Email: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS  
GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ANEXO A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

sua participação em todas as fases da pesquisa, inclusive quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Considera-se que os resultados dessa pesquisa servirão para o estabelecimento e / ou melhoramento do funcionamento de políticas públicas no tocante à prevenção e ao tratamento de queimaduras, contribuindo para tratamentos possíveis, que também poderão beneficiar os sujeitos

implicados nessa pesquisa, considerando as singularidades e particularidades de cada caso.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora responsável e dos Comitês de Ética em Pesquisa - CEP da PUC Minas e da FUNDAÇÃO

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Email: cep.proppg@pucminas.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS  
GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ANEXO A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

HOSPITALAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Raquel Mieco Minini, Avenida Professor Alfredo Balena, 400 – 8º andar, Bairro Santa Efigênia - Belo Horizonte – Minas Gerais. Telefone: (31) 3239-9310. E-mail: [raquel.minini@fhemig.mg.gov.br](mailto:raquel.minini@fhemig.mg.gov.br)

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP: Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517, CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil. E-mail: [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br)

Comitê de Ética em Pesquisa – FHEMIG: Alameda Álvaro Celso, 100, Bairro Santa Efigênia – Belo Horizonte - Minas Gerais. Fone: (31) 3239-9552 – FAX: (31) 3239-9552, CEP: 30150-260. E-mail: [cep@fhemig.mg.gov.br](mailto:cep@fhemig.mg.gov.br)

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Cristiana Leite Carvalho que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Email: [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS  
GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

**ANEXO A**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

*e-mail* [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br).

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Nome do participante (em letra de forma)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou representante legal

\_\_\_\_\_  
Data

Eu, Raquel Mico Minini, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e confiança.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Data

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Email: [cep.proppg@pucminas.br](mailto:cep.proppg@pucminas.br)